

NM

Orientação

AGRADECIMENTOS

A realização do presente relatório envolveu um intenso trabalho e esforço pessoal, no entanto, acreditando que se trata de um trabalho conjunto de partilha de saberes e experiências torna-se inevitável e imprescindível agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, proporcionaram as condições e o apoio necessário à sua realização.

À mestre Ana Oliveira, por todo o apoio, incentivo e espírito crítico demonstrados ao longo deste percurso; pela disponibilidade e compreensão; e pela partilha de saberes e experiências que permitiram um maior crescimento pessoal e profissional.

À Professora Doutora Deolinda Ribeiro pela exigência e pelos saberes teóricos partilhados.

À turma A do Pré-Escolar do Jardim de Infância da Vilarinha pelos momentos em que sonhámos juntos; pelos mimos e pelo carinho.

À Educadora Maria do Carmo Almeida pela partilha e amizade.

À direção e a toda a comunidade educativa da Escola da Vilarinha pela forma como fui recebida, pela disponibilidade e por todo o auxílio prestado.

À minha família pelo esforço de proporcionar as melhores condições para que continue a ser possível crescer a nível profissional.

A todos os meus amigos pelo apoio incondicional, pela cumplicidade e amizade tão úteis em todos os momentos deste processo.

Aos meus padrinhos, à Mariana e ao Zé Pedro por terem acolhido mais um membro na família e terem feito sempre com que me sentisse em casa.

À Carla e à Mariana por serem assim; por fazerem de qualquer problema algo de que no futuro nos possamos rir e por, mesmo distantes, estarem sempre atentas.

À Marta, à Maria e à Erica pela forma como me acolheram; pelas conversas de todos os dias; pelos risos e pelos momentos de stress partilhados.

À Kika por ter contribuído de forma tão positiva neste caminho; por ter sempre as palavras certas e pela força nos momentos de desalento.

À Rita e à Juliana pela companhia e pelos momentos bem passados durante o estágio; pela partilha de ideias e opiniões e pela ajuda em todo o percurso.

Às “espargatitas” e treinadoras da Academia pela compreensão; pela animação de todos os treinos e pelas alegrias e frustrações partilhadas.

À Raquel e à Catarina, pela paciência de sempre; por acreditarem comigo e por estarem sempre presentes.

RESUMO

Palavras-Chave: *Prática Pedagógica Supervisionada, Educação Pré-Escolar, Papel do Educador, Desenvolvimento Pessoal e Profissional.*

O presente Relatório de Estágio reflete o percurso e as atividades realizadas como estagiária, desde fevereiro até ao mês de junho. Surge no âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada, do 2º semestre do 1º ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Pretende-se desta forma demonstrar o processo de formação desenvolvido com o intuito de adquirir as competências definidas no programa da unidade curricular em consonância com o perfil do educador estabelecido pelo Decreto-Lei nº241/2001. Este processo teve consequências não só na formação pessoal e profissional da estagiária mas também no desenvolvimento das crianças.

O estágio foi realizado em díade num Jardim de Infância da rede pública, no concelho de Ramalde.

A recolha de dados sobre a turma e sobre o meio envolvente para a caracterização devida e para a elaboração das reflexões, foi feita através da observação direta e da interação com as crianças, bem como das suas fichas pessoais e de inquéritos. Para um exercício da prática profissional devidamente fundamentado, privilegiaram-se documentos orientadores como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e as Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar.

Ao longo de todo este percurso, procurou-se adequar as estratégias e modelos às características específicas das crianças e do grupo, articular saberes teóricos e desenvolver um papel ativo e um perfil de constante reflexão. Através do trabalho em díade e do trabalho em cooperação com a professora supervisora e a educadora cooperante, houve a preocupação de avaliar o desempenho da estagiária e o crescimento pessoal e profissional, com o objetivo de formar um profissional competente e capaz de tomar decisões favoráveis e assegurar o bem-estar das crianças.

ABSTRACT

Key-words: pedagogical practice; preschool education; educator's role; personal and professional development.

This Internship Report reflects the journey and activities undertaken as an intern, from February to the present month. It arises within the course of Supervised Teaching Practice, 2nd semester of the Masters in Preschool Education and Teaching 1st Cycle of Basic Education.

It is intended to this way to focus on the educational practices and reflect on the role of the educator in personal training, social and cultural development of the child.

The internship was held in a dyad in public kindergarten, in the county of Ramalde.

The collection of data on the class and on the environment appropriate to the characterization and the preparation of reflections were made through direct observation and interaction with children as well as their personnel records and surveys.

For an exercise of professional practice duly justified the preference was for guiding documents such as Curriculum Guidelines for Pre-School Education and Learning Goals for Preschool.

Throughout this journey, we tried to adapt the strategies and models to the specific characteristics of the children and the group, articulating theoretical knowledge and develop an active and a profile of constant reflection.

Through the work in dyads and work in cooperation with the supervisor and teacher educator cooperative, there was a concern to evaluate the performance of the trainee and the personal and professional growth, with the aim of forming a competent and able to make decisions and ensure favorable well-being of children.

ÍNDICE

Agradecimentos	1
Resumo	3
Abstract	4
Lista de Figuras	6
Lista de Anexos	9
Introdução	11
1. Enquadramento teórico conceitual e legal	15
1.1.1. A Educação de Infância na Formação Global do Ser Humano e o Papel do Educador de Infância	15
2. Caracterização geral da instituição de Estágio	25
2.1. Localização, história e caracterização da instituição e do espaço educativo	25
2.2. Caracterização da Turma	27
2.3. Projeto Educativo	29
3. Descrição e análise das atividades desenvolvidas e dos resultados obtidos	33
4. Reflexão final	48
Bibliografia	51

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Área da casa
- Figura 2 – Área da casa
- Figura 3 – Área das Expressões artísticas
- Figura 4 – Área dos blocos e construção
- Figura 5 – Área dos jogos/brinquedos
- Figura 6 – Área da leitura
- Figura 7 – Almofada decorada pela estagiária
- Figura 8 – Almofada decorada pelas crianças
- Figura 9 – Almofada decorada pelas crianças
- Figura 10 – Almofada decorada pelas crianças
- Figura 11 – Teatro de fantoches “A Fada Palavrinhae o Gigante das Bibliotecas”
- Figura 12 – Borboleta Mimi
- Figura 13 – Encenação da história “Borboletas”
- Figura 14 – Encenação da história “Borboletas”
- Figura 15 – Brincadeiras com as crianças durante a encenação da história das borboletas
- Figura 16 – Leitura da História “Borboletas”
- Figura 17 – Bichos de seda
- Figura 18 – Registo do desenvolvimento das larvas
- Figura 19 – Castelo realizado em conjunto com as famílias
- Figura 20 – Registo dos castelos de Portugal
- Figura 21 – Visita ao Castelo de Santa Maria da Feira
- Figura 22 – Maracdores de livros
- Figura 23 – Pai a contar história
- Figura 24 – Mãe a contar a história
- Figura 25 – Mãe a contar a história
- Figura 26 – Criança com a mãe a contar história às crianças
- Figura 27 – Pai a contar história
- Figura 28 – Mães e filhas a contar história
- Figura 29 – Criança a contar história com a irmã

Figura 30 – Criança e mãe a contar história
Figura 31 – Criança e mãe a contar história
Figura 32 – Criança e mãe a contar história
Figura 33 – Encontro com a escritora Isabel Pinto
Figura 34 – Encontro com a escritora Leonor Mexia
Figura 35 – Caça aos ovos
Figura 36 – Atividade ao ar livre
Figura 37 – Atividade ao ar livre
Figura 38 – Crianças a brincar no jardim de serralves
Figura 39 – Visita a Serralves
Figura 40 – Ida à praia
Figura 41 – Crianças do 1º ciclo a ler poemas
Figura 42 – Crianças do 1º ciclo a ler poemas
Figura 43 – Crianças do 1º ciclo a ler poemas
Figura 44 – Atividade de expressão motora
Figura 45 – Jogo da alimentação
Figura 46 – Circuito
Figura 47 – Circuito
Figura 48 – Preenchimento da tabela da alimentação
Figura 49 – Tabela da alimentação
Figura 50 – Rodas do tempo – “Ontem, Hoje e Amanhã”
Figura 51 – Jogo “Qual é ela, qual é ela?”
Figura 52 – Exemplo de uma caixa do jogo “Qual é ela, qual é ela?”
Figura 53 – Jogo “Qual é ela, qual é ela?”
Figura 54 – Exemplo de imagem de pistas do jogo
Figura 55 – Caixa do comportamento
Figura 56 – Organização das caixas do comportamento
Figura 57 – Caixa do comportamento
Figura 58 – Experiência “Porque é que as folhas caem?”
Figura 59 – Copo com terra
Figura 60 – Realização da experiência “Porque é que as folhas caem?”
Figura 61 – Realização da experiência “Porque é que as folhas caem?”
Figura 62 – Realização da experiência “Porque é que as folhas caem?”
Figura 63 – Crianças a recolher elementos da natureza
Figura 64 – Colagem de folhas

- Figura 65 – Crianças a elaborar um desenho sobre a natureza
- Figura 66 – Realização de trabalhos para a exposição
- Figura 67 – Trabalhos realizados para a exposição “Olá Primavera”
- Figura 68 – Trabalhos realizados para a exposição “Olá Primavera”
- Figura 69 – Trabalhos realizados para a exposição “Olá Primavera”
- Figura 70 – Preparação do teatro de sombras “A Menina do Mar”
- Figura 71 – Crianças a assistir ao teatro de sombras
- Figura 72 – Estagiárias a realizar o teatro de sombras
- Figura 73 – Teatro de sombras “A Menina do Mar”
- Figura 74 – Teatro de sombras “A Menina do Mar”
- Figura 75 – Estagiária e crianças a conversar
- Figura 76 – Loto marítimo
- Figura 77 – Construção das obras artísticas com base na obra de Van Gogh
- Figura 78 – Construção das obras artísticas com base na obra de Van Gogh
- Figura 79 – Construção das obras artísticas com base na obra de Van Gogh
- Figura 80 – Informação sobre Van Gogh exposta na sala
- Figura 81 – Lagarta de cartão para atividade de expressão motora
- Figura 82 – Borboleta de cartão para atividade de expressão motora

LISTA DE ANEXOS

ANEXOS TIPO A

- ANEXO I – Exemplo de planificação semanal
- ANEXO II – Guião de observação do contexto educativo
- ANEXO III – 1ª Reflexão do Diário de Formação Pessoal
- ANEXO IV – 1ª Narrativa Colaborativa
- ANEXO V – 1ª Narrativa Colaborativa Corrigida
- ANEXO VI – 2ª Narrativa Colaborativa
- ANEXO VII – 2ª Narrativa Colaborativa Corrigida
- ANEXO VIII – 3ª Narrativa Colaborativa
- ANEXO IX – 3ª Narrativa Colaborativa Corrigida
- ANEXO X – 4ª Narrativa Colaborativa
- ANEXO XI – 4ª Narrativa Colaborativa Corrigida
- ANEXO XII – 1ª Planificação Semanal
- ANEXO XIII – 1ª Planificação Semanal Corrigida
- ANEXO XIV – Planificação Semanal de 3 a 7 de junho
- ANEXO XV – Planificação Semanal de 11 a 14 de junho
- ANEXO XVI – História “O Reino do Castelo Encantado”
- ANEXO XVII – Questionário aos pais sobre hábitos de leitura
- ANEXO XVIII – Folha de registo da experiência “Oceano numa garrafa”
- ANEXO XIX - Folha de registo da experiência “Porque é que as folhas caem?”
- ANEXO XX – Quadro síntese do empenho do adulto
- ANEXO XXI – Ficha de Avaliação Geral do Grupo
- ANEXO XXII – Avaliação Geral do Grupo do mês de março
- ANEXO XXIII – Avaliação Geral do Grupo do mês de abril
- ANEXO XXIV – Avaliação Geral do Grupo do mês de maio

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada, sob a Orientação da Doutora Deolinda Ribeiro e da Mestre Ana Oliveira, no decorrer do estágio profissionalizante em Educação Pré-Escolar. A Unidade Curricular faz parte do plano de estudos do 2º semestre do 1º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e este relatório foi elaborado para a obtenção do grau de mestre no já referido mestrado.

O referido estágio foi realizado em díade e teve a duração de quinze semanas, compreendendo três dias por semana, com 5 horas de trabalho pedagógico por dia, perfazendo um total de 210 horas letivas. Iniciou-se a 20 de fevereiro e terminou a 14 de junho, decorrendo num Jardim de Infância da rede pública, numa sala com crianças entre os 3 e os 6 anos de idade.

Todo o trabalho desenvolvido teve como principais objetivos: compreender o modo de funcionamento da instituição e da sala de atividades; articular saberes teóricos com a prática pedagógica; desenvolver atividades significativas para as crianças; desenvolver uma prática pedagógica devidamente sustentada; proporcionar às crianças aprendizagens a nível cultural, social, pessoal, entre outros; utilizar metodologias e estratégias diversificadas no exercício da prática profissional de forma a realizar atividades dinâmicas; integrar a comunidade educativa e estabelecer interação com as famílias e outros agentes educativos integrantes da formação da criança.

Em concordância com estes objetivos, a unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada pretende que no final da formação, o estudante seja capaz de mobilizar os saberes científicos, pedagógicos e culturais, adquiridos nas diferentes unidades curriculares, na conceção, desenvolvimento e avaliação de Projetos Educativos e Curriculares de Grupo, tendo em conta modelos conceituais adequados e rigorosos que fomentem o trabalho intelectual das crianças; saber pensar e agir nos contextos educativos, numa atitude de diferenciação pedagógica com base na diversidade dos sujeitos; construir um perfil profissional reflexivo e indagador, de forma

sistematizada, que lhe permita tomar decisões em momentos de incerteza e insegurança; trabalhar de forma colaborativa e coconstruir saberes profissionais através de projetos de investigação sobre as práticas; problematizar as exigências da prática profissional, refletindo e fundamentando, desenvolvendo competências socioprofissionais e pessoais tendo por base o princípio da aprendizagem ao longo da vida.

A prática pedagógica foi desenvolvida sob a supervisão de uma docente da Escola Superior de Educação e da educadora cooperante da sala onde foi realizado o estágio. Ao longo deste período, para além das reflexões pessoais, realizaram-se reuniões conjuntas e narrativas colaborativas de forma a apoiar e avaliar o percurso da estagiária. No sentido de consolidar conhecimentos, de os mobilizar no desenvolvimento das atividades e de fundamentar as opções educativas, foram também realizadas pesquisas bibliográficas.

O início da prática pedagógica centrou-se essencialmente na observação e identificação das necessidades e interesses das crianças para se proceder à elaboração das planificações semanais com as atividades propostas.

Para a realização deste trabalho final foram sendo elaboradas notas de campo ao longo de todo o estágio, parte integrante do Diário de Formação Pessoal; reflexões semanais; narrativas colaborativas e reuniões com a equipa educativa e a professora supervisora.

No presente relatório, encontra-se um primeiro capítulo referente ao enquadramento teórico conceitual, onde são clarificados conteúdos considerados essenciais à compreensão do processo de formação profissional e do desenvolvimento da prática pedagógica supervisionada; um capítulo de caracterização da instituição e do grupo de crianças que descreve o local onde foi realizado o estágio, a turma, onde são analisados os recursos materiais e humanos, o projeto educativo, os valores e os objetivos da instituição; um capítulo com a descrição e análise das atividades desenvolvidas e os seus resultados; e um capítulo com a reflexão final onde é analisado todo o percurso e se reflete sobre o contributo do estágio para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais, identificando os aspetos positivos e os obstáculos encontrados.

Por fim, serão apresentadas as fontes bibliográficas que ajudaram à fundamentação deste trabalho e, seguidamente, os anexos que contêm todos os recursos considerados essenciais à sua realização e que caracterizaram a

prática profissional. Fazem parte dos anexos instrumentos utilizados durante a prática tais como: narrativas colaborativas, reflexões, planificações e grelhas de avaliação, entre outros.

1.ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCETUAL E LEGAL

1.1.1.A Educação de Infância na Formação Global do Ser Humano e o Papel do Educador de Infância

A Educação em geral tem um papel fundamental na formação de indivíduos. Assume-se como um processo complexo, passível de transformações ao longo do tempo e ajustes por parte dos seus intervenientes. Por se tratar de um complemento à intervenção da família, na base da formação pessoal e social do ser humano, é objetivo do Programa do Governo garantir uma educação de base acessível a todos, de forma que se inicie aí o longo processo de formação global ao longo da vida. Incluída nesta educação base, está, inevitavelmente, a Educação Pré-Escolar que, nem sempre reconhecida com a importância que lhe é devida, é, segundo a Lei-quadro para a Educação Pré-Escolar promulgada em 1997, como a primeira etapa a percorrer no processo de educação durante toda a vida (artigo 2º do Capítulo II). A mesma lei justifica este princípio afirmando ainda que a Educação Pré-Escolar, embora facultativa, favorece a “formação e o desenvolvimento equilibrado da criança” (art.º 2.º).

É neste sentido que se prevê que o Estado adquira um papel fulcral no sentido de divulgar a oferta da educação pré-escolar, criando uma rede pública; apoiando a criação de estabelecimentos deste nível de educação, sempre que se verificar ausência ou insuficiência dos mesmos; definindo as normas pelas quais se deverá orientar; e apoiando as zonas carenciadas. Assim, viabiliza-se uma educação para todos, precavendo-se, em especial, situações de exclusão.

Desta forma, são objetivos essenciais da Educação Pré-Escolar promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, construindo no indivíduo, desde a infância, valores como: a democracia e vida em sociedade, o respeito pelas características individuais que lhe são inerentes e o respeito pelas diferentes

culturas. Estes valores contribuem para o seu desenvolvimento global e para a sua inclusão em diversos grupos sociais, constituindo-se também como objetivos consagrados pelo artigo 10º do Capítulo IV, da Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar. Além disso, a convivência com o Outro e as interações estabelecidas por meio das linguagens múltiplas, permitem o desenvolvimento da expressão e da comunicação, como um meio de compreensão e conhecimento do mundo. Neste sentido, concede-se à criança a possibilidade de despertar em si a curiosidade, o interesse e o pensamento crítico.

A Educação Pré-Escolar assume também a missão de proporcionar as condições necessárias ao bem-estar e segurança da criança, bem como averiguar possíveis deficiências, dificuldades ou precocidades, encaminhando e orientando para minimizar os impactos que possam causar na sua vida (artigo 10º do Capítulo IV, da Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar).

Desta forma, pretende-se que a Educação Pré-Escolar garanta condições para aprendizagens bem sucedidas e para a interação harmoniosa com a cultura, assim como a perfeita relação com todas as ferramentas que lhe poderão ser úteis na aprendizagem ao longo da vida. Consigna-o o documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (M.E./D.E.B, 1997) que, a par do Decreto-Lei anteriormente referido, promulga o dever da educação pré-escolar proporcionar à criança ambientes culturalmente ricos e estímulos que lhe despertem interesse e vontade/desejo de aprender.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar são “um reflexo daquilo que a sociedade, no seu todo, pede à educação pré-escolar” (Vasconcelos, 1997, p.7). Constituem-se assim, como um apoio à prática pedagógica, de forma que a sua ação educativa seja coerente, ajustada, intencional e fundamentada.

Este documento explicita os princípios gerais da Educação de Infância e a intervenção educativa, e apresenta-as por áreas de conteúdo sobre as quais a Educação Pré-Escolar deverá atuar: área de formação pessoal e social; área da expressão e comunicação; e área do conhecimento do mundo. Estas áreas são também contempladas nas Metas de Aprendizagem e nas brochuras, embora não existam brochuras para todas as áreas e domínios.

A área da expressão e comunicação engloba diferentes domínios entre os quais domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical; domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; e domínio da matemática.

Naturalmente, o processo de desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, percutido num Estabelecimento destinado a esse fim – Jardim de Infância – não acontece sem a presença de um profissional formado através de um ciclo de estudos do ensino superior que, atualmente, se constitui por uma licenciatura em Educação Básica e, posteriormente, um mestrado em Ensino num dos domínios possíveis: apenas Educação Pré-escolar e/ou Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. Este último ciclo de estudos, privilegia a componente prática, na área da iniciação à prática profissional, consagrando-a à prática de ensino supervisionada (Decreto-Lei n.º43/2007, de 22 de fevereiro).

O futuro profissional de educação, particularmente, em educação pré-escolar é incentivado a desenvolver competências que construam o seu perfil de educador, numa atitude de permanente indagação e investigação, permitindo que “reflita sobre a sua ação e a forma como a adequa às necessidades das crianças” (M.E/D.E.B, 1997, p.93). A reflexão é realizada antes, durante e depois da ação, na medida em que esta necessita de ser planeada, desenvolvida e avaliada. Assim, sustenta-se numa metodologia de investigação-ação em que o educador se perspetiva como professor investigador. Esta metodologia assume a prática e reflexão como duas vertentes estritamente ligadas e em “sintonia”. Através desta simbiose, é possível identificar e resolver problemas, “através da sua consciencialização pela observação reflexiva e da conceptualização de planos de ação para [os] resolver” (Alarcão, 2012, cit. por Ribeiro, 2012). No contexto da prática e da supervisão, em particular, a metodologia de investigação-ação apresenta-se como fundamental na sua vertente de modelo regulador dos processos de ensino e aprendizagem. Nestes processos é fundamental construir e articular conhecimentos teóricos e práticos e, tendo em conta o papel crucial do supervisor, orientar de forma transformadora e emancipadora a formação e pedagogia escolar. Além disso, o supervisor adquire uma missão importante neste processo, uma vez que ao orientar o futuro profissional na sua prática e na sua reflexão através do diálogo conjunto, promove o desenvolvimento de uma postura indagadora, crítica e, naturalmente, reflexiva que conduz a uma maior participação, autonomia e emancipação.

Sendo a investigação-ação a metodologia a utilizar durante o percurso da prática profissional, é essencial que durante todo esse tempo o futuro

educador, em conjunto com a equipa educativa, se centralize em algumas questões para identificar quais as melhorias a fazer, questionando-se sobre o que aconteceu/está acontecer, porque é que não correu da forma esperada e de que forma constitui/constituiu um problema e o que fazer para mudar (Ribeiro, 2012).

A reflexão constitui-se como forma de avaliar processos, sendo esta por sua vez o caminho para reconhecer a pertinência das escolhas, das oportunidades proporcionadas ao grupo de crianças, o interesse despertado, as competências adquiridas e a adquirir (M.E/D.E.B, 1997, p.93). Avaliar os processos permite ao educador saber se o processo educativo decorreu como esperado, se produziu aprendizagens e como é que o fez, e se efetivamente teve influências no desenvolvimento das crianças.

É neste contexto que a prática profissional supervisionada assume uma componente de extremo valor no ciclo de estudos para a profissão de educador e professor. Essa componente prática promove a interação com as instituições de educação e ensino, com as crianças, com a comunidade educativa e respetivas famílias. É também, como referido anteriormente, um momento de grande desenvolvimento e crescimento pessoal e social. A investigação-ação apresenta-se para os futuros educadores, como a “mãe” de todo este processo de iniciação à profissão docente.

Durante a prática pedagógica supervisionada, pretende-se que o futuro educador seja levado a questionar, refletir e avaliar todas as suas ações com as crianças, utilizando para isso as mais diversas ferramentas. Desta forma, o trabalho em díade, as aulas, as narrativas colaborativas, os diários de bordo, as reflexões têm cada um, um papel muito específico e relevante neste longo caminho uma vez que permitem ao indivíduo encontrar soluções e avaliar o seu processo de desenvolvimento desde o início da prática até ao final.

É ao longo de todo este processo que vai construindo o seu perfil de educador e que vai encontrando as formas mais adequadas de identificar e resolver problemas, de forma a melhorar a prática educativa.

Embora a sua prática se revista de algumas características muito próprias, derivadas do seu perfil pessoal, o educador deve atender a um perfil específico de desempenho profissional, estabelecido pelo Decreto-lei n.º240/2001, de 30 de agosto. De um modo geral, o educador de infância “concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do

ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas” (Decreto Lei nº240/2001, capítulo II). Integrando esse perfil, o educador deve demonstrar essencialmente uma grande atenção, flexibilidade e recetividade às necessidades das crianças.

No que se refere ao espaço educativo, deve organizar o espaço e os materiais de modo a que integrem os recursos para o desenvolvimento curricular e para proporcionar às crianças aprendizagens significativas; colocar à disposição materiais diversificados e estimulantes; gerir o tempo de forma flexível e ajustada; mobilizar outros recursos como as TIC para o processo de construção de conhecimento, e assegurar o bem-estar e a segurança das crianças.

Um educador competente será aquele que assuma as crianças como o centro do processo educativo e que desenvolva a sua prática com base no que observa delas, concedendo especial atenção aos seus interesses e necessidades. Deve ainda ser responsável no que se refere à organização do ambiente educativo; à gestão dos recursos humanos e materiais; e à interação entre os intervenientes do processo educativo (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto).

A fase de entrada no pré-escolar é um momento de alguma tensão e ansiedade para algumas crianças, uma vez que é a continuidade de um processo iniciado com a família ou, nalguns casos, noutra instituição e a criança fica perante um meio e pessoas que não conhece, adotando comportamentos diversificados que poderão ser mais ou menos favoráveis à sua integração (M.E/D.E.B, 1997, p.88). No sentido de proporcionar às crianças as condições necessárias à sua integração, o perfil de desempenho do educador de infância estabelece como primordial que na sua ação educativa o educador estabeleça segurança afetiva e favoreça a autonomia da criança; envolva a criança em actividades e projetos que tenham partido da sua iniciativa, do grupo, do educador ou de todos; fomente a cooperação entre todos para que se sintam integrados; envolva as famílias e restante comunidade em projetos que desenvolva; estimule a curiosidade da criança sobre o que a rodeia; promova a capacidade de viver em sociedade; e fomente capacidades de realização de tarefas e disposições para aprender (Decreto Lei n.º240/2001, capítulo II).

O grau de envolvimento das crianças e a sua integração podem ser avaliados consoante a Escala de Envolvimento de Laevers, construída por Laevers. Esta escala é constituída por uma lista de sinais que poderão sinalizar a sua integração ou não no grupo; e os níveis de envolvimento que variam numa escala de 1 a 5. Dos sinais fazem parte a concentração, a energia, a complexidade e a criatividade, a expressão facial e a postura, a persistência, a precisão, o tempo de reação, a linguagem e a satisfação. Relativamente aos níveis de envolvimento, o nível 1 significa sem atividade, o 2 corresponde a uma atividade frequentemente interrompida, o 3 a uma atividade maioritariamente contínua, o 4 a uma atividade contínua com momentos mais intensos e o 5 a uma atividade contínua sem interrupções. Através da grelha instituída por Laevers (2010), educador tem a possibilidade de fazer uma avaliação geral da criança no que se refere ao seu envolvimento e enquadrá-la num determinado nível. É um meio de construir uma imagem da criança e do grupo.

Assim, é importante que façam parte da intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção do educador, etapas como: a *observação*, no sentido de prestar atenção a cada criança e ao grupo para conhecer as suas capacidades, limitações, interesses, a sua família e o meio onde vivem, de forma a proceder à diferenciação pedagógica; *planeamento*, refletindo sobre a sua intencionalidade, para proporcionar às crianças aprendizagens significativas, explorar e articular as diferentes áreas de conteúdo bem como promover a exploração de diversos materiais e recursos e proporcionar as mais diversas formas de interação; *ação*, isto é, concretizar as suas intenções partindo também de situações imprevistas e das sugestões e opiniões das crianças e de outros intervenientes; *avaliação* que, paralelamente ao que já foi referido, tem como intenção tomar consciência da ação para modificar e adequar sempre que se verifique necessário; *comunicação*, privilegiando o trabalho em equipa, assumindo que o educador deve comunicar com os restantes adultos que também fazem parte da educação da criança, não só com os colegas de trabalho numa tentativa enriquecer o seu trabalho e criar um ambiente de harmonia e saudável de aprendizagem para a criança, como também com os pais, para melhor conhecer a criança, as suas origens e o ambiente que a rodeia; e articular, assumindo que nesta última etapa o educador deve facilitar a continuidade educativa, aquando da entrada

da criança no 1º ciclo, proporcionando-lhes as devidas condições para tal (M.E/D.E.B, 1997).

O papel de qualquer educador deve centrar-se nestes princípios mas a metodologia a utilizar depende daquilo que cada um considerar a mais adequada e com a qual se identifique. Existem alguns modelos curriculares para a Educação de infância nos quais pode sustentar-se de forma a adequar o processo educativo ao contexto e às características e necessidades do grupo de crianças. Estes constituem um importante instrumento de mediação entre a teoria e a prática. Desses modelos destacam-se o Movimento da Escola Moderna, Modelo High/Scope, Modelo João de Deus, Modelo de Maria Montessori e o Modelo Reggio Emilia. De caráter mais geral destaca-se a Pedagogia de Projeto, que não é um modelo curricular mas sim uma metodologia (Ribeiro, 2013).

O MEM, o Modelo High/Scope e o Modelo Reggio Emilia apresentam semelhanças entre si, tendo por base a defesa do papel ativo da criança no processo de construção do conhecimento, construindo-o numa perspetiva de democracia, diálogo e interação com o próximo e com o meio.

Jean Piaget, John Dewey e Erick Erickson suportam os princípios base acima referidos, defendendo a pedagogia High/Scope, na medida em que defendem a teoria de que a criança aprende fazendo e experimentando, implicando que haja interações significativas que a ajudem na construção da sua personalidade, uma vez que não aprende sozinha.

A necessidade anteriormente referida no perfil de desempenho do educador de infância de planear, agir e rever é, na visão do modelo High/Scope, estendida também à criança, apoiada pelo educador e pela família, atribuindo assim importância à componente parental (Ribeiro 2013).

Na abordagem High/Scope, a criança tem ação direta sobre os objetos, o que lhe permite conhecer o mundo através de experiências e situações reais e significativas que lhe possibilitam retirar significado quando refletem sobre elas. Segundo este modelo, a sala encontra-se dividida por áreas e os materiais deverão ser diversificados e em número suficiente e estar rotulados para que possam ser facilmente (e também autonomamente) encontrados e, posteriormente, arrumados. A sala está dividida essencialmente na área da casa, a área dos blocos e construção, área das atividades artísticas, área dos jogos/brinquedos, área dos livros e da escrita. Existem também outras áreas

possíveis tais como a área da areia e água, área da música e movimento, área dos computadores (Hohmann & Weikart, 1997).

Em 1965 começa a ganhar forma em Portugal outro modelo de destaque através de Freinet e Rui Grácio. O MEM inicia assim a sua expansão, sob a base da democracia e da cooperação. Niza (1996) afirma, inclusive, que o princípio base do modelo de cooperação educativa nas escolas no qual se sustenta o MEM, é a construção da democracia através da sua vivência na escola, no dia-a-dia. Para este trabalho cooperativo, o MEM baseia-se numa avaliação formativa também ela em cooperação, dela fazendo parte a observação formativa que parte da observação espontânea, dos registos coletivos e individuais, das comunicações, do acompanhamento e das ocorrências (Perrenoud, 1991, cit. por Ribeiro, 2013). A sala está dividida por seis áreas básicas, entre as quais a área central polivalente; espaço de biblioteca e documentação; oficina de escrita e reprodução; espaço de laboratório de ciências e experiências; espaço da carpintaria e construções, atividades de plástica e outras expressões artísticas; e espaço de brinquedos, jogos, “faz de conta”.

O último modelo a salientar com base nos princípios referidos nos modelos anteriores é o Modelo Reggio Emilia, criado por Loris Malaguzzi e com inspiração em Piaget, tal como o High/Scope e em Vigotsky, tendo este último contribuindo de forma mais marcante para a construção deste modelo. Vigotsky afirmava que o pensamento e a linguagem operam em conjunto para originar ideias e planear ações, para agir, controlar, descrever e discutir a ação. Nesse sentido, desenvolveu estudos acerca do conceito de Zona do Desenvolvimento Próximo, sendo definida por ele como a distância entre o nível de desenvolvimento atual e real da criança e o nível de desenvolvimento potencial, caracterizado pela resolução de problemas sob a orientação do adulto (Vasconcelos, 1997). Neste contexto, Vigotsky aprofunda também as questões relativas ao Princípio da Circularidade, ou seja, identificam-se situações em que a criança está prestes a ver aquilo que o adulto já vê. O adulto “empresta” à criança o seu julgamento e conhecimento para desenvolver a sua progressiva autonomia. Neste modelo, as áreas não se encontram todas numa só sala e dá-se especial atenção à *piazza* e ao *atelier*. O *atelier* é visto como um local de provocações, permitindo ricas e variadas experiências criativas assim como a exploração das diferentes linguagens; é também um local de

investigação e documentação. A *piazza* funciona como um ponto de encontro de toda a comunidade educativa, onde as crianças interagem com todos os que dela fazem parte e onde todos têm as mesmas regras, pois é um espaço público. A *piazza* assemelha-se ao modelo da praça na cidade (Branzi et all, 1998).

Distanciando-se um pouco mais destes modelos, o Modelo João de Deus, que surgiu em Portugal em 1911 com o Jardim de Infância João de Deus em Coimbra, assenta na Cartilha Maternal para a iniciação precoce da leitura e da escrita. O papel ativo pertence ao educador que assume também um papel bastante diretivo. O Modelo ou Método João de Deus inclui-se no período da Escola Nova, movimento de renovação do ensino surgido no fim do século XIX. A acompanhar os ideais da época e ambicionando uma igualdade para todos e o direito de todos à educação, surgem paralelamente ao Método João de Deus outras correntes psicológicas e pedagógicas das quais se destaca a pedagogia de Maria Montessori. Apostando na liberdade, atividade e individualidade, Montessori desenvolveu uma pedagogia baseada na liberdade de ação sobre os objetos na sala de aula, contudo esses objetos estão pré-construídos e destinados a serem sempre utilizados. Para esse efeito, criou materiais didáticos divididos em cinco grupos: Exercícios para a vida quotidiana, Material Sensorial, Material de Linguagem, Material de Matemática e Material de Ciências.

A metodologia de projeto diferencia-se das restantes, na medida em que o trabalho é desenvolvido com base nas intenções individuais e do grupo, com a orientação do educador. Nesta metodologia, são trabalhados conteúdos que fazem parte do contexto familiar. O educador deve promover a interação significativa das crianças com outras pessoas e objetos, atribuindo especial atenção à participação ativa das crianças nas aprendizagens (Katz e Chard, 1997). Desta forma, o trabalho por projetos, permite desenvolver a autonomia, a responsabilidade e a participação ativa na sociedade, tal como defende a Lei de Bases do Sistema Educativo que afirma que “a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários, ao mesmo tempo que valoriza também a dimensão humana do trabalho” (Lei nº 46/86 de 14 de outubro, artigo 2º)

Seja qual for o modelo, as metodologias e estratégias, o papel do educador na vida da criança é supremo. O educador atua de forma marcante na sua vida e é, inclusive, no Jardim de Infância que são proporcionadas às crianças as

mais diversas experiências que as ajudam a compreender o que as rodeia e a construir conhecimentos para a vida. De tal forma que Eduardo Sá (2012, s.l) defende que “não se compreende como é que a educação infantil e o ensino obrigatório não são a mesma coisa”.

Embora atualmente a Educação Pré-Escolar tenha um maior reconhecimento, o caminho ainda é longo e é também neste caminho para o reconhecimento que o educador deve desempenhar o seu papel. Ser Educador é englobar em si mais do que uma profissão e, portanto, é necessário que ele próprio reconheça o seu valor e, se conseguir marcar positivamente a vida das suas crianças, saberá que esse será o caminho certo.

2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA INSTITUIÇÃO DE ESTÁGIO

2.1. LOCALIZAÇÃO, HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO ESPAÇO EDUCATIVO

A EB/JI da Vilarinha faz parte do Agrupamento Vertical de Escolas Manoel de Oliveira. A Escola da Vilarinha, como é conhecida, situa-se na Rua do Douro, no Bairro da Vilarinha, freguesia de Ramalde, Porto. Está localizada entre duas avenidas: a avenida da Boavista e a Avenida Antunes Guimarães.

Com quase 53 anos de existência, esta escola teve a sua inauguração a 25 de junho do ano de 1960, pela mão do Almirante Américo Thomaz, Presidente da República na altura. No período antecedente ao 25 de abril de 1974, a escola separava rapazes de raparigas através de grades com arame farpado.

Situada numa zona que engloba áreas residenciais de luxo e zonas de bairro de habitações sociais, a Escola da Vilarinha comporta crianças oriundas tanto de famílias economicamente estáveis como de famílias desfavorecidas.

A Escola da Vilarinha presta serviço ao nível da educação pré-escolar e do 1º ciclo, no entanto, possui uma componente de apoio à família, tendo por isso um horário alargado que se estende desde as 8h30 às 18h30. Este horário permite que as crianças se mantenham na escola por um período alargado de tempo realizando atividades de enriquecimento curricular, de forma a que os pais possam cumprir o seu horário de trabalho e manter os seus filhos ocupados e sob vigilância.

Através das instalações da escola, compreendemos que é uma escola já com alguns anos, contudo, os espaços são amplos, luminosos e coloridos, parecendo proporcionar um ambiente harmonioso e favorável à aprendizagem das crianças que frequentam o estabelecimento. O número de salas, tanto do pré-escolar como do 1º ciclo, parece ser suficiente e adequado ao número de alunos em cada turma, existindo duas turmas para cada ano escolar e uma sala para cada turma, num total de oito salas de 1º Ciclo e duas de Pré-Escolar.

Relativamente às restantes infra-estruturas, apenas o número de casas de banho parece revelar-se insuficiente, existindo apenas quatro para todo o 1º Ciclo, criando, algumas vezes, filas de espera e, conseqüentemente, alguma agitação e barulho nos corredores.

Ao nível dos recursos humanos, além de educadores e professores, a escola dispõe de assistentes operacionais e auxiliares de ação educativa que asseguram a vigilância e o apoio das crianças no recreio, nos horários das refeições e asseguram a limpeza dos espaços educativos. Para além disso, as equipas de trabalho contam ainda com o apoio de outros profissionais, incluindo duas professoras do ensino especial para o 1º ciclo, uma professora de expressão musical e uma professora de inglês, exercendo funções na componente de apoio à família, a qual se articula com a componente educativa. De forma a articular esse trabalho, são realizadas reuniões no início do ano letivo destinadas aos pais, para apresentar o estabelecimento educativo e os seus projetos. Em cada um dos períodos letivos são realizadas reuniões de avaliação também destinadas aos pais. Paralelamente, existem reuniões entre a equipa educativa de forma que a educadora conheça o trabalho desenvolvido nas atividades de enriquecimento curricular e vice-versa.

A sala A do pré-escolar, onde foram desenvolvidas as atividades da estagiária, conta, neste momento, com a presença de uma educadora e de uma auxiliar de ação educativa.

A sala em questão é grande e encontra-se dividida por cinco áreas diferentes de interesse: a área das mesas de trabalho/acolhimento, a área das expressões, a área de jogos/tapete, a área do jogo simbólico (casinha) e a área da leitura. Todas estas áreas são ricas em recursos materiais diversificados, alguns estruturados e outros construídos em conjunto com as crianças. De uma forma geral, são materiais adequados às suas idades e às suas necessidades e interesses, fáceis de manusear, não só pelo seu tamanho, como também pela forma como foram construídos. Contudo, alguns recursos e algumas áreas de interesse encontram-se organizados de forma pouco rentabilizada e nem sempre à disposição das crianças, como é o caso da área da leitura que revela algumas carências ao nível de espaço.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

O grupo A do Pré-Escolar, do Jardim de Infância da Vilarinha, é constituída por 25 crianças entre os 3 e os 6 anos de idade, qu inzedo sexo feminino e dez do sexo masculino, todas de nacionalidade portuguesa.

A maior parte das crianças do grupo não frequentava este estabelecimento de ensino no ano letivo anterior, no entanto, rapidamente estabeleceram laços de amizade e integraram-se nas rotinas da sala, o que demonstra a sua grande sociabilidade.

A grande maioria das crianças provém de famílias economicamente estáveis, residentes nas zonas próximas da escola, à exceção de um número reduzido que vive um pouco mais distante, onde se destaca Gaia e Gondomar. Este nível socioeconómico é esclarecido pelo facto de a grande maioria ter frequentado o ensino superior e exercer a sua profissão na área em que se formou.

Quase todas as crianças da sala vivem com o pai e a mãe e um grande número deles tem um ou mais irmãos, sendo que o agregado familiar se aproxima, de um modo geral, dos quatro ou cinco elementos. Este parece ser um sinal que justifica a sua facilidade geral em estabelecer interações equilibradas, uma vez que estão habituados à convivência em grupo. Outro fator que poderá indiciar essa naturalidade com que se afeioam aos outros e com que estabelecem relações é o facto de quase todos terem irmãos e, portanto, estarem predispostos a valores como a partilha, a comunicação e a compreensão. Ainda assim, existem algumas crianças que por vezes têm comportamentos desajustados à convivência em grupo.

No grupo, não existem registos de crianças com doenças de grande relevo, apenas algumas com alergias ligeiras. São, por isso, crianças saudáveis, embora ao nível da alimentação revelem algumas dificuldades em consumir determinados alimentos, nomeadamente legumes e fruta. Algumas crianças demonstram ainda pouca autonomia à hora da refeição, necessitando de ajuda do adulto. Após alguns momentos de observação verificou-se que essa necessidade está relacionada, em alguns casos com o facto de serem mais novos e ainda não serem capazes de manusear os talheres de forma correta. No entanto, também se verificou que num caso em particular não há dificuldade

em manusear os talheres e levar os alimentos à boca, mas sim uma relutância a muitos alimentos daí que prolongue o momento da refeição por muito tempo.

A nível da relação e interação, são um grupo bastante conversador e meigo, muito recetivos a pessoas novas e motivados para aprender e participar nas diversas atividades. De um modo geral, são capazes de manter conversas durante bastante tempo e os mais velhos já utilizam algum vocabulário mais rico e complexo consoante o assunto. Ainda assim, os diálogos são realizados ainda de um modo desarticulado e com várias repetições. Relativamente à escrita, apenas duas crianças não são capazes ainda de escrever o seu nome. Os restantes fazem-no já de forma autónoma e reconhecem a grande maioria das letras do respetivo nome. Esta facilidade demonstrada já por muitas das crianças, leva-os a procurar e a realizar com alguma frequência jogos de palavras. Também o fazem com os números, embora aqui sejam, essencialmente, os mais velhos a fazê-lo, uma vez que revelam maior facilidade que os restantes em reconhecê-los. Apesar disso, todos reconhecem os números até dez e são capazes de os contar. No domínio da matemática são ainda capazes de reconhecer as formas geométricas do quadrado, círculo, triângulo e retângulo. Além de gostarem muito de se expressar através da linguagem oral, têm também um gosto especial pela área da expressão plástica e, apesar da pouca destreza dos mais novos ao nível da motricidade fina, todos demonstram prazer em desenhar, pintar e manipular os materiais. Por sua vez, na motricidade grossa, as dificuldades detetadas são aparentemente expetáveis, tendo em conta o seu nível de desenvolvimento denotando-se apenas alguma carência ao nível da postura.

No geral, o grupo de crianças é predisposto a aprender e sensível ao que se passa à sua volta, gostando de saber o porquê das coisas e a sua origem.

Durante este ano letivo, demonstraram especial interesse por castelos, tendo sido esse o projeto da turma. Além deste interesse comum, revelaram também interesse pela natureza, característica que se foi revelando através do seu carácter observador; da atenção a tudo o que os rodeia que demonstraram não só em sala de aula mas também no espaço exterior; e das constantes interrogações. Assim, evidenciam um maior interesse pela área do conhecimento do mundo.

Ao mesmo tempo, a área de formação pessoal e social e a área da expressão e comunicação são aquelas em que se denotam mais necessidades de

intervenção. Apesar de, no geral, se relacionarem bem uns com os outros, ainda se fazem sentir algumas carências, principalmente ao nível da capacidade de ser capaz de esperar pela sua vez de falar e da capacidade de saber escutar e aceitar as opiniões dos outros. Embora já em número mais reduzido, algumas crianças revelam ainda a necessidade de desenvolver uma maior autonomia e auto estima. É de salientar que estas crianças não apresentam dificuldade na execução da maior parte das tarefas, contudo, não o fazem porque não se sentem confiantes e consideram não ser capazes. Ainda há um pequeno grupo na sala que revela dificuldades ao nível da comunicação, uma vez que demonstram pouca confiança em si e sentem-se inibidos em situações em que são incentivados a falar para a turma.

Desta forma, compreende-se a necessidade do esforço redobrado em promover a integração e autonomia dessas crianças, sendo capaz de as envolver nas atividades, indo ao encontro do próprio Projeto Educativo do Agrupamento em que esta escola se insere, que tem como título “Envolver”.

2.3. PROJETO EDUCATIVO

O Projeto Educativo¹ do Agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira foi concebido em torno das dificuldades e necessidades evidenciadas pelos alunos, de forma a combater três grandes problemas com o qual o agrupamento se tem vindo a deparar nos últimos anos: o insucesso escolar, o absentismo e a indisciplina. A verdade é que, à semelhança da Escola da Vilarinha, algumas escolas que integram este agrupamento localizam-se em bairros sociais desfavorecidos, sendo frequentadas, maioritariamente por crianças oriundas

¹ Daqui para a frente, intitulado PE

de famílias com carências a nível económico e académico e com situações problemáticas ao nível da integração social.

Desta forma, é notório no Agrupamento o reduzido ou mesmo a falta de envolvimento dos encarregados de educação no ambiente escolar e no processo educativo dos educandos e as baixas expectativas de muitos destes pais e dos próprios alunos em relação ao seu futuro académico. Por estes motivos, acaba por se gerar um desinteresse pela escola e, por sua vez, o referido absentismo. No entanto, para além destas razões, crê-se ainda que a nível pedagógico, a falta de competências básicas de leitura, de compreensão e interpretação de textos e de competências lógico matemáticas conduza também ela ao insucesso escolar. A par das causas referidas, assiste-se a uma crescente instabilidade emocional e comportamental, que torna difícil o cumprimento de regras e o reconhecimento da autoridade, conduzindo à indisciplina.

Importa ainda referir que se verifica uma significativa instabilidade no corpo docente, dada a existência de muitos professores e educadores contratados, não permitindo uma continuidade no trabalho com as crianças e uma estabilidade no processo ensino - aprendizagem.

Neste sentido, o Projeto Educativo tem o intuito de “Envolver”, considerando como objetivos principais “implicar, responsabilizar, ligar afetiva e profissionalmente, influenciar os que pretendemos ver envolvidos” (Agrupamento Vertical Manoel de Oliveira, 2012, p.4), ou seja, todos os intervenientes no contexto educativo: crianças, pessoal docente e não docente, pais, encarregados de educação, associações recreativas, desportivas, culturais e de intervenção social, empresas, autarquias, entre outros.

A conceção deste projeto tem como finalidades “prevenir o insucesso escolar e promover a qualidade do sucesso; prevenir o absentismo promovendo uma ligação positiva escola - família; promover uma cultura multi-interdisciplinar de resolução de problemas; melhorar os procedimentos de monitorização e autoavaliação” (Agrupamento Vertical Manoel de Oliveira, 2012,p.15).

Com este projeto, o agrupamento pretende atuar precocemente no combate às dificuldades anteriormente mencionadas e para isso as suas metodologias e estratégias ao nível do Pré-Escolar, área de enfoque do presente relatório, passam pela sensibilização junto das famílias acerca da importância da

Educação Pré-Escolar, através de reuniões e debates com os pais e encarregados de educação e com a participação do Gabinete de Apoio Psicossocial; realizar e participar em concursos onde se promovam os diversos saberes; preparar o corpo docente para a gestão de conflitos dentro da sala de aula e os assistentes operacionais para a gestão de conflitos nos restantes espaços escolares; definição de um plano de supervisão da atividade letiva concretizada em ações dentro e fora da sala de aula; e participação em programas de carácter nacional - Plano Nacional de Leitura, Programa do Desporto Escolar e Projeto de Educação para a Saúde (Agrupamento Vertical Manoel de Oliveira, 2012,p.19)

Desta forma, o projeto “Envolver” pretende investir na formação académica e pessoal dos alunos no que se refere a valores específicos como o “Saber”, “Saber Estar”, “Saber Ser”, e “Saber Fazer”, procurando sempre as melhores estratégias para formar cidadãos mais autónomos, empreendedores e participativos.

Na tentativa de dar continuidade a este Projeto, o Projeto Curricular (PC), procura atuar nas questões referentes à gestão curricular, demonstrando uma preocupação com as carências e necessidades das crianças. O PC tem a principal preocupação de colmatar os problemas detetados no PE. Cabe-lhe propor as mudanças necessárias para a obtenção dos objetivos estipulados no PE. Desta forma, estabelece objetivos específicos que, de forma geral, visam a integração escolar de todas as crianças, procurando detetar precocemente dificuldades de e na aprendizagem; valorizando os comportamentos adequados e o sucesso escolar; envolvendo as famílias no processo educativo e fomentando a participação e cooperação de toda a comunidade; reforçando a articulação pedagógica entre ciclos e entre serviços escolares; e promovendo e/ou apoiando projetos mobilizadores que envolvem a comunidade educativa (Agrupamento Vertical de Manoel de Oliveira, 2012).

Envolver tem sido, assim, um esforço conjunto de integração e participação de todos na vida escolar e no processo educativo, que tem vindo a ser reforçado através de iniciativas de carácter lúdico, cultural e social, como é o caso do Serão em Família promovido durante a Semana da Leitura; os dias abertos aos pais em festa como o caso do Dia do Pai e o Dia da Mãe; os arraiais e festas de final de ano; as iniciativas de pintura e arranjo das instalações da escola, que têm vindo a ser promovidas pela Associação de Pais; entre outros.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E DOS RESULTADOS OBTIDOS

A primeira semana de estágio no Jardim de Infância da Vilarinha assumiu-se como a primeira interação com a instituição, o seu funcionamento, a equipa educativa e com as crianças.

Primeiramente, procedeu-se à observação do espaço educativo, dos recursos, das crianças, das rotinas, das interações estabelecidas na instituição e procurou-se identificar interesses e necessidades para, posteriormente, iniciar as planificações. (C.f Anexo I Tipo A)

Essa observação foi realizada com base em grelhas no sentido de a fundamentar e a direcionar para as questões essenciais a observar. Além disso, procurou-se conhecer um pouco melhor o contexto educativo e o grupo de crianças em questão, bem como as suas famílias e os seus hábitos. Dessa forma, recorreu-se a documentos orientadores para a recolha desses dados em que se preencheu de acordo com o que se observou (C.f Anexo II Tipo A)

Paralelamente à observação, os registos elaborados adquiriram um importante papel no processo de formação, permitindo à estagiária registar os acontecimentos, comportamentos e pensamentos e refletir sobre os mesmos de forma a avaliar a sua prática.

Neste contexto, torna-se inevitável referir a importância das aulas teóricas, aulas teórico-práticas e seminários e o seu contributo para o desenvolvimento do espírito crítico e de um perfil adequado à prática.

Todos os momentos que antecederam e aqueles que acompanharam a prática foram cruciais ao nível da partilha de saberes, do rigor científico, da correção e do desenvolvimento de capacidades essenciais a uma prática coesa, fundamentada e adequada. Desta forma, e tendo em conta as referidas aulas e seminários, é também de destacar a importância dos professores que acompanharam este processo. Este processo, não se restringe apenas à prática e à pesquisa autónoma, sendo por isso necessário, segundo Roldão (2009), um profissional de ensino – o professor -, porque “aprender é um processo complexo e interativo”.

É através dessa interação que o professor procura fazer aprender e, para isso, pode sustentar-se em metodologias diferenciadas e deve apresentar as ferramentas necessárias e todas as possibilidades para que os alunos adquiram as competências necessárias ao exercício da profissão docente.

As aulas teóricas, as teórico-práticas e os seminários revestiram-se de um caráter reflexivo, sendo esta uma característica essencial no docente. Prática e reflexão apresentaram-se assim, estritamente ligadas em todo este processo, tendo esta última sido sustentada pelas reflexões semanais das atividades desenvolvidas e dos seus impactos nas crianças; pelas narrativas colaborativas; pelo diário de formação pessoal; pelas avaliações individuais e de grupo; e pelas reuniões com a equipa educativa e com a diáde, no sentido de avaliar o processo de formação iniciado.

Diversos autores estrangeiros (Dewey, 1993; Kemmis 1985; Schön, 1983, 1987; Zeichner, 1993) e portugueses (Alarcão, 1996; Serrazina, 1998) têm desenvolvido estudos que defendem a reflexão como um poderoso instrumento na obtenção de melhores práticas.

Para Schön (1987) a reflexão é um meio de descrição onde se podem incluir sequências de operações, procedimentos realizados, pistas, regras, valores, estratégias e princípios que constituem verdadeiras “teorias” de ação (Schön, 1987, cit. por Oliveira e Serrazina, s.d).

Segundo Oliveira e Serrazina (ibidem, p.4), a reflexão está associada à forma como se lida com os problemas que emergem da prática profissional, “à possibilidade da pessoa aceitar um estado de incerteza e estar aberta a novas hipóteses dando, assim, forma a esses problemas, descobrindo novos caminhos, construindo e concretizando soluções” Desta forma, através das reflexões, é possível averiguar de que forma é que determinada situação constituiu ou não um problema, porquê, que impacto teve e o que fazer para mudar.

Durante a prática pedagógica, procurou-se estabelecer um critério para a realização das reflexões, tendo sido realizadas reflexões semanais, como já referido anteriormente. Nessas reflexões descreveram-se atividades e refletiu-se sobre o seu impacto nas crianças e na estagiária. A sua realização assumiu uma importância fulcral no processo de formação, permitindo não só registar os acontecimentos mas, posteriormente, averiguar a evolução da estagiária ao longo da prática profissional.

Inicialmente caracterizadas por um discurso mais simples e, essencialmente, descritivo a progressiva aquisição de competências e a melhoria ao nível da capacidade reflexiva, permitiu evolução e reflexões mais fundamentadas.

Inicialmente, essas reflexões eram descrições sucintas dos espaços e das atividades, bem como da interação na sala. Posteriormente, passaram a ser mais exaustivas, com fundamentação teórica a suportar as opções tomadas. Denota-se assim, a progressiva evolução e o crescimento conseguido e a perceção de que seria necessário integrar e articular de forma mais coesa os conteúdos teóricos e a prática. Foi estabelecido assim o critério de colocar a primeira reflexão realizada (C.f Anexo III Tipo A) e a última (C.f Anexo IV Tipo A), tendo sido aquelas que se revestem de maior significado por terem marcado o início e o fim, respetivamente, deste processo.

Estas reflexões constituem o Diário de Formação Pessoal da estagiária, diário realizado com a finalidade de registar todos os momentos do percurso e, salientar, aqueles que mais aprendizagens trouxeram e que mais marcaram este caminho. Através da sua análise, é possível relembrar todo o processo e todas as etapas que o envolveram. Estes registos diários constituem “um documento pessoal” que “é, para os fins de investigação, aquele que revela a tomada de posição de uma pessoa, que participa em certos acontecimentos, sobre estes mesmos acontecimentos” (Angell, cit. por Zabalza, 1994).

Yinger (1981) defende que ao escrever os diários, o indivíduo convoca uma série de operações que o aproximam muito do processo de aprender. Emig (1977) publicou, inclusive, um artigo – *Writting as a mode of learning* – onde justifica essa ideia afirmando que a forma ideal de esclarecer os pensamentos é escrevê-los.

O facto de escrever sobre a sua prática promove no professor a aprendizagem através da narração. A escrita que faz dos acontecimentos é um diálogo que o professor trava consigo mesmo.

Sendo um relato de acontecimentos que decorreram durante um determinado período, neste caso específico, durante a prática pedagógica, o Diário de Formação Pessoal assume um carácter longitudinal e histórico pois estabelece uma sequência dos factos (Zabalza, 1994).

A par das reflexões realizadas, foram sendo elaboradas narrativas colaborativas, em tríade – aluna observada, aluna observadora e educadora cooperante – no sentido de refletir em conjunto sobre as opções tomadas,

metodologias e estratégias utilizadas e propor alterações em relação àquelas que se considerou não terem sido totalmente adequadas, para que futuramente sejam atividades mais profícuas e tragam aprendizagens mais significativas para as crianças.

As narrativas, embora menos frequentes que as reflexões, uma vez que foram apenas realizadas mês a mês, refletem a importância do trabalho em tríade e do papel de cada um dos intervenientes no processo educativo. Nas narrativas, cada um dos indivíduos teve oportunidade de refletir sobre a sua atividade ou a atividade de outrem e analisar as opiniões dos restantes. Este trabalho conjunto permitiu aprendizagens importantes ao nível da formação pessoal e social, incitando o trabalho colaborativo e o respeito, bem como o fomento de relações saudáveis e harmoniosas entre grupo de trabalho. Inicialmente houve falhas na realização dessas narrativas que se apresentaram pouco fundamentadas e aprofundadas (C.f Anexo IV e V Tipo A), no entanto, após as primeiras correções verificou-se uma evolução progressiva (C.f Anexos VI; VII; VIII; IX; X e XI Tipo A).

É neste contexto que é relevante ainda salientar o trabalho colaborativo, promovido através do trabalho em díade e da supervisão da professora orientadora e da educadora cooperante.

Apesar de se associar maioritariamente o trabalho colaborativo à sua dimensão ética e relacional, não são apenas estes os valores que promove.

O exercício de uma ação profissional, principalmente quando se trata de uma ação desenvolvida em conjunto, implica um processo constante de auto e heteroformação. Esse processo é, do ponto de vista da psicologia, extremamente favorável para melhoria do conhecimento profissional produzido e à maior eficácia do desempenho docente, uma vez que o trabalho colaborativo tende a ser mais produtivo. Isto acontece porque as interações sistemáticas e orientadas são importantes na dinamização dos processos cognitivos e na sua progressão. Além disso, a partilha de opiniões, a discussão de ideias e a resolução de conflitos, provocam maior motivação nos participantes, incitando-os a envolverem-se mais (Roldão, 2007).

Já no final do século XIX, John Dewey procurava chamar a atenção para a necessidade de se trabalhar colaborativamente para atingir fins comuns e que a ausência do trabalho colaborativo era uma das razões pelas quais a escola não se revestir de uma prática generalizada: “As necessidades e os objetivos

comuns exigem um crescente intercâmbio de ideias e uma crescente unidade de sentimentos solidários. A razão de fundo que impede a escola dos nossos dias de se organizar como uma sociedade natural é exatamente a ausência desta componente de atividade comum e produtiva” (Dewey, 2002, cit. por Roldão, 2007).

Durante todo o estágio procurou-se articular estes conceitos e metodologias às necessidades e interesses do grupo, tendo sido a partir dos mesmos que se baseou a prática. Todas as semanas foram realizadas planificações, pretendendo-se sempre englobar as áreas de conteúdo consignadas no documento das Orientações Curriculares para a Educação de Infância (M.E/DEB, 1997), atribuindo especial interesse aquelas em que o grupo revelou mais dificuldades: Área da Expressão e Comunicação e Área de Formação Pessoal e Social.

Dessas planificações fazem parte os objetivos de desenvolvimento que se pretendiam com as atividades propostas; a descrição dessas atividades; as necessidades e interesses evidenciados que levaram a que se propusessem essas atividades; os recursos e espaços a ser utilizados para a concretização das mesmas; e a identificação dos responsáveis de cada atividade.

De um modo geral e segundo Zabalza (2001), planificar é converter uma ideia ou um propósito num curso de ação. No seguimento dessa ideia, diz-nos Escudero (1982) que se trata de prever possíveis cursos de ação de um determinado acontecimento e projetar de certa forma as nossas previsões, desejos, aspirações e metas.

Ao planificar, há três questões essenciais definidas por Mager (1974): para onde vou?; como chegarei ali?; como sei se cheguei.

Clark e Yinger (1979) desenvolveram alguns estudos sobre o porquê de planificar e chegaram à conclusão que haveria três categorias em quais se podiam enquadrar as respostas: os professores que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: evitar a incerteza e insegurança que o seu trabalho lhes causava e por isso, definir linhas orientadoras; aqueles que planificavam para determinar objetivos, conteúdos, recursos, para gerir o tempo, entre outros; e os professores que planificavam para definir estratégias de atuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos; como começar as atividades; marcos de referência para a avaliação (Zabalza, 2001).

Tendo em conta estas categorias, as planificações realizadas integram a segunda categoria, uma vez que nelas estão descritas as atividades, os objetivos, os recursos, os espaços, entre outros. Estas narrativas realizaram-se semanalmente em conjunto com a educadora cooperante e tendo em conta também algumas sugestões da professora supervisora, às quais eram enviadas para tomarem conhecimento e para dar feedback. Embora inicialmente ainda muito sucintas e com falhas ao nível dos interesses e necessidades (C.f Anexo XII Tipo A) através das correções da professora supervisora (C.f Anexo XIII Tipo A) procurou-se colmatar essas falhas e melhorar o conteúdo. Essa evolução foi notória nas últimas planificações elaboradas (C.f Anexos XIV e XV Tipo A).

Ao longo da prática pedagógica, pretendeu-se articular estes conceitos e fazer uso de todas estas ferramentas numa tentativa de desenvolver um perfil e uma ação educativa adequados e de forma a proporcionar um crescimento pessoal e profissional.

Partindo da primeira etapa necessária à implementação das atividades, verificou-se que a sala A do Jardim de Infância da Vilarinha está organizada de acordo com o Modelo High/Scope, por áreas de interesse, sendo elas: área da casa (C.f Figuras 1 e 2 Anexos Tipo B), a área dos blocos e construção, área das atividades artísticas (C.f Figura 3 Anexos Tipo B), área dos jogos/brinquedos (C.f Figuras 4 e 5 Anexos Tipo B), área dos livros e da escrita (C.f Figura 6 Anexos Tipo B). Através do processo de observação, percebeu-se que algumas dessas áreas não eram devidamente rentabilizadas e não permitiam à criança movimentar-se de forma livre e autónoma nem concediam ao adulto espaço para que pudesse observar e participar nas brincadeiras. Segundo Hohmann e Weikart (2003,p.162) “o apoio dos adultos à brincadeira das crianças requer que todas as áreas sejam acessíveis a adultos e a crianças. Isto quer dizer que haverá lugar para adultos observarem e confortavelmente participarem nas brincadeiras das crianças ao nível físico destas”. Desta forma, é necessário que os espaços sejam organizados de forma a permitir uma locomoção facilitada entre as diferentes áreas e tendo em conta as mudanças de interesse das crianças nas atividades (Hohmann e Weikart, 2003).

Verificou-se assim uma carência no que diz respeito à área da leitura, uma vez que lhe estava destinado um espaço muito reduzido e com poucos recursos para as crianças se instalarem a ler, sendo que só possuía dois pequenos sofás

e que se encontravam quase sempre a servir de apoio a outros materiais, impossibilitando o seu uso. Relativamente aos livros disponíveis, observou-se a necessidade de os renovar, uma vez que se percebeu que as crianças já conheciam todos e que há algum tempo que não eram colocados novos livros na estante.

Com base nestes fatores, uma das atividades desenvolvidas a salientar é a melhoria da área da leitura. Esta atividade partiu da leitura e exploração do livro “A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas” que explora a importância dos livros e de os preservar. Após se ter observado o interesse do grupo pelo livro, foram exploradas com eles algumas questões sobre a importância dos livros para eles e o que faziam para o demonstrar e para preservar os livros. Num diálogo, em que cada expressou as suas ideias, procurou-se dar o exemplo da área de leitura da sala e levá-los a refletir se estaria adequada às suas necessidades e se se apresentava de forma que eles gostassem de a utilizar e onde se sentissem confortáveis para a leitura de um livro. Durante a conversa, a maioria revelou gostar muito de ler. Tendo sido observado que apesar de o fazerem na sala, nunca o faziam na área da leitura, procurou-se partir dessa questão observada para os questionar sobre o porquê. As respostas foram variadas, no entanto, algumas coincidiam num ponto: a área não se encontrava preparada para ser utilizada da forma conveniente.

Nesta atividade foi definido através do diálogo e em conjunto com o grupo de crianças quais os aspetos essenciais a melhorar e procedeu-se à decoração de almofadas para colocar na área de forma a colmatar a falha quanto aos recursos materiais. Relativamente ao espaço, retiraram-se os sofás que ocupavam praticamente toda a área e foram colocadas as almofadas com o objetivo de rentabilizar o espaço e de proporcionar às crianças a oportunidade de poderem colocar a almofada à sua disposição sempre que quiserem utilizar aquela área.

Esta foi uma das atividades mais ricas e que mais prazer pareceu dar às crianças, que puderam utilizar diversos materiais e conjugá-los da forma que entenderam (C.f Figuras 7-10 Anexos Tipo B)

Ainda com vista à melhoria da área da leitura, as crianças realizaram desenhos para colocar na parede, tendo sido também uma tarefa proposta por elas e, no fim, a satisfação foi geral por verem o seu trabalho exposto e a embelezar a área.

Os resultados foram, inesperadamente, rapidamente obtidos uma vez que poucos dias depois se observou uma maior afluência à área da leitura e a existência de alguns livros novos, colocados na estante.

No seguimento desta atividade, foram realizados fantoches das personagens do livro (C.f Figura 11 Anexos Tipo B), um recurso construído pelos adultos para as crianças e que, constituindo-se como um brinquedo, possibilita a brincadeira do “faz-de-conta”, rica em aprendizagens para a criança.

Vigotsky (1998) afirma que uma das principais funções do brincar é permitir que a criança aprenda a resolver conflitos que vivencia no seu quotidiano; e permitir que use capacidades como a observação, imitação e imaginação. Estas capacidades podem ser desenvolvidas através da expressão dramática, neste caso concreto, através da utilização de fantoches. Estes permitem-lhes dar aso à sua imaginação, capacidade que é desenvolvida também através da leitura.

Melhorar a área da leitura foi um projeto levado a cabo durante duas semanas e que envolveu o desenvolvimento de capacidade ao nível da área de expressão e comunicação, essencialmente no domínio da expressão plástica e no domínio da linguagem oral; e na área de formação pessoal e social.

Outra atividade que se revela importante referir está relacionada com o interesse comum na Natureza e o interesse particular de uma das crianças por borboletas.

Devido a esse interesse, o grupo tem na sala uma mascote, a borboleta Mimi (C.f Figura 12 Anexos Tipo B), que fazem questão de incluir em muitas das suas atividades, colocando a borboleta ao seu lado. Desta forma, verificando-se esse interesse e ligação afetiva com o objeto, pretendeu-se elaborar uma atividade onde a borboleta fosse a principal interveniente.

Com vista a promover esse envolvimento e fortalecer essa ligação, procedeu-se à leitura e exploração do livro “A vida das borboletas”, de uma forma lúdica e teatralizada. Nesta atividade, o par pedagógico disfarçou-se de borboleta tendo como objetivo dramatizar a história à medida que esta foi sendo contada (C.f Figuras 13-16 Anexos Tipo B).

O livro explorado conta todo o processo de desenvolvimento das larvas até se formarem borboletas. De forma a aprofundar essa questão e contribuir para a sua compreensão, entregou-se à turma uma caixa com bichos de seda para poderem testemunhar a sua evolução (C.f Figura 17 Anexo Tipo B).

Privilegiando a área do conhecimento do mundo, mas atribuindo também atenção à área de expressão e comunicação, em especial ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e ao domínio da matemática, foi realizada uma lagarta em cartolina, onde em cada círculo do seu corpo foi feito o registo de quantos dias os bichos estiveram nos ovos, quantos dias se mantiveram em larvas e quantos dias estiveram dentro do casulo (C.f Figura 18 Anexos Tipo B).

Esta atividade foi um dos pontos fortes da ação educativa, “tendo as crianças, demonstrado uma grande adesão e alegria por verem ser atribuída especial atenção e importância à borboleta Mimi” (*in* Diário de Formação Pessoal, 2013)

Estas atividades já descritas foram realizadas paralelamente a outras relacionadas com Castelos e com os Livros.

O primeiro partiu das ideias das crianças e foram desenvolvidas várias atividades no sentido de explorar conceitos relacionados, de entre as quais se destacam: o domínio histórico; a construção de um castelo em conjunto com as famílias (C.f Figura 19 Anexos Tipo B) ; a construção de uma história (C.f Anexo XVI Tipo A) e a sua encenação; exploração dos castelos de Portugal (C.f Figura 20 Anexos Tipo B).

Este projeto culminou com a visita ao Castelo de Santa Maria da Feira (C.f Figura 21 Anexo Tipo B).

Relativamente ao projeto sobre os livros trata-se de um projeto comum a toda a Escola e as atividades desenvolvidas pretenderam envolver não só as crianças da sala mas também toda a comunidade educativa. O projeto foi iniciado pela educadora com a implementação da “mochila vai e vem”, uma mochila onde todos os dias é colocado um livro à escolha e as crianças levam para casa para um familiar lhes ler. A mochila vai e volta quando a criança tiver lido o livro, passando a vez a outra.

Assim, durante toda a prática foram várias as vezes em que se procedeu à leitura e exploração de livros, atribuindo especial atenção à semana da leitura. Durante essa semana, em especial, realizaram-se marcadores de livros com as crianças (C.f Figura 22 Anexos Tipo B); houve manhãs e tardes de leitura com as famílias, onde cada criança foi convidada a trazer alguém da sua família para contar uma história ao resto da turma (C.f Figuras 23 -32 Anexos Tipo B);

e existiram na escola sessões de leitura com escritores (C.f Figuras 33 e 34 Anexos Tipo B).

No sentido de ajudar a concretizar este projeto e desenvolver estas atividades, realizou-se um inquérito com o objetivo de conhecer os hábitos de leitura de cada família (C.f Anexo XVII Tipo A). Através da sua análise, percebeu-se que todos os encarregados de educação têm a preocupação de estimular hábitos de leitura nos seus filhos e que leem com eles frequentemente, tendo por isso considerado que a “mochila vai e vem” é de extrema importância mas insuficiente. Foi também com base nessa informação que houve a intenção de promover mais atividades relacionadas com os livros.

Sendo este um grupo caracterizado por adquirir um interesse de maior na área do conhecimento do Mundo, como já referido, foram proporcionados muitos momentos de saídas ao exterior. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (M.E, 1997, p.79), “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fundamentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo”. Essa exploração foi proporcionada através da já referida visita ao Castelo de Santa Maria da Feira mas também através de outros momentos de saída ao exterior. As crianças tiveram oportunidade de interagir com o exterior em atividades ao ar livre no recreio da escola (C.f Figuras 35-37 Anexos Tipo B); e noutras saídas tais como ao Parque da Cidade (C.f Figuras 38 e 39 Anexos Tipo B); à praia (C.f Figura 40 Anexo Tipo B); e ao Sea Life.

Em todas elas foi possibilitado a interação com a natureza; o desenvolvimento da capacidade de observar; o desenvolvimento do espírito crítico; a promoção da capacidade de recolher dados e experimentar; e o confronto com outras realidades e com as suas ideias prévias.

No seguimento desta ideia de confronto com realidades diferentes, é de destacar as oportunidades de interação com outras escolas, como por exemplo a atividade realizada no início da primavera, em que as crianças ensaiaram uma música e foram elaborados adereços para, posteriormente, apresentarem a uma turma de uma escola do agrupamento. Na semana da leitura foi a vez de

serem as crianças da sala a ser presenteadas com poemas e histórias lidas por crianças dessa escola (C.f Figuras 41-43 Anexos Tipo B).

Analisando retrospectivamente estes momentos, crê-se que foram ricos em aprendizagens e que permitiram o crescimento de todos os intervenientes. A partilha de saberes e de emoções trouxeram às crianças lembranças que dificilmente esquecem, sendo evidente a necessidade de se continuar a promover essas interações.

Estas atividades até agora referidas não descartam outras igualmente importantes e desenvolvidas não só por se revelarem do interesse das crianças mas também por se terem revelado uma necessidade observada.

Nesse contexto, destaca-se a “atividade da alimentação saudável”. Esta teve como ponto de partida a observação que se fez acerca dos hábitos alimentares da maioria das crianças à hora dos lanches e a chamada de atenção da professora supervisora para este assunto, uma vez que também ela reparou nesta situação. A verdade é que se verificou que uma grande maioria trazia para o lanche muitos alimentos pouco saudáveis como os chocolates e os sumos e que os repetia durante vários dias. Após uma conversa com a educadora, confirmou-se que essa era a realidade que vinha a acontecer desde o início e que seria interessante e benéfico intervir nesse sentido.

Para essa intervenção, foi realizado primeiro um diálogo com as crianças em que se aproveitou uma situação inesperada de uma criança que não tinha tomado o pequeno-almoço para colocar à disposição do grupo uma série de alimentos de plástico e solicitar a uma criança que escolhesse aqueles que considerasse os mais adequados para dar de pequeno-almoço ao colega.

A partir desse momento foram levantadas algumas questões: porquê aqueles alimentos e não outros?; O que têm estes de especial?. Foram posteriormente realizados alguns jogos de agrupar os alimentos que consideravam saudáveis ou não e também por grupo de legumes, frutas, entre outros. Esta atividade estendeu-se também ao domínio da expressão motora, na realização de jogos e atividades de motricidade com os alimentos (C.f Figuras 44-47 Anexos Tipo B)

Para avaliar a atividade e de forma a incentivar as crianças a corrigir a sua alimentação, realizou-se uma tabela mensal (C.f Figuras 48 e 49 Anexos Tipo B) onde os lanches passaram a ser avaliados diariamente, assinalando com um círculo verde no caso de ter sido composto por alimentos saudáveis, um círculo

vermelho para aqueles que não tinham sido saudáveis e amarelo para os lanches que não fossem nem totalmente saudáveis nem totalmente incorretos.

Os resultados obtidos foram positivos uma vez que a tabela rapidamente se preencheu com mais círculos verdes e amarelos do que vermelhas, sinal de que as crianças se sentiram motivadas e encorajadas a modificar esses hábitos menos saudáveis. No entanto, no que se refere ao esclarecimento de conceitos, os resultados não foram totalmente conseguidos, uma vez que se observou a existência de algumas falhas na compreensão dos mesmos, permanecendo a existência de algumas crianças que continuam a considerar os doces e sumos como algo saudável e que se deva consumir em abundância.

Tal como esta atividade surgiu de um problema/necessidade evidenciado, também outras emergiram com base nesse critério.

Através da observação direta e da interação com o grupo, observou-se ainda uma carência ao nível da noção temporal, mesmo em crianças mais velhas, e alguma confusão e incoerência nos discursos devido a essa falha. Ainda que seja natural nesta fase de desenvolvimento, foram desenvolvidas algumas atividades nesse sentido.

Com o objetivo de promover o desenvolvimento da capacidade de reconhecer os dias da semana, as noções de tempo e a sequência dos dias, foi elaborada a “Roda dos Dias – Ontem, Hoje e Amanhã” (C.f Figura 50 Anexo Tipo B), em que cada círculo correspondia ao “Ontem”, ao “Hoje” e ao “Amanhã”, sendo que cada um continha um espaço para colocar o dia do mês correspondente.

O recurso apresentado ajudou à compreensão desses conceitos e podendo manipular os números e colocá-los no sítio respetivo, as crianças facilmente entenderam a sua relação e a distinção entre aquilo que aconteceu ontem – passado, o que acontece hoje – presente – e o que ainda pode acontecer amanhã – futuro.

De todas as atividades desenvolvidas, as que mais se destacam pelo significado que tiveram para a estagiária e por se considerar terem sido aquelas em que mais evolução se notou, foi o jogo “qual é ela, qual é ela?” (C.f Figura 51 Anexo Tipo B) e avaliação da semana – comportamento e atividades. O jogo era constituído por sete caixas onde na parte de dentro da tampa se encontrava colada a imagem de uma determinada profissão (C.f Figuras 52 e 53 Anexos Tipo B) e dentro da caixa encontravam-se imagens alusivas a essa

profissão (C.f Figura 54 Anexo Tipo B). A finalidade do jogo seria uma criança abrir a caixa sem mostrar aos colegas e dar-lhes pistas, usando para isso as sugestões das imagens, para que adivinhassem qual seria.

Tendo sido um momento bastante lúdico e divertido, obteve um significado diferente por ter sido a última atividade realizada com as crianças. Já a avaliação do comportamento e das atividades, foi uma atividade desenvolvida todas as semanas. Tendo sido observado desde o início alguns comportamentos desajustados na sala de atividades, procurou-se contornar esse obstáculo implementando a avaliação do comportamento. Para tal, foram aproveitadas caixas de ovos que as crianças decoraram e foram elaboradas bolas de plasticina para que em cada dia, colocassem a bola da cor correspondente ao seu comportamento (C.f Figuras 55-57 Anexos Tipo B).

Apesar de as atividades anteriormente referidas terem sido significativas pelas razões já enunciadas, ao longo do período de estágio foram também realizadas algumas experiências, com o intuito de satisfazer a sua curiosidade sobre o mundo e o meio envolvente. Realizaram-se, assim, experiências para averiguar o porquê das folhas caírem (C.f Figuras 58-62 Anexos Tipo B) e simulou-se um oceano, registando sempre as previsões e os resultados para serem posteriormente confrontados e analisados (C.f Anexo XVIII e XIX Tipo A).

Também na área da Expressão e Comunicação foram realizados pequenos projetos como a exposição “Olá Primavera”. Para esta exposição, as crianças procuraram, no exterior, elementos relativos à natureza e realizaram com eles alguns trabalhos para expor (C.f Figuras 63-65 Anexos Tipo B). Além disso, tiveram oportunidade de construir eles próprios os seus elementos (C.f Figuras 66-69 Anexos Tipo B).

Também seguindo a metodologia de projeto e incluída na Semana da Leitura, concretizou-se a leitura e exploração do Livro “A Menina do Mar”, de Sophia de Mello Breyner Andersen e realizou-se a sua encenação num teatro de sombras (C.f Figuras 70-75 Anexos Tipo B). Foi neste contexto que surgiu a construção de um lote marítimo para acrescentar à área dos jogos (C.f Figura 76 Anexos Tipo B).

Ao longo da prática procurou-se ainda explorar a arte, integrando essa exploração com o interesse geral na natureza e com a mascote da sala, optando

por uma obra de Van Gogh, intitulada “Papoilas e Borboletas” (C.f Figuras 77-80 Anexos Tipo B).

Realizaram-se ainda, alguns recursos para enriquecer a zona do polivalente, local onde todas as crianças convivem e construíram-se para isso, borboletas e lagartas em cartão para a realização de um jogo em que teriam de acertar com a bola na boca dos animais (C.f Figuras 81 e 82 Anexos Tipo B).

Ao longo de todas as atividades, procurou-se ter em atenção três dimensões tendo em conta a grelha desenvolvida por Laevers: autonomia, sensibilidade e estimulação (C.f Anexo XX Tipo A).

Além dessa avaliação da postura e comportamento do professor, procurou-se avaliar o comportamento das crianças nas atividades, segundo algumas grelhas do Sistema de Acompanhamento das Crianças (C.f Anexo XXI Tipo A). Foram realizadas avaliações de algumas atividades, sendo parte integrante deste relatório uma de cada mês (C.f Anexos XXII; XXIII e XXIV Tipo A)

Este método permitiu averiguar o interesse e satisfação do grupo, ajustando as estratégias e procurando atividades que os motivasse e lhes desse satisfação ao realizar.

Refletindo sobre as atividades planeadas e sobre os resultados esperados com as mesmas, acredita-se ter contribuído para o desenvolvimento global de todas as crianças do grupo; para o desenvolvimento de valores como o respeito e a amizade, através das oportunidades concedidas de interação e partilha com o grupo e com outros; e para o desenvolvimento da sua autonomia e responsabilidade. Este factor pode ser observado através das reuniões esporádicas realizadas com a educadora acerca das avaliações das crianças, onde foram notáveis as progressivas evoluções.

Paralelamente a todas as atividades, as reuniões de avaliação do processo formativo foram de extrema importância no desenvolvimento pessoal e profissional da estagiária, uma vez que foram elas que permitiram a reflexão sobre, na e para a ação.

4. REFLEXÃO FINAL

Após este período de prática pedagógica, é essencial analisar a sua contribuição no crescimento pessoal e profissional e de que modo é que contribuiu para tal.

Este foi um processo que se iniciou já antes do estágio, tendo começado nas aulas e seminários com o intuito de proporcionar todas as ferramentas necessárias para a reflexão sobre, na e para a mesma.

Perspetivando uma atitude reflexiva, adequaram-se estratégias e metodologias, procurando justificar as opções tomadas.

Segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, mais importante do que observar, é fazer uma análise dos dados em conjunto com uma reflexão fundamentada sobre os mesmos para que aja com intencionalidade e em concordância com as necessidades do grupo e com os objetivos de desenvolvimento e de aprendizagem. Foi neste sentido que a estagiária procurou agir e estar atenta ao grupo.

Durante a prática, a estagiária procurou mobilizar conhecimentos teóricos ao contexto educativo e, embora inicialmente tenha havido alguma dificuldade nessa adequação, a evolução foi notória e foram adquiridas competências essenciais a este processo de formação.

Tendo em conta os objetivos propostos pelo programa da unidade curricular, é de salientar a aquisição de competências como a capacidade de mobilizar os conhecimentos adquiridos nas unidades curriculares; a capacidade de promover a diferenciação pedagógica; a capacidade de refletir sobre, na e para a ação; e a capacidade de trabalhar colaborativamente.

Estas competências foram adquiridas ao longo da prática com as observações e posteriores críticas da professora supervisora, com a avaliação intercalar, com as pesquisas autónomas e a construção do Diário de Formação Pessoal. Além disso, a aquisição destas competências também foi conseguida através, naturalmente, da própria prática e da realização das atividades porque foi sobre elas que se refletiu.

Terminada uma parte deste percurso, é notória a evolução ao nível da reflexão e da planificação sendo a estagiária capaz de diversificar e adequar os

recursos e estratégias; refletir sobre as situações, identificando os pontos fortes e fracos de cada atividade realizada; planificar atividades de acordo com os interesses e necessidades do grupo. No entanto, há capacidades que se considera terem sido mais desenvolvidas do que outras e, por isso, há necessidade de futuramente melhorar principalmente ao nível da ação, procurando explorar melhor as atividades; estar mais atenta a todo grupo aquando do desenvolvimento das atividades; definir adequadamente todos os recursos que serão necessários; proporcionar todas as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da atividade; e ser mais enérgica.

A prática pedagógica assumiu-se como um marco no processo de formação profissional. É no seu interior “que os futuros professores se deparam com múltiplos problemas (reais e diversos) que as situações educativas aí apresentam ou suscitam” (Ribeiro, 2001, p.13).

É esta aproximação à realidade que permitiu aprendizagens e trabalhar capacidades fundamentais ao exercício da profissão.

O maior valor da prática esteve no facto de permitir ao futuro profissional que identifique e reflita cada situação, questionando-a com a finalidade de encontrar soluções para os problemas e também para vir a melhorar o seu próprio conhecimento e capacidade de intervenção.

Assim, a integração no grupo e as interações estabelecidas com a equipa educativa foram contributos essenciais durante todo o percurso e possibilitaram essa melhoria referida. Também o apoio da professora supervisora e as suas correções e críticas contribuíram para o desenvolvimento de um perfil mais completo e adequado.

O percurso foi marcado por uma grande partilha de saberes entre diáde, entre estagiária e professoras e entre estagiária e grupo e, tendo naturalmente alguns obstáculos, não deixou de ser um percurso extremamente positivo e de aprendizagens.

BIBLIOGRAFIA

Agrupamento Vertical de Escolas Manoel de Oliveira (2012). Projeto Educativo “Envolver”. 2012 – 2015; Porto;

Agrupamento Vertical de Escolas Manoel de Oliveira (2012). Projeto Curricular de agrupamento 2012 – 2015; Porto;

Agrupamento Vertical de Escolas Manoel de Oliveira (2012). Regulamento Interno. Porto.

Bertram, T. & Pascal, C. (s.a). Effective Early Learning Programme Child Involvement Scale, s.d, Birmingham.

Emig, J. 2007. *Writing as a Mode of Learning*. In J. Emig, *College Composition and Communication*. National Council of Teachers of English;

Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Portugal, G.; Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-escolar. Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora;

Ribeiro, D. (2001). A Prática Pedagógica como Espaço de Intervenção Pragmática e de Reflexão Epistemológica. In D. Ribeiro, *Toques Formativos* (12-15). Porto: Escola Superior de Educação;

Roldão, M. (2007). Colaborar é preciso, *Noesis*, nº71;

Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino*. Gaia: Fundação Manuel Leitão;

Vasconcelos, T. (1997). *Legislação*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica|Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar

Vasconcelos, T. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação;

Zabalza, M. (1994). *Diários de Aula*. Porto: Porto Editora;

Zabalza, M. (2001). *Planificação e Desenvolvimento Curricular*. Porto: Edições ASA.

Decretos

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto (2001). “Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância”;

Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto (2001). “Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário”;

Lei nº5/97, de 10 de fevereiro (1997). “Lei Quadro da Educação Pré-Escolar.

ANEXOS

ANEXOS TIPO A

ANEXO I
Exemplo de Planificação Semanal

PLANIFICAÇÃO SEMANAL						
Necessidades de desenvolvimento evidenciadas	Instituição:		Equipa Educativa:			
	Sala:					
	Objetivos de Desenvolvimento:					
Interesses evidenciados:	PLANO DE AÇÃO					
		SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
	M A N H Ã					
Resultados de aprendizagem evidenciados	ALMOÇO					
	T A R D E					
Recursos Pedagógicos: <ul style="list-style-type: none"> • Gestão do Grupo: • Gestão do Espaço: • Gestão dos Materiais: 			Áreas de conteúdo e domínios predominantes:			
Responsável pela dinamização das Atividades:						

ANEXO II
Guião de Observação do Contexto Educativo

GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

Observadores: Inês Bastos; Rita Norton **Datas de Observação:**
20/02 a 22/02
Instituição: EB1/JI Vilarinha **Educadora:** MC **Sala:** Pré-A

Objetivo Geral da Observação:

- Compreender o contexto educativo da sala.
- Caracterizar o ambiente educativo no âmbito de uma sala de pré-escolar.

OBJETIVO ESPECÍFICO: CARACTERIZAR O GRUPO DE CRIANÇAS

Parâmetros de observação: Grupo de Crianças (n.º de crianças, idades, género, crianças com N.E.E., outros aspetos)

Questões orientadoras da observação:

- Quantas crianças constituem o grupo? 25
- Qual é o número de crianças do género feminino e do género masculino? - 14/11
- Qual a idade das crianças? 3, 4 e 5 anos
- Existem crianças com NEE? Quantas? Qual a tipologia das NEE que apresentam?

Não existem crianças com NEE.

- Todas as crianças residem na área circundante da instituição?

Todas as crianças vivem no distrito do Porto. Áreas residência: Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia.

- Existem crianças cuja língua materna não seja o Português?

Não.

OBJETIVO ESPECÍFICO: IDENTIFICAR OS RECURSOS HUMANOS QUE INTEGRAM A EQUIPA EDUCATIVA DA SALA E RESPETIVAS FUNÇÕES

Parâmetros de observação: Recursos humanos que integram a equipa educativa da sala (educadores de infância, auxiliares de ação educativa, educadores de ensino especial, outros)

Questões orientadoras de observação:

- Como é constituída a equipa da sala?

A equipa é constituída por uma educadora e uma auxiliar de ação educativa.

- Quais as habilitações literárias da educadora e auxiliar de ação educativa?

Educadora: licenciatura em Educação de Infância; mestrado em Organização de Instituições Educativas.

Auxiliar de Ação Educativa: conclusão do primeiro ano da licenciatura em Direito.

- Qual o horário letivo da educadora?

Segundas, terças, quartas, quintas e sextas-feiras: 9h00 – 16h00

- Qual o horário da(s) auxiliar(es) de ação educativa?

Segundas, terças, quartas, quintas e sextas-feiras: 10h30 – 18h30

- No caso de existir, qual a regularidade do apoio da educadora do ensino especial?

Não existe educadora do ensino especial.

- Há quanto tempo a equipa da sala acompanha o grupo de crianças?

Dois anos.

OBJETIVO ESPECÍFICO: CONHECER O PROJETO CURRICULAR DE SALA; IDENTIFICAR E CARACTERIZAR AS ATIVIDADES E PROJETOS EM CURSO

Parâmetros de observação: Projeto curricular de sala (objetivos, contextualização da origem do projeto, participação das crianças no processo de concepção e desenvolvimento do projeto); Atividades e projetos em curso (atividades e projetos em curso com o grupo de crianças, envolvimento e grau de participação das crianças nas diferentes fases das atividades e projetos, outros aspetos)

Questões orientadoras de observação:

- A construção do projeto é flexível e contínua no decorrer do ano letivo?

Sim.

- Quais as prioridades de ação do Projeto?

Acompanhar as prioridades do Projeto Educativo de Agrupamento “Envolver”: envolver as famílias e toda a comunidade educativa no processo educativo.

- Os objetivos parecem ter em consideração os interesses e necessidades das crianças?

Sim

- As crianças têm um papel ativo nas dinâmicas/rotinas da sala (atribuição democrática de tarefas e responsabilidades)?

Sim.

- Que projetos e atividades estão a ser desenvolvidos com o grupo de crianças?

Exploração da temática dos castelos

- Qual o grau de iniciativa e autonomia que as crianças revelam no planeamento, desenvolvimento e avaliação desses projetos e atividades?

As crianças revelam iniciativa e autonomia no planeamento das atividades mas não na sua avaliação.

- Os projetos e atividades parecem advir dos interesses, necessidades e sugestões das crianças?

Sim

- Os projetos e atividades são integrados e integradores de todas as áreas do Saber?

Nem todos os projetos integram e articulam todas as áreas do saber.

OBJETIVO ESPECÍFICO: IDENTIFICAR E CARACTERIZAR OS ESPAÇOS FREQUENTADOS PELAS CRIANÇAS

Parâmetros de observação: Espaço frequentado pelas crianças (área, funções, estruturação e organização, iluminação, mobiliário, adequabilidade, conforto, participação das crianças na sua organização e manutenção, outros aspetos)

Questões aplicáveis a todos os espaços frequentados

-
- Que espaços são frequentados pelas crianças?

Sala de atividades; casas-de-banho; polivalente; cantina e espaço exterior.

- Qual o estado de conservação e limpeza desses espaços?

Bom estado de conservação e limpeza, cumprindo condições de higiene.

- A sua organização revela segurança e respeito pelo bem-estar das crianças?

Os espaços são seguros, estando em boas condições de durabilidade e segurança.

- O espaço revela cuidados estéticos e pedagógicos não infantilizantes na sua organização e decoração?

Sim.

Sala de atividades

- Como está organizada a sala?

A sala encontra-se organizada por áreas de interesse.

- Qual a área da sala? O espaço é adequado ao número de crianças?

Sim.

- Existe iluminação natural? Sim. Bastante iluminação natural.
- Existe boa circulação de ar? Sim.
- Existe acesso direto ao espaço exterior? Não.
- Existe um ponto de água na sala? Não.
- O espaço da sala oferece condições de autonomia para as crianças? Sim.
- Existe alguma área que possibilite à criança a vivência de momentos mais calmos? Não.
- Os espaços revelam qualidade estética?

Sim.

- O espaço contempla a documentação de atividades e projetos desenvolvidos pelas crianças?

Não. Pouca utilização do placar da sala e do quadro.

- Existem imagens de obras de arte e de outros elementos culturais e naturais?
Não.

Casas de banho

- Existe iluminação suficiente? Sim.
- Os equipamentos são proporcionais à estatura das crianças? Sim.
- Os espaços são cuidados? Sim
- Os equipamentos favorecem a segurança e autonomia das crianças?
Sim.
- Existem os produtos necessários à higiene das crianças (sabonete líquido? Papel higiênico? Toalha de pano ou toalhetes de papel?). As crianças acedem a eles autonomamente? Sim.

Refeitório

- Existe uma boa iluminação? Sim. Bastante iluminação natural.
- Os espaços e equipamento oferecem segurança e conforto às crianças?
Sim.

- O espaço é agradável e apresenta condições de bem-estar facilitadoras do diálogo entre as crianças?
Sim.
- O espaço e equipamento são facilitadoras da aprendizagem do saber estar e regras de proceder às refeições (utilização de talheres, entre outros.)?
Sim. As crianças interagem com garfo, faca e colher.
- As crianças participam na preparação do espaço como como pôr a mesa? Não.

Espaço de descanso

- Caso descansem/durmam, existe um espaço exclusivamente para esse fim? Como está organizado esse espaço? -
- As crianças são autónomas na sua utilização? -
- O espaço é suficientemente arejado e as estruturas em que dormem são confortáveis e revelam higiene? -

Espaço Exterior

- Existe espaço exterior contíguo à instituição? Sim.
- Que tipo de equipamento e materiais existe nesse espaço?
Os materiais e o pavimento são seguros. É constituído por um escorrega e dois baloiços. Existe também uns baloiços fixos ao chão e bancos de pedra.
- Que atividades são desenvolvidas nesse espaço?
Atividades espontâneas das crianças.
- O espaço é estimulante e desafiador de novas aprendizagens pelas crianças?

Sim.

OBJETIVO ESPECÍFICO: IDENTIFICAR E CARACTERIZAR OS MATERIAIS DIDÁTICOS DISPONÍVEIS NA SALA DE ATIVIDADES

Parâmetros de observação: Materiais didáticos disponíveis na sala de atividades

(diversidade, qualidade estética e pedagógica, quantidade, adequabilidade, geradores de interesse, motivação e aprendizagem para as crianças, acessibilidade, outros aspetos).

Questões orientadoras de observação:

- Qual o estado de conservação dos materiais?

Bom estado de conservação.

- Os materiais existentes são diversificados e contemplam as diversas áreas do saber?

Os materiais de expressão dramática são em número reduzido.

- Existem materiais em quantidade suficiente, tendo em consideração a natureza das atividades e o n.º de crianças?

Sim. Com exceção de alguns materiais de expressão plástica e dramática.

- Os materiais são suficientemente motivadores para as crianças, estando adequados ao seu nível de desenvolvimento e interesses?

Sim.

- Os materiais revelam qualidade estética, lúdica e pedagógica? São facilitadores da aprendizagem?

Sim.

- Os materiais estão acessíveis? Qual o grau de autonomia que as crianças têm na sua utilização?

Estão acessíveis na maioria das áreas com exceção da área de leitura que é muito desorganizada e compacta, dificultando a sua utilização autónoma.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: CONHECER A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO ADOTADA NA SALA

PARÂMETROS ESPECÍFICOS: ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E ROTINAS

Parâmetros de observação: Organização do tempo e rotinas (distribuição das atividades ao longo do dia, flexibilidade da organização do tempo, rotinas, atividades extracurriculares, participação das crianças na organização e gestão do tempo, entre outros aspetos).

Questões orientadoras de observação:

- O dia é organizado de forma estruturada ou sustentada na improvisação?

Estruturada.

- A organização diária respeita as necessidades, interesses e ritmos da criança, alternando atividades de movimento com atividades mais calmas?

Sim.

- Quais as rotinas que caracterizam o quotidiano da sala? A organização das mesmas é flexível tendo em conta os ritmos de aprendizagem e necessidades das crianças?

A rotina é flexível aos interesses e necessidades. De um modo geral organiza-se da seguinte forma: acolhimento, atividade da manhã, lanche, atividade de jogo espontâneo no exterior/polivalente; almoço; Atividade de jogo espontâneo no exterior/polivalente; atividade da tarde; lanche; atividades extracurriculares.

- Existem atividades extracurriculares? Em que tempo acontecem? No caso de acontecer no horário letivo da educadora, esta acompanha o grupo e participa na atividade? É notória a articulação dos saberes trabalhados nessas atividades com as atividades desenvolvidas pela educadora?

Existem atividades de expressão musical, Inglês e natação. As atividades decorrem fora do horário letivo da educadora.

- Qual a participação das crianças na tomada de decisão sobre a gestão do tempo?

Reduzida.

OBJETIVO ESPECÍFICO: CARACTERIZAR AS INTERAÇÕES ENTRE OS DIFERENTES INTERVENIENTES EDUCATIVOS DA EQUIPA EDUCATIVA DA SALA

Parâmetros de observação: Interações entre os diferentes intervenientes educativos da equipa educativa da sala (crianças/crianças, educadores e crianças, educadores e auxiliares de ação educativa, auxiliares de ação educativa e crianças, outros aspetos. Registrar evidências ao nível da estimulação, sensibilidade e autonomia).

Questões orientadoras de observação:

Criança/Criança

- As crianças manifestam as suas ideias, pensamentos e emoções? Sim.
- As crianças demonstram sensibilidade para com os sentimentos, necessidades, dificuldades e interesses dos outros? A maioria.
- As crianças interagem autonomamente umas com as outras? Sim.
- As crianças evidenciam iniciativa e autonomia na resolução de conflitos com os pares? Algumas.
- As crianças partilham voluntariamente brinquedos e objetos? Sim.
- As crianças envolvem-se em brincadeiras, jogos cooperativos e projetos comuns? Sim.
- As crianças apoiam-se mutuamente na resolução de problemas? Sim.
- As crianças participam ativamente nas dinâmicas da sala e institucional? Sim.
- As crianças revelam autonomia na interação com as crianças das outras salas? Sim.

Adulto/Criança (educadores e crianças, auxiliares de ação educativa e crianças).

Dimensão da Sensibilidade (colocar um visto caso verifique)

O adulto:

- adota um tom de voz positivo? Sim.
- faz gestos corporais positivos e estabelece contacto visual? Sim.
- é carinhoso e afetuoso? Sim.
- respeita e valoriza a criança? Sim.
- encoraja e elogia a criança? Sim.
- mostra empatia com as necessidades e preocupações da criança? Sim.
- ouve a criança e responde-lhe? Sim.
- encoraja a criança a ter confiança? Sim.

Dimensão da Estimulação

O adulto:

- tem energia e vida? Sim.
- coaduna-se com a situação? Sim.
- responde às capacidades e interesses da criança? Sim.
- motiva a criança? Sim.
- estimula de forma rica e com clareza? Sim.
- estimula o diálogo, a atividade ou o pensamento? Sim.
- partilha as atividades da criança e dá-lhes relevo? Sim.

Dimensão da Autonomia

O adulto:

- permite à criança escolher e apoia a sua escolha? Sim.
- dá à criança oportunidades para fazer experiências? Nem sempre.
- encoraja a criança a ter ideias próprias e a assumir responsabilidades?
Sim.

- respeita os juízos feitos pela criança sobre a qualidade do trabalho que fez? Sim.
- encoraja a criança a resolver os conflitos? Sim.

Adulto/Adulto (educadores e auxiliares de ação educativa)

- A educadora e auxiliar de ação educativa desenvolvem relações de cooperação? Sim.
- A auxiliar revela conhecimento da planificação e intenções pedagógicas da educadora? Não.
- As ações dos adultos são congruentes entre si? Sim.
- Existe respeito mútuo? Sim.

OBJETIVO ESPECÍFICO: CONHECER AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS COM A COMUNIDADE

Parâmetros de observação: Relações com a comunidade (participação dos pais no JI, colaboração com outras instituições, relação com o Agrupamento ou Direção, outros aspetos)

Questões orientadoras de observação:

- Que dinâmicas de articulação são estabelecidas com as diferentes instituições do Agrupamento ou outras valências da Instituição?

Reuniões e atividades planeadas em conjunto.

- Os pais e encarregados de Educação participam na vida da instituição?

A maioria.

- Quais são as ações de articulação com a família promovidas pelo educador?

Reuniões e convites para participar nas atividades.

- Existem evidências de interação / articulação com outras instituições ou recursos sociais e culturais da comunidade próxima e alargada?

Não.

QUESTÃO ESPECÍFICA: **CONHECER E CARACTERIZAR A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO**

Parâmetros de observação: Organização do Grupo (individual, pequeno grupo e grande grupo, participação das crianças na organização do grupo, valorização dos interesses e escolhas das crianças)

Questões orientadoras de observação:

- Como se organiza o grupo de crianças ao longo do dia (individualmente, em pequeno grupo e grande grupo)?

Em grande grupo.

- Qual o papel das crianças nas tomadas de decisão quanto à organização do grupo?

Irrelevante.

ANEXO III

1ª Reflexão do Diário de Formação Pessoal

1ª Reflexão

Semana: 25 de fevereiro a 1 de março

A primeira semana no Jardim de Infância da Vilarinha, apesar de não ser a primeira interação com a instituição, uma vez que já nos tínhamos deslocado até lá para conhecer as instalações e a educadora cooperante, foi a primeira interação com as crianças e a restante equipa educativa. Toda a equipa nos recebeu de forma acolhedora, dispondo-se desde logo para nos ajudar no que fosse necessário.

Estas duas primeiras semanas serviram essencialmente para observar o grupo, os seus comportamentos, hábitos as interações que estabelecem, vem como para observar todo o espaço educativo e todo o trabalho desenvolvido.

A díade está inserida numa turma de 25 crianças, com idades entre os 3 e os 5 anos, sendo uma sala mista. Apercebi-me desde logo que, apesar destas diferenças de idades, os laços que os unem e a cumplicidade que mantêm uns com os outros são bastante fortes. Os mais velhos demonstram grande preocupação e protecção em relação aos mais novos e estes, por sua vez, vêem os outros como um modelo.

Ainda que para já, só tenham passado 6 dias desde a nossa chegada, pude aperceber-me que são crianças muito curiosas e atentas ao que se passa à sua volta, fazendo sempre muitas perguntas.

A sala onde decorrem as atividades é uma sala ampla, grande e luminosa organizada segundo o Modelo High/Scope, isto é, dividida por áreas de interesse: área da casa; área das expressões artísticas; área dos jogos/brinquedos; área dos blocos e construções; e área da leitura.

Notei alguma falha ao nível da rentabilização de algumas dessas áreas, essencialmente da área da leitura. Chamou-me à atenção o tempo que demoram na área de acolhimento durante a manhã, passando cerca de 1h/1h30 sentados a

conversar e também por isso, achei o local de acolhimento pouco acolhedor tendo em conta esse factor.

As primeiras atividades desenvolvidas por mim e pela Rita nesta primeira semana estiveram relacionadas com o projeto curricular de turma sobre os castelos. Dessa forma, começamos por realizar em conjunto com as crianças um dominó histórico e explorámos com eles os tempos medievais. Como ainda estamos em tempo de adaptação, senti-me ainda um pouco insegura na forma como iria abordar as crianças e iniciar as atividades com elas. Senti que podia ter sido mais clara e que não desenvolvi muito as atividades. Senti também dificuldades na gestão do tempo e dos recursos.

ANEXO IV
1ª Narrativa Colaborativa

1ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Apresentação da História "Meu querido pai"

Data: 14/03/2013

Comentário da educadora cooperante Maria do Carmo	Comentário da Observada Rita Norton	Comentário da Observadora Inês Bastos
<p>A história foi apresentada em power point acompanhada também e ao mesmo tempo contada pelo livro. A Rita tinha "contra si" a vontade e mais existente naquela sala, o que não a ajudou, pois as crianças não viam bem as imagens. No entanto, a história foi bem aceita e compreendida pelas crianças, que iam interagindo com a Rita ao longo da história. Conseguiram fazer a sua interpretação. O tom de voz utilizado pela Rita foi audível pelas crianças, apesar do seu repolho natural, no final quase todas as crianças conseguiram atribuir uma característica ao seu pai. Foi uma atividade positiva, de acordo com os interesses das mesmas. O objetivo foi atingido. Saíram apenas o tempo que se foi tornando um pouco excessivo para manter as crianças sempre atentas e a colaborar. Acredito que a próxima será melhor ainda. A Rita tem e consegue ter uma boa relação com as crianças e vice-versa.</p>	<p>A atividade realizada assentou na apresentação da história "Querido Pai" de Orlene Lottmann. Os objetivos principais da atividade foram o desenvolvimento do linguagem oral e uma promoção da exploração de obras literárias, explorando-se não apenas o seu registo escrito como também as suas ilustrações. Para além da apresentação em power point, prosseguiu-se a uma exploração das ilustrações numa tentativa de se extrair mais informação para além daquela que estava efetivamente registada. Considero que os objetivos foram cumpridos pois as crianças revelaram-se bastante motivadas para atividades sendo capazes de encontrar diferentes aspetos e pormenores nas ilustrações, conseguindo explorar mais a história. A segunda parte da atividade assentou em completar a frase "pai...", devendo cada criança pensar no seu pai e atribuir-lhe uma característica. As características encontradas foram bastante diversificadas, tendo a maioria encontrada e características autonomamente. Apenas os mais novos necessitaram de alguma ajuda. A atividade possibilitou também desenvolver "os afetos" (apesar de não constar da planificação), através de uma relação com a personalidade do respetivo pai que se traduziu na escolha da característica, estando as crianças bastante entusiasmadas com a temática do pai. Ao nível da gestão do tempo, que segundo a educadora M.C, se tornou excessivo, poderia ter-se realizado a abordagem à história apenas com o livro. No entanto, pretendeu-se que as crianças ouvíssem enquanto visualizassem as imagens aumentadas, utilizando esse fator como fator motivacional uma vez que, como observado nas semanas anteriores, as crianças revelaram bastante interesse na utilização do projetor. A gestão desse material poderia também ter sido diferente uma vez que, de facto, a sala estava muito clara. Penso que numa próxima situação seria vantajoso colocar a tela completamente de costas para as janelas para que a visualização se tornasse mais clara.</p>	<p>A atividade planeada para a idade teve um balanço positivo, no entanto, e tal como foi referido pela Educadora Maria do Carmo e pela Rita, com alguns aspetos que se constituíram um obstáculo ao sucesso pleno da mesma e que poderão ser melhorados numa actividade futura. De um modo geral, considero que a Rita cumpriu a sua tarefa pois conseguiu ter um discurso fluido e cativante com as crianças, um tom de voz atível e perceptível e conseguiu fazer com que o grupo prestasse atenção à atividade que ocorria. Efetivamente, a Rita teve de lidar com o contraste da idade, que inicialmente procurou resolver tentando pôr a sala o mais escura possível mas que ainda assim não resultou, contudo, creio que conseguiu rapidamente resolver a situação não fazendo alusão um entrave à tarefa que lhe cabia e utilizando o livro para mostrar as imagens que as crianças não conseguiram visualizar bem no powerpoint. Relativamente ao tempo, foi realmente uma atividade um pouco extensa e que poderia ter sido dividida em duas partes distintas: a leitura e exploração do livro e posteriormente a atividade de cada um completar a frase com uma característica do seu pai. Não ocorreu na planificação e, apesar de não considerar uma falha grave, é algo a refletir para uma próxima atividade e que poderá ser melhorado no futuro: a capacidade de pensar rapidamente numa solução viável quando a tarefa se torna extensa ou impossível de levar até ao fim.</p>

Referências Bibliográficas:

ANEXO V
1ª Narrativa Colaborativa Corrigida

1ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Apresentação da História "Meu querido Pai"

Data: 14/03/2013

Comentário da educadora cooperante Marta do Carmo	Comentário da Observada Rita Norton	Comentário da Observadora Inês Bastos
<p>A História foi apresentada em power point, acompanhada também e ao mesmo tempo contada pelo livro. A Rita tinha "contra si" a clareza e mais existente naquela sala, o que não ajudou, pois as crianças não viam bem as imagens. No entanto, a história foi bem aceite e compreendida pelas crianças, que iam interagindo com a Rita ao longo da história. Conseguiram fazer a sua interpretação. O tom de voz utilizado pela Rita foi audível pelas crianças, apesar do seu reboliço natural, no final quase todas as crianças conseguiram atribuir uma característica ao seu pai. Foi uma atividade positiva, de acordo com os interesses das mesmas. O objetivo foi atingido. Saliento apenas o tempo que se foi tomando um pouco excessivo para manter as crianças sempre atentas e a colaborarem. Acredito que a próxima será melhor ainda. A Rita tem e consegue ter uma boa relação com as crianças e vice-versa.</p>	<p>A atividade realizada assentou na apresentação da história "Querido Pai" de Oriane Lollemand. Os objetivos principais da atividade foram o desenvolvimento da linguagem oral e uma promoção da exploração de obras literárias, explorando-se não apenas o seu registo escrito como também as suas ilustrações. Para além da apresentação em power point, prosseguiu-se a uma exploração das ilustrações numa tentativa de se extrair mais informação para além daquela que estava efetivamente registada. Considero que os objetivos foram cumpridos pois as crianças revelaram-se bastante motivadas para a atividade sendo capazes de encontrar diferentes aspetos e pormenores nas ilustrações, conseguindo explorar mais a história. A segunda parte da atividade assentou em completar a frase "pai...", devendo cada criança pensar no seu pai e atribuir-lhe uma característica. As características encontradas foram bastante diversificadas, tendo a maioria encontrada características autonomamente. Apenas os mais novos necessitaram de alguma ajuda. A atividade possibilitou também desenvolver "os afetos" (apesar de não constar da planificação), através de uma relação com a personalidade do respetivo pai que se traduziu na escolha da característica, estando as crianças bastante entusiasmadas com a temática do dia do pai. Ao nível da gestão do tempo, que segundo a educadora MC, se tornou excessivo, poderia ter-se realizado a abordagem à história apenas com o livro. No entanto, pretendeu-se que as crianças ouvíssem enquanto</p>	<p>A atividade planeada pela cidade teve um balanço positivo, no entanto, e tal como foi referido pela Educadora Marta do Carmo e pela Rita, com alguns aspetos que se constituíram um obstáculo ao sucesso pleno da mesma e que poderão ser melhorados numa atividade futura. De um modo geral, considero que a Rita cumpriu-se [A01] Comentário: Com maior peso pois conseguiu ter um discurso fluido [A02] Comentário: Não é tudo justo? Com as crianças, um tom de voz perceptível e conseguiu fazer com que o grupo prestasse atenção à atividade que decorria. Efetivamente, a Rita teve de lidar com o contratempo da clareza, que inicialmente procurou resolver tentando pôr a sala o mais escura possível mas que ainda assim não resultou, creio que conseguiu rapidamente resolver a situação não fazendo disso um entrave à tarefa que lhe cabia e utilizando o livro para mostrar as imagens que se vai [A03] Comentário: Conseguiram visualizar bem no powerpoint. Relativamente ao tempo, foi realmente uma atividade um pouco extensa e que poderia ter sido dividida em duas partes distintas: a leitura e exploração do livro e posteriormente a atividade de cada um completar a frase com uma característica do seu pai. Não ocorreu na planificação e apesar de não considerar uma falha grave, é algo a refletir para uma próxima atividade e que poderia ser melhorado no futuro: a capacidade de pensar rapidamente numa solução</p>

Aluna Observada: Rita Norton
Aluna Observadora: Inês Bastos

Narrativa Colaborativa
Jardim de Infância da Vilarinha

	<p>visualizassem as imagens aumentadas, utilizando esse fator como fator motivacional uma vez que, como observado nas semanas anteriores, as crianças revelaram bastante interesse na utilização do projetor. A gestão desse material poderia também ter sido diferente uma vez que, de facto, a sala estava muito clara. Penso que numa próxima situação seria vantajoso colocar a tela completamente de costas para as janelas para que a visualização se tornasse mais clara.</p>	<p>visível quando a tarefa se torna extensa ou impossível de levar até ao fim.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------

[A04] Comentário: creio que o problema reside no facto de tela, talvez seja mais fácil arranjar outro facto branco

Referências Bibliográficas:

ANEXO VI
2ª Narrativa Colaborativa

2ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Hábitos alimentares saudáveis

Data: 5/04/2013

Comentário da Observada	Comentário da Observadora	Comentário da educadora cooperante
<p>A atividade realizada sobre a alimentação surgiu como uma necessidade detetada pela diáde, uma vez que durante estas semanas de observação e estágio verificámos que a maioria das crianças trazem lanches pouco saudáveis para a escola. No entanto, simultaneamente, apercebemo-nos também que apesar disto acontecer, são poucas as que revelam falta de conhecimento sobre hábitos de alimentação saudáveis. Esta atividade tinha como objetivos principais promover esses mesmos hábitos, bem como promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita enquanto importante veículo de comunicação e acesso ao conhecimento do mundo e ao conhecimento pessoal e social.</p> <p>Ao longo das semanas passadas em prática pedagógica supervisionada, fomos observando que os lanches que as crianças levam para a escola não são muito saudáveis, trazendo demasiadas vezes pão com chocolate, sumos e bolachas de chocolate. Sendo um aspeto importante para uma vida saudável, a alimentação é um direito da criança que, de acordo com o princípio IV da declaração dos direitos das crianças (UNICEF, 1959) tem o direito a crescer e a desenvolver-se em boa saúde, devendo ser-lhe proporcionados cuidados especiais, os quais incluem uma boa alimentação.</p>	<p>Como referiu a estagiária Inês Bastos, a atividade realizada no dia 5 de Abril, sexta-feira, foi planeada de acordo com as necessidades observadas, necessidades essas que envolveram uma alimentação saudável, sendo os seus principais objetivos promover hábitos alimentares saudáveis e promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita enquanto importante veículo de comunicação e acesso ao conhecimento do mundo e ao conhecimento pessoal e social.</p> <p>Ao longo das semanas passadas em prática pedagógica supervisionada, fomos observando que os lanches que as crianças levam para a escola não são muito saudáveis, trazendo demasiadas vezes pão com chocolate, sumos e bolachas de chocolate. Sendo um aspeto importante para uma vida saudável, a alimentação é um direito da criança que, de acordo com o princípio IV da declaração dos direitos das crianças (UNICEF, 1959) tem o direito a crescer e a desenvolver-se em boa saúde, devendo ser-lhe proporcionados cuidados especiais, os quais incluem uma boa alimentação.</p>	<p>Comentário da educadora cooperante</p> <p>Maria do Carmo</p> <p>Por mais que fale da necessidade de fazer uma alimentação saudável, equilibrada acompanhada de exercício físico, o corre corre do dia a dia faz-nos por vezes nem pensar, é o mais fácil, o mais acessível, o mais rápido, desde que a criança goste, é o que basta. Por isso a atividade da Inês foi muito positiva, produtiva e de fácil entendimento para as crianças, que atentamente iam participando ao que lhes era pedido. Foi uma atividade que partiu de um caso vivido por uma criança no próprio dia (não tinha tomado o pequeno almoço).</p> <p>A Linguagem utilizada pela Inês no desenrolar da atividade foi a adequada ao grupo. Todas as respostas das crianças foram respondidas prontamente pela Inês, que ao longo da atividade deu oportunidade a todas para se expressarem.</p> <p>Esta atividade só pecou pelo tempo que demorou, pois este grupo é muito falador, o que tornou a atividade um pouco longa.</p> <p>Misturou um pouco a matemática com esta atividade, o que seria mais vantajoso realizá-la</p>

<p>atividade propicia ao diálogo, à manifestação de opiniões e, conseqüentemente, à promoção do respeito pelos outros (esperar pela sua vez de falar, ouvir os outros), à curiosidade sobre o que os rodeia e à vontade de aprender.</p> <p>A atividade iniciou-se com um diálogo entre a estagiária e as crianças de forma a perceber quais as suas ideias prévias sobre o assunto. Contudo, a conversa partiu de uma situação imprevista e acabou por trazer vantagens ao desenvolvimento da atividade. Um dos meninos da sala não tinha tomado o pequeno-almoço nessa manhã tendo sido esse o ponto de partida. Tendo como base essa informação, procurei a partir daí dinamizar um pouco a atividade fazendo alguns jogos com o grupo, incluindo pedir a uma das crianças para escolher que alimentos daria ao colega para tomar o pequeno-almoço e que justificasse a sua opção. Desta forma, pretendeu-se também que refletissem sobre algo vivenciado para retirarem significado. Creio que a estratégia utilizada trouxe benefícios para dar início à atividade mas o facto de inicialmente só envolver duas crianças, tornou-se maçador para as restantes, para além da sua duração que se tornou extensa.</p> <p>Outro ponto a refletir e melhorar é a ligação entre</p>	<p>posteriormente.</p> <p>Deste modo, procurou-se desenvolver uma atividade que chamasse a atenção das crianças para a importância de uma alimentação saudável, articulada com o dia-a-dia das mesmas. Nesse sentido, a estagiária Inês Bastos iniciou a atividade recorrendo aos alimentos de plástico da área do jogo simbólico (casinha) e, aproveitando o facto de, como já referido, uma criança não ter tomado o pequeno-almoço. Na minha opinião, um dos principais aspetos positivos relativamente à intervenção da Inês refere-se, precisamente, à capacidade de aproveitar esta (inesperada) informação, não só como ponto de partida, mas também integrando-a na atividade de modo a torna-la mais significativa para as crianças.</p> <p>Deste modo, a estagiária pediu a uma criança que escolhesse os alimentos que pensava ser os mais adequados para o pequeno-almoço do colega que não havia tomado o mesmo. A mesma estratégia foi utilizada com as restantes refeições do dia, pedindo-se à criança que escolhesse os alimentos e explicasse o porquê da sua escolha. Assim possibilitou-se um diálogo e questionamento, fundamental, não só para estimular o desenvolvimento da oralidade mas também para incentivar a vontade natural da criança de comunicar, permitindo que partilhem as suas</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Aluna Observada: Inês Bastos Aluna Observadora: Rita Norton</p>	<p>Narrativa Colaborativa Jardim de Infância da Vilarinha</p>
<p>momentos e tarefas. Creio que neste caso, houve alguma falha no "fio condutor" pois ainda não consegui ser totalmente eficaz neste sentido, havendo alguns momentos parados que, embora sejam positivos para dar oportunidade às crianças de se expressarem, acabam por deixar que se perca um pouco o sentido do que se está a fazer. Nesse sentido, penso ser necessário procurar ser mais dinâmica e trabalhar mais a capacidade de reagir perante as reações e situações que surgem e pensar rapidamente em estratégias diferentes quando as propostas não resultam.</p> <p>A atividade em questão podia ter sido mais explorada sendo que poderia ter sido um momento mais rico, incluindo o domínio da matemática, quando propus agruparem os alimentos mediante a sua designação na roda dos alimentos. Essa exploração podia ter sido realizada com contagens (contar o nº de elementos de cada grupo) e, posteriormente, com a reunião de conjuntos.</p> <p>Se repetisse a atividade, estes seriam alguns pontos a modificar e melhorar sendo as estratégias mencionadas acima algumas das possíveis para tornar a atividade mais completa.</p> <p>Ainda assim, também considero terem existido</p>	<p>experiências, os seus sentimentos e os seus desejos (Halliday, 1973, cit Hohmann e Weikart, 2009).</p> <p>No entanto, apesar desta estratégia resultar num diálogo fluido e extremamente rico em interações e partilha de ideias pessoais das crianças, a atividade prolongou-se por bastante tempo uma vez que o grupo caracterizou-se por ser um grupo bastante conversador e que ainda não consegue terminar o seu diálogo e dar a vez a outras crianças de falar, bem como compreender o que é pertinente para o momento em questão e o que não é. Por outro lado, a estagiária poderia ter adotado um tom de voz mais elevado e energético, tentando ser mais rápida e dinâmica nas interações, sendo este o principal aspeto menos positivo a salientar. Outro aspeto menos positivo da atividade, externo à intervenção direta da estagiária, prende-se com o facto de uma das crianças estar constantemente a mexer no material sem ser solicitado, incomodando os colegas ao seu lado e perturbando a atividade. A estagiária procurou contornar a situação colocando os alimentos novamente no cesto, enquanto prosseguia com a atividade, mas a criança em questão continuou a repetir o seu comportamento. Após diversas tentativas das duas estagiárias em acalmar a criança, optou-se</p>

<p>aspectos positivos como a introdução de algo através de uma situação inesperada, sendo uma realidade que os rodeia e que, naquele momento, se mostrou enquadrada. Os pequenos jogos que se foram realizando permitiram a participação de todos e a manipulação dos materiais que, segundo David Weikart e Mary Hohmann, contrariam "assim as funções de exibição ou demonstração de que por vezes se revestem".</p>	<p>por permitir que ficasse com um alimento na mão. Apesar de não ter resultado totalmente, a criança acalmou-se ligeiramente e interrompeu menos vezes a atividade.</p> <p>Como a atividade se prolongou não foi possível concluir o cartaz de avaliação dos lanches: foi explicado às crianças o seu funcionamento mas a sua construção ficou incompleta resultando numa certa quebra da atividade.</p> <p>De um modo geral, as crianças compreenderam e distinguiram uma alimentação saudável de uma alimentação menos saudável, permitindo-se, como a estagiária Inês referiu, uma manipulação de objetos já conhecidos e valorizados pelas crianças bem como a realização de pequenos jogos que iam surgindo de modo espontâneo, como a formação de conjuntos.</p> <p>Importa referir que numa próxima intervenção seria importante procurar articular diferentes áreas e domínios aproveitando ainda mais o jogo espontâneo e tornando as atividades mais dinâmicas, bem como procurar terminar as atividades (cartaz) mesmo que isso implique uma alteração da planificação.</p> <p>Penso que a principal dificuldade da Inês (e nossa) refere-se à continuidade das atividades, que parecem ficar um pouco "suspensas" e por terminar, bem como</p>	
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Aluna Observada: Inês Bastos
Aluna Observadora: Rita Norton

Narrativa Colaborativa
Jardim de Infância da Vilarinha

	esta ausência de dinamismo e "rapidez" na tomada de decisões que procurem motivar as crianças essencialmente através de atividades do seu dia-a-dia.	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Referências Bibliográficas:

- UNICEF (1959). *Declaração Universal dos Direitos das Crianças. Direitos das crianças. Princípio IV.*
- WEIKART, D. & HOHMANN, M. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

ANEXO VII
2^a Narrativa Colaborativa Corrigida

2ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Hábitos alimentares saudáveis

Data: 5/04/2013

Comentário da Observada	Comentário da Observadora	Comentário do educadora cooperante
<p>A atividade realizada sobre a alimentação surgiu como uma necessidade detetada pela diáde, uma vez que durante estas semanas de observação e estágio verificámos que a maioria das crianças trazem lanches pouco saudáveis para a escola. No entanto, simultaneamente, apercebemo-nos também que apesar disto acontecer, são poucas as que revelam falta de conhecimento sobre hábitos de alimentação saudáveis. Esta atividade tinha como objetivos principais promover esses mesmos hábitos, bem como promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita enquanto veículo de comunicação e acesso ao conhecimento do mundo e ao conhecimento pessoal e social.</p> <p>No longo das semanas passadas em prática pedagógica supervisionada, fomos observando que os lanches que as crianças levam para a escola não são muito saudáveis, trazendo demasiadas vezes pão com chocolate, sumos e bolachas de chocolate. Sendo um aspeto importante para uma vida saudável, a alimentação é um direito da criança que, de acordo com o princípio IV da declaração dos direitos das crianças (UNICEF, 1959) tem o direito a crescer e a desenvolver-se em boa saúde, devendo ser-lhe proporcionados cuidados especiais, os quais incluem uma boa alimentação.</p>	<p>Como referiu a estagiária Inês Bastos, a atividade realizada no dia 5 de Abril, sexta-feira, foi planeada de acordo com as necessidades observadas, necessidades essas que envolveram uma alimentação saudável, sendo os seus principais objetivos promover hábitos alimentares saudáveis e promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita enquanto importante veículo de comunicação e acesso ao conhecimento do mundo e ao conhecimento pessoal e social.</p> <p>No longo das semanas passadas em prática pedagógica supervisionada, fomos observando que os lanches que as crianças levam para a escola não são muito saudáveis, trazendo demasiadas vezes pão com chocolate, sumos e bolachas de chocolate. Sendo um aspeto importante para uma vida saudável, a alimentação é um direito da criança que, de acordo com o princípio IV da declaração dos direitos das crianças (UNICEF, 1959) tem o direito a crescer e a desenvolver-se em boa saúde, devendo ser-lhe proporcionados cuidados especiais, os quais incluem uma boa alimentação.</p>	<p>Maria do Carmo</p> <p>Por mais que fale da necessidade de fazer uma alimentação saudável, equiboradas acompanhadas de exercício físico, o corre corre do dia a dia, vezes nem pensar, é o mais fácil, o mas acessível, desde que a criança goste, é o que os pais fazem melhor?</p> <p>[AO1] Comentário: A observação da Inês no estágio.</p> <p>[AO2] Comentário: É a observação que os pais fazem melhor?</p> <p>isso a atividade de Inês foi muito positiva, produtiva e de fácil entendimento para as crianças, que prontamente iam participando ao que Inês era pedido. Foi uma atividade que partiu de um caso vivído por uma criança no próprio dia (não tinha tomado o pequeno almoço).</p> <p>[AO3] Comentário: Foi como a Inês viu.</p> <p>A linguagem utilizada pela Inês no desenvolver da atividade foi a adequada ao grupo. Todas as crianças foram respondidas prontamente pela Inês, que ao longo da atividade deu oportunidades a todas para se expressarem.</p> <p>[AO3] Comentário: I</p> <p>Esta atividade só peou pelo tempo que demorou, pois este grupo é muito falador, o que tornou a atividade um pouco longa.</p> <p>Misturou um pouco a matemática com esta atividade, o que seria mais vantajoso realizá-la posteriormente.</p> <p>[AO4] Comentário: I</p>

<p>atividade propicia ao diálogo, à manifestação de opiniões e, consequentemente, à promoção do respeito pelos outros (esperar pela sua vez de falar, ouvir os outros), à curiosidade sobre o que os rodeia e à vontade de aprender.</p> <p>A atividade iniciou-se com um diálogo entre a estagiária e as crianças de forma a perceber quais as suas ideias prévias sobre o assunto. Contudo, a conversa partiu de uma situação imprevista e acabou por trazer vantagens ao desenvolvimento da atividade.</p> <p>Um dos meninos da sala não tinha tomado o pequeno-almoço nessa manhã tendo sido esse o ponto de partida. Tendo como base essa informação, procurei a partir daí dinamizar um pouco a atividade fazendo alguns jogos com o grupo, incluindo pedir a uma das crianças para escolher que alimentos daria ao colega para tomar o pequeno-almoço e que justificasse a sua opção. Desta forma, pretendeu-se também que refletissem sobre algo vivenciado para retirarem significado. Creio que a estratégia utilizada trouxe benefícios para dar início à atividade mas o facto de inicialmente só envolver duas crianças, tornou-se misador para as restantes, para além da sua duração que se tornou extensa.</p> <p>Outro ponto a refletir e melhorar é a ligação entre</p>	<p>Deste modo, procurou-se desenvolver uma atividade que chamasse a atenção das crianças para a importância de uma alimentação saudável, articulada com o dia-a-dia das mesmas. Nesse sentido, a estagiária Inês Bastos iniciou a atividade recorrendo aos alimentos de plástico da área da cozinha e, aproveitando o facto de, como já referido, uma criança não ter tomado o pequeno-almoço. Na minha opinião, um dos principais aspetos positivos relativamente à intervenção da Inês refere-se, precisamente, à capacidade de aproveitar esta (inesperada) informação, não só como ponto de partida, mas também integrando-a na atividade de modo a torná-la mais significativa para as crianças.</p> <p>Deste modo, a estagiária pediu a uma criança que escolhesse os alimentos que pensava ser os mais adequados para o pequeno-almoço do colega que não havia tomado o mesmo. A mesma estratégia foi utilizada com as restantes refeições do dia, pedindo-se à criança que escolhesse os alimentos e explicasse o porquê da sua escolha. Assim, possibilitou-se um diálogo e questionamento, fundamental, não só para estimular o desenvolvimento da oralidade mas também para incentivar a vontade natural da criança de comunicar, permitindo que partilhassem as suas</p>	<p>[A012] Comentário: vigia</p> <p>[A05] Comentário: e os próprios materiais, pois poderiam ser mais diversificados e ajustados à realidade das crianças</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Aluna Observada: Inês Bastos Aluna Observadora: Rita Norton</p>	<p>Narrativa Colaborativa Jardim de Infância da Vilarinha</p>
<p>momentos e tarefas. Creio que neste caso, houve alguma falha no "fio condutor" pois ainda não consegui ser totalmente eficaz neste sentido, havendo alguns momentos parados que, embora sejam positivos para dar oportunidade às crianças de se expressarem, acabam por deixar que se perca um pouco o sentido do que se está a fazer. Neste sentido, penso ser necessário procurar ser mais dinâmica e trabalhar mais a capacidade de reagir perante as reações e situações que surgem e pensar rapidamente em estratégias diferentes quando as propostas não resultam.</p> <p>A atividade em questão podia ter sido mais explorada sendo que poderia ter sido um momento mais rico, incluindo o domínio da matemática, quando propus agruparem os alimentos mediante a sua designação na roda dos alimentos. Essa exploração podia ter sido realizada com contagens (contar o nº de elementos de cada grupo) e, posteriormente, com a reunião de conjuntos.</p> <p>Se repetisse a atividade, estes seriam alguns pontos a modificar e melhorar sendo as estratégias mencionadas acima algumas das possíveis para tornar a atividade mais completa.</p> <p>Ainda assim, também considero terem existido</p>	<p>experiências, os seus sentimentos e os seus desejos (Halliday, 1973, cit Höhmann e Weiland, 2009).</p> <p>No entanto, apesar desta estratégia resultar num diálogo fluido e extremamente rico em interações e partilha de ideias pessoais das crianças, a atividade prolongou-se por bastante tempo uma vez que o grupo caracteriza-se por ser um grupo bastante conversador e que ainda não consegue terminar o seu diálogo e dar a vez a outras crianças de falar, bem como compreender o que é pertinente para o momento em questão e o que não é. Por outro lado, a estagiária poderia ter adotado um tom de voz mais elevado e enérgico, tentando ser mais rápida e dinâmica nas interações, sendo este o principal aspeto menos positivo a salientar. Outro aspeto menos positivo da atividade, externo à intervenção direta da estagiária, prende-se com o facto de uma das crianças estar constantemente a mexer no material sem ser solicitada, incomodando os colegas ao seu lado e perturbando a atividade. A estagiária procurou contornar a situação colocando os alimentos novamente no cesto, enquanto prosseguia com a atividade, mas a criança em questão continuou a repetir o seu comportamento. Após diversas tentativas das duas estagiárias em acalmar a criança, optou-se</p>
	<p>[A06] Comentário: e tal como tem sido sublinhado pela supervisão Institucional</p>
	<p>[A07] Comentário: desafiador</p>

<p>aspectos positivos como a introdução de algo através de uma situação inesperada, sendo uma realidade que os rodeia e que, naquele momento, se mostrou enquadrada. Os pequenos jogos que se foram realizando permitiram a participação de todos e a manipulação dos materiais que, segundo David Weikart e Mary Mohrman, contrariam "asim as funções de exibição ou demonstração de que por vezes se revestem".</p>	<p>por permitir que ficasse com um alimento na mão. Apesar de não ter resultado totalmente, a criança acalmou-se ligeiramente e interrompeu menos vezes a atividade.</p> <p>Como a atividade se prolongou não foi possível concluir o cartaz de avaliação dos lanches: foi explicado às crianças o seu funcionamento mas a sua construção ficou incompleta resultando numa certa quebra da atividade.</p>	<p>[AO8] Comentário: em?</p> <p>[AO13] Comentário: Intervenção em construção ao falar e negociar pelas crianças</p> <p>[AO9] Comentário: Como avalia a evolução do tempo, grupo e materiais?</p> <p>[AO10] Comentário: E que ações foram propostas? E a avaliação do desenvolvimento das crianças face aos objetivos traçados?</p>
	<p>De um modo geral, as crianças compreenderam e distinguiram uma alimentação saudável de uma alimentação menos saudável, permitindo-se, como a estagiária Inês referiu, uma manipulação de objetos já conhecidos e valorizados pelas crianças bem como a realização de pequenos jogos que iam surgindo de modo espontâneo, como a formação de conjuntos.</p> <p>Importa referir que numa próxima intervenção seria importante procurar articular diferentes áreas e domínios aproveitando ainda mais o jogo espontâneo e tomando as atividades mais dinâmicas, bem como procurar terminar as atividades (cartaz) mesmo que isso implique uma alteração da planificação.</p> <p>Penso que a principal dificuldade da Inês (e nossa) refere-se à continuidade das atividades, que parecem ficar um pouco "suspenso" e por terminar, bem como</p>	<p>[AO14] Comentário: está de acordo</p>

Aluna Observada: Inês Bastos
Aluna Observadora: Rita Norton

Narrativa Colaborativa
Jardim de Infância da Vila Real

esta ausência de dinamismo e "rapidez" na tomada de decisões que procurem motivar as crianças essencialmente através de atividades do seu dia-a-dia.

[A015] **Comentário:** conseguiu identificar aspetos a melhorar e assumir as dificuldades sentidas. Não esqueceu de centrar a análise das atividades nas dimensões da organização do ambiente educativo de forma a assenalar o reflexo sobre a ação.

Referê
erê

ncias Bibliográficas:

- UNICEF (1959). *Declaração Universal dos Direitos das Crianças. Direitos das crianças. Princípio IV.*
- WEIKART, D. & HOHMANN, M. (1997). *Educar a criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian*

ANEXO VIII
3ª Narrativa Colaborativa

3ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Atividade experimental "Porque é que as folhas mudam de cor?"

Data: 24/04/2013

Comentário da Observada Rita Norton	Comentário da educadora cooperante Maria do Carmo	Comentário da Observadora Inês Bastos
<p>A atividade realizada no dia 24 de Abril caracteriza-se como uma atividade experimental e insere-se na exploração da Primavera que tem sido realizada ao longo das últimas semanas.</p> <p>A sociedade atual é eminentemente científica e tecnológica e as crianças que nela vivem desde cedo contactam, de diferentes maneiras, com diversos equipamentos que são o reflexo dos avanços da ciência e da tecnologia (Martins et al, 2009). Deste modo, e compreendendo que as crianças nestas idades aprendem através da interação com objetos e com os outros, formando as suas próprias ideias sobre os fenómenos que as rodeiam durante as observações que realizam nas ações que desenvolvem acompanhadas ou autonomamente, (Martins et al, 2009, p. 12), torna-se fundamental a promoção, no jardim-de-infância, de práticas que fomentem essa manipulação e interação, possibilitando,</p>	<p>A atividade foi bem conduzida, foi utilizada uma linguagem científica e ao mesmo tempo compreensível as crianças, mesmos as mais pequeninas do grupo. Foi uma atividade participada, as crianças fizeram imensas perguntas, às quais a Rita ia respondendo prontamente para que todas as dúvidas fossem tiradas e compreendessem os passos que estavam a ser dados ao longo da experiência.</p> <p>Pelos registos realizados verifica-se que foi entendido e atingido o objetivo proposto: porque é que as folhas mudam de cor no Outono.</p> <p>Foi uma atividade positiva que contribuiu para satisfazer cientificamente a curiosidade natural das crianças e o aprender fazendo.</p>	<p>Tal como já foi referido, a atividade realizada no dia 24 de abril foi uma atividade de carácter experimental inserida no tema a ser explorado naquele momento, a primavera. Integrada na área de conhecimento do Mundo, esta atividade teve como objectivos principais: desenvolver o conhecimento dos elementos do ambiente natural, integrando-os na estação do ano atual, a Primavera; promover o desenvolvimento de atitudes científicas como a observação, o questionamento, a formulação de hipóteses e de conclusões; e promover a interação com materiais estruturados, ao nível das ciências naturais, como filtros, almofariz, gobelés e provetas.</p> <p>A educação em ciências deve, segundo vários autores, ser promovida desde o Jardim de Infância não só para alimentar a curiosidade e o interesse das crianças no mundo que as rodeia, mas também</p>

<p>simultaneamente uma iniciação aos procedimentos e formas de pensar próprias da construção do conhecimento científico (Martins et al, 2009, p. 7).</p> <p>Deste modo, e procurando alcançar o objetivo de promover o desenvolvimento de atitudes científicas como a observação, o questionamento, a formulação de hipóteses e de conclusões, desenvolvemos uma atividade experimental partindo de uma curiosidade revelada pelas crianças em semanas anteriores relativa à mudança de cor das folhas no Outono e depois na Primavera. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Vasconcelos, 1997), a sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador deve alargar e contextualizar, fomentando a curiosidade e o desejo de aprender.</p> <p>Assim, e uma vez que estamos a trabalhar a Primavera, pareceu-nos pertinente retomar as questões colocadas, e alargar o conhecimento das crianças, utilizando uma estratégia ainda não muito explorada nas atividades propostas, a prática experimental.</p> <p>Antes das crianças explorarem os materiais e prepararem a experiência, foi realizado um diálogo no</p>	<p>para fomentar o gosto e admiração pelas ciências (Vasconcelos, 1997). Além disto, atividades deste carácter permitem à criança desenvolver a linguagem, inclusive a linguagem científica, e compreender desde cedo alguns conceitos que possivelmente abordarão anos mais tarde.</p> <p>Deve ser tarefa do educador de infância, "estimular a curiosidade da criança pelo que a rodeia" (Decreto Lei nº241/2001, capítulo II).</p> <p>Nesse sentido, é importante que a sua ação educativa integre momentos de pesquisa, experiências e proporcione à(s) criança(s) identificar e resolver problemas do mundo envolvente.</p> <p>Deste modo, procurando integrar este perfil e integrar os interesses do grupo na prática pedagógica, foi planificada a realização da experiência "Porque é que as folhas mudam de cor?".</p> <p>É de salientar o esforço em proporcionar uma atividade que partisse da curiosidade geral do grupo e que se justificasse pelo interesse que a maioria revelou em aprofundar conhecimentos</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Aluna Observada: Rita Norton
Aluna Observadora: Inês Bastos

Narrativa Colaborativa
Jardim-de-Infância da Vilarinha

<p>qual as crianças participaram ativamente, registando-se as questões-problema e as conceções prévias das crianças acerca das mesmas.</p> <p>Segundo Martins et al (2009), a procura de respostas e explicações para fenómenos do dia-a-dia que despertam a curiosidade das crianças configura-se como um contexto rico para o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente, o que inclui pensar de forma crítica e criativa, sendo que interregar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a sua solução constitui a base do método científico (Vasconcelos, 1997).</p> <p>Neste sentido, desenvolveu-se um diálogo inicial, onde se procurou possíveis respostas para a questão-problema e através do qual as crianças compreenderam a experiência a realizar: o que queríamos saber, o que vamos modificar e porquê, e o que vamos manter.</p> <p>Após o diálogo, a turma foi dividida em três grupos, pelas mesas, permitindo esta organização um maior aproveitamento dos recursos humanos possibilitando que todas as crianças tivessem oportunidade de observar, de manipular os materiais e de ter um apoio</p>	<p>sobre plantas e animais. Assim, tendo em conta a sua vontade e acreditando que a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca da compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano (Vasconcelos, 1997, p. 79), procurou-se a interação com o meio natural e a satisfação da curiosidade do grupo.</p> <p>Num primeiro momento, o grupo dirigiu-se ao exterior para a recolha das folhas, permitindo a proximidade com a natureza e a observação direta, numa deslocação ao exterior, de forma a permitir o acesso à realidade.</p> <p>A deslocação ao exterior foi acompanhada do diálogo, tal como toda a atividade, com o objectivo de incentivar e promover a capacidade de interregar, planejar, realizar, reflectir e registar.</p> <p>Com esta deslocação, tornou-se possível ainda proporcionar ocasiões de observação de fenómenos da natureza [...] que favoreçam o confronto de interpretações, a inserção da criança no seu contexto, o desenvolvimento de atitudes de rigor e de comportamentos de respeito pelo</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>maior e individualizado.</p> <p>A experiência, que assentou na extração da clorofila das folhas verdes, correu de acordo com o previsto apesar do amarelo não ficar muito nítido no papel de filtro. Apesar de terem sido usadas folhas de espinaifras como recomendado (elevada percentagem de clorofila) e de a experiência ter sido testada previamente, compreendemos que existem aspetos que não dependem apenas da nossa intervenção mas de aspetos exteriores (como as características e validade das folhas).</p> <p>Estes imprevistos não prejudicaram a experiência em si, sendo que as crianças revelaram-se muito participativas, mostrando-se por vezes ansiosas pela sua vez de participar.</p> <p>Importa referir que foram construídos instrumentos de registo que nos permitiram acompanhar e registar o desenvolvimento do pensamento das crianças antes e ao longo da experiência. Esse registo foi efetuado no início da experiência ("o que vai acontecer e porquê"; "o que vamos precisar") e no fim ("o que aconteceu e porquê"). No final as crianças registaram através da</p>	<p>ambiente (Decreto Lei nº241/2001, capítulo III).</p> <p>Após a recolha, a atividade prosseguiu dentro da sala e em grupos, como referiu a Rita.</p> <p>O discurso e as explicações foram claras, audíveis e simples, com o intuito de perceberem bem as etapas necessárias à realização da experiência e cada grupo tinha junto de si um adulto para orientar a atividade e esclarecer dúvidas. Durante a experiência, as crianças revelaram sempre interesse nas tarefas e participativas, justificando a realização desta atividade. Apesar de o resultado não ter sido exactamente o esperado, creio que a Rita contornou a situação de forma eficaz, uma vez que procurou precisamente partir dos imprevistos surgidos e questionar as crianças sobre o não funcionamento totalmente correto da experiência, mantendo uma postura indagadora e nunca deixando de orientar o grupo durante este processo de construção e exploração de conceitos.</p> <p>Com esta atividade articularam-se ainda as áreas de formação pessoal e social, traduzida no respeito pelos outros e pelo trabalho a ser realizado; e a área da expressão e comunicação, no diálogo entre</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Aluna Observada: Rita Norton
Aluna Observadora: Inês Bastos

Narrativa Colaborativa
Jardim-de-Infância da Vilarinha

<p>colagem do papel de filtro individual, a qual foi explorada com cada uma de modo a perceber se a experiência havia sido compreendida pelas crianças.</p> <p>A interação com materiais estruturados, ao nível das ciências naturais, como filtros, almofariz, gobelés e tubos de ensaio, promoveu, não só o enriquecimento do conhecimento do mundo e o contacto com a <i>atitude e metodologia própria das ciências</i> (Vasconcelos, 1997, p. 82), como também um nível elevado de motivação e entusiasmo pela tarefa a realizar.</p> <p>Importa também salientar que esta atividade permitiu também um alargamento do vocabulário da criança ("clorofila", "almofariz") levando a uma exploração espontânea de palavras novas e difíceis de pronunciar.</p> <p>Apesar de ter sido possível toda a realização e exploração dos diferentes passos da experiência (e da sua articulação com outros domínios como o da matemática e da linguagem oral) pensamos, no entanto, que poderíamos ter explorado mais a atividade através de uma exploração do conceito de cientista e da sua função na sociedade. Poderíamos</p>	<p>os adultos e o grupo e no registo elaborado.</p> <p>Compreende-se a necessidade de terem sido explorados outros conceitos que poderão ter surgido no decorrer da atividade e de ter sido articulada com mais áreas de conteúdo, sendo este um dos aspectos a melhorar. No entanto, é necessário referir que a resposta à questão-problema foi encontrada e respondida pelo grupo, tendo por isso sido alcançado o principal objetivo.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

também ter construído outros materiais, propícios ao desenvolvimento de um grau ainda maior de motivação e interesse pela tarefa como cartões identificados do "cientista" e do "grupo de cientistas".

Após a identificação de aspetos a melhorar, parece relevante referir um outro aspeto decorrente da reflexão ao nível da planificação elaborada. Por considerarmos que a área de Formação Pessoal e Social é transversal a todas as outras, compreendemos que os objetivos referentes a esta área escasseiam nas nossas planificações. Deste modo, importa salientar que a atividade realizada caracterizou-se como uma excelente oportunidade para desenvolver a cooperação entre as crianças, bem como o respeito pelo outro (e neste caso pela Natureza), essenciais para a compreensão e interação numa comunidade democrática.

Referências Bibliográficas:

- Martins, I.; Veiga, M.L.; Teixeira, F.; Tenreiro – Vieira, C.; Vieira, R.; Rodrigues, A.; Couceiro, F.; Pereira, S.J. (2009). *Despertar para a Ciência: atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação. Direcção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Vasconcelos, T. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Decreto- Lei nº241/2001, de 30 de Agosto de 2001 – Perfil de Desempenho do Educador de infância

ANEXO IX
3ª Narrativa Colaborativa Corrigida

3ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Atividade experimental "Porque é que as folhas mudam de cor?"

Data: 24/04/2013

Comentário da Observada Rita Norton	Comentário da educadora cooperante Maria do Carmo	Comentário da Observadora Inês Bastos
<p>A atividade realizada no dia 24 de Abril caracterizou-se como uma atividade experimental e insere-se na exploração da Primavera que tem sido realizada ao longo das últimas semanas.</p> <p>A sociedade atual é eminentemente científica e tecnológica e as crianças que nela vivem desde cedo contactam, de diferentes maneiras, com diversos equipamentos que são o reflexo dos avanços da ciência e da tecnologia (Martins et al, 2009). Deste modo, e compreendendo que as crianças nestas idades aprendem através da interação com objetos e com os outros, formando as suas próprias ideias sobre os fenómenos que as rodeiam durante as observações que realizam nas ações que desenvolvem acompanhadas ou autonomamente, (Martins et al, 2009, p. 12), torna-se fundamental a promoção, no jardim-de-infância, de práticas que fomentem esta manipulação e interação, possibilitando,</p>	<p>A atividade foi bem conduzida, foi utilizada uma linguagem científica e ao mesmo tempo compreensível as crianças, mesmo as mais pequenas do grupo. Foi uma atividade participada, as crianças fizeram inúmeras perguntas, às quais a Rita ia respondendo prontamente para que todas as dúvidas fossem tiradas e compreendessem os passos que estavam a ser dados ao longo da experiência.</p> <p>Pelos registos realizados verifica-se que foi entendido e atingido o objetivo proposto: porque é que as folhas mudam de cor no Outono.</p> <p>Foi uma atividade positiva que contribuiu para satisfazer cientificamente a curiosidade natural das crianças e o aprender fazendo.</p>	<p>Tal como já foi referido, a atividade realizada no dia 24 de abril foi uma atividade de carácter experimental inserida no tema a ser explorado naquele momento, a primavera. Integrada na área de conhecimento do Mundo, esta atividade teve como objectivos principais: desenvolver o conhecimento dos elementos do ambiente natural, integrando-os na estação do ano atual, a Primavera; promover o desenvolvimento de atitudes científicas como a observação, o questionamento, a formulação de hipóteses e de conclusões; e promover a interação com materiais estruturados, ao nível das ciências naturais, como filtros, almofariz, gobelés e provetas;</p> <p>[A06] Comentário: De certa forma está a obter a informação dada pela fita</p> <p>A educação em ciências deve, segundo vários autores, ser promovida desde o Jardim-</p> <p>[A07] Comentário: Até ao início não só para alimentar a curiosidade e o interesse das crianças no mundo que as rodeia, mas também</p>

<p>simultaneamente uma iniciação aos procedimentos e formas de pensar próprias da construção do conhecimento científico (Martins et al, 2009, p. 7).</p> <p>Deste modo, e procurando alcançar o objetivo de promover o desenvolvimento de atitudes científicas como a observação, o questionamento, a formulação de hipóteses e de conclusões, desenvolvemos uma atividade experimental partindo de uma curiosidade revelada pelas crianças em semanas anteriores relativa à mudança de cor das folhas no Outono e depois na Primavera. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Vasconcelos, 1997), a sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador deve alargar e contextualizar, fomentando a curiosidade e o desejo de aprender.</p> <p>Assim, e uma vez que estamos a trabalhar a Primavera, pareceu-nos pertinente retomar as questões colocadas, e alargar o conhecimento das crianças, utilizando uma estratégia ainda não muito explorada nas atividades propostas, a prática experimental.</p> <p>Antes das crianças explorarem os materiais e prepararem a experiência, foi realizado um diálogo no</p>	<p>para fomentar o gosto e admiração pelas ciências (Vasconcelos, 1997). Além disso, atividades deste carácter permitem à criança ^{longa}desse [A01] Comentarário: Que frase da linguagem, inclusive a linguagem científica, e compreender desde cedo alguns conceitos que possivelmente abordarão anos mais tarde.</p> <p>Deve ser tarefa do educador de infância, "estimular a curiosidade da criança pelo que a rodeia" (Decreto Lei nº241/2001, capítulo II).</p> <p>Nesse sentido, é importante que a sua ação educativa integre momentos de pesquisa, experiências e proporcione à(s) criança(s) identificar e resolver problemas do mundo envolvente.</p> <p>Deste modo, procurando integrar este perfil e integrar os interesses do grupo na prática pedagógica, foi planificada a realização da experiência "Porque é que as folhas mudam de cor?".</p> <p>É de salientar o esforço em proporcionar uma atividade que partisse da curiosidade geral do grupo e que se justificasse pelo interesse que a maioria revelou em aprofundar conhecimentos</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>qual as crianças participaram ativamente, registando-se as questões-problema e as concepções prévias das crianças acerca das mezinhas.</p> <p>Segundo Martins et al (2009), a procura de respostas e explicações para fenómenos do dia-a-dia que despertam a curiosidade das crianças configura-se como um contexto rico para o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente, o que inclui pensar de forma crítica e criativa, sendo que Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a sua solução constitui a base do método científico (Vasconcelos, 1997).</p> <p>Neste sentido, desenvolveu-se um diálogo inicial, onde se procurou possíveis respostas para a questão-problema e através do qual as crianças compreenderam a experiência a realizar: o que queremos saber, o que vamos modificar e porquê, e o que vamos manter.</p> <p>Após o diálogo, a turma foi dividida em três grupos, pelas mesas, permitindo esta organização um maior aproveitamento dos recursos humanos possibilitando que todas as crianças tivessem oportunidade de observar, de manipular os materiais e de ter um apoio</p>	<p>sobre plantas e animais. Assim, tendo em conta a sua vontade e acreditando que a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca do compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano (Vasconcelos, 1997, p. 79), procurou-se a interação com o meio natural e a satisfação da curiosidade do grupo.</p> <p>Num primeiro momento, o grupo dirigiu-se ao exterior para a recolha das folhas, permitindo a proximidade com a natureza e a observação direta, numa deslocação ao exterior, de forma a permitir o acesso à realidade.</p>	<p>A deslocação ao exterior foi sempre [A02] Comentário: procurar diálogo, tal como toda a atividade, com o objetivo de incentivar e promover a capacidade de interrogar, planejar, realizar, reflectir e registar. Com esta deslocação, tornou-se possível ainda proporcionar ocasiões de observação de fenómenos da natureza [...] que favoreçam o confronto de interpretações, a inserção da criança no seu contexto, o desenvolvimento de atitudes de rigor e de comportamentos de respeito pelo</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>maior e individualizado.</p> <p>A experiência, que assentou na extração da clorofila das folhas verdes, correu de acordo com o previsto apesar do amarelo não ficar muito nítido no papel de filtro. Apesar de terem sido usadas folhas de espinafres como recomendado (elevada percentagem de clorofila) e de a experiência ter sido testada previamente, compreendemos que existem aspetos que não dependem apenas da nossa intervenção mas de aspetos exteriores (como as características e validade das folhas).</p> <p>Estes imprevistos não prejudicaram a experiência em si, sendo que as crianças revelaram-se muito participativas, mostrando-se por vezes ansiosas pela sua vez de participar.</p> <p>Importa referir que foram construídos instrumentos de registo que nos permitiram acompanhar e registar o desenvolvimento do pensamento das crianças antes e ao longo da experiência. Esse registo foi efetuado no início da experiência ("o que vai acontecer e porquê"; "o que vamos precisar") e no fim ("o que aconteceu e porquê"). No final as crianças registaram através da</p>	<p>ambiente (Decreto Lei nº241/2001, capítulo III).</p> <p>Após a recolha, a atividade prosseguiu dentro da sala e em grupos, como referiu a Rita.</p> <p>O discurso e as explicações foram claras, audíveis e simples, com o intuito de perceberem bem as etapas necessárias à realização da experiência e cada grupo tinha junto de si um adulto para orientar a atividade e esclarecer dúvidas. Durante a experiência, as crianças revelaram sempre interesse nas tarefas e participativas, justificando a realização desta atividade. Apesar de o resultado não ter sido exatamente o esperado, creio que a Rita contornou a situação de forma eficaz, uma vez que procurou precisamente partir dos imprevistos surgidos e questionar as crianças sobre o não funcionamento totalmente correto da experiência, mantendo uma postura indagadora e nunca deixando de orientar o grupo durante este processo de construção e exploração de conceitos.</p> <p>Com esta atividade articularam-se ainda as áreas de formação pessoal e social, traduzida no respeito pelos outros e pelo trabalho a ser realizado; e a área da expressão e comunicação, no diálogo entre</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>maior e individualizado.</p> <p>A experiência, que assentou na extração da clorofila das folhas verdes, correu de acordo com o previsto apesar do amarelo não ficar muito nítido no papel de filtro. Apesar de terem sido usadas folhas de espinafres como recomendado (elevada percentagem de clorofila) e de a experiência ter sido testada previamente, compreendemos que existem aspetos que não dependem apenas da nossa intervenção mas de aspetos exteriores (como as características e validade das folhas).</p> <p>Estes imprevistos não prejudicaram a experiência em si, sendo que as crianças revelaram-se muito participativas, mostrando-se por vezes ansiosas pela sua vez de participar.</p> <p>Importa referir que foram construídos instrumentos de registo que nos permitiram acompanhar e registar o desenvolvimento do pensamento das crianças antes e ao longo da experiência. Esse registo foi efetuado no início da experiência ("o que vai acontecer e porquê"; "o que vamos precisar") e no fim ("o que aconteceu e porquê"). No final as crianças registaram através da</p>	<p>ambiente (Decreto Lei nº241/2001, capítulo III).</p> <p>Após a recolha, a atividade prosseguiu dentro da sala e em grupos, como referiu a Rita.</p> <p>O discurso e as explicações foram claras, audíveis e simples, com o intuito de perceberem bem as etapas necessárias à realização da experiência e cada grupo tinha junto de si um adulto para orientar a atividade e esclarecer dúvidas. Durante a experiência, as crianças revelaram sempre interesse nas tarefas e participativas, justificando a realização desta atividade. Apesar de o resultado não ter sido exactamente o esperado, creio que a Rita contornou a situação de forma eficaz, uma vez que procurou precisamente partir dos imprevistos surgidos e questionar as crianças sobre o não funcionamento totalmente correto da experiência, mantendo uma postura indagadora e nunca deixando de orientar o grupo durante este processo de construção e exploração de conceitos.</p> <p>Com esta atividade articularam-se ainda as áreas de formação pessoal e social, traduzida no respeito pelos outros e pelo trabalho a ser realizado; e a área da expressão e comunicação, no diálogo entre</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Aluna Observada: Rita Norton
Aluna Observadora: Inês Bastos

Narrativa Colaborativa
Jardim-de-Infância da Vilarinha

também ter construído outros materiais, propícios ao desenvolvimento de um grau ainda maior de motivação e interesse pela tarefa como cartões identificados do "cientista" e do "grupo de cientistas".

Após a identificação de aspetos a melhorar, parece relevante referir um outro aspeto decorrente da reflexão ao nível da planificação elaborada. Por considerarmos que a área de Formação Pessoal e Social é transversal a todas as outras, compreendemos que os objetivos referentes a esta área escasseiam nas nossas planificações. Deste modo, importa salientar que a atividade realizada caracterizou-se como uma excelente oportunidade para desenvolver a cooperação entre as crianças, bem como o respeito pelo outro (e neste caso pela Natureza), essenciais para a compreensão e interação numa comunidade democrática.

[A08] Comentário: e sobre o seu desempenho?

Referências Bibliográficas:

- Martins, I.; Veiga, M.L.; Teixeira, F.; Tenreiro – Vieira, C.; Vieira, R.; Rodrigues, A.; Couceiro, F.; Pereira, S.J. (2009). *Despertar para a Ciência: atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação. Direção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Vasconcelos, T. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

Aluna Observada: Rita Norton
Aluna Observadora: Inês Bastos

Narrativa Colaborativa
Jardim-de-Infância da Visorinha

- **Decreto-Lei nº241/2001, de 30 de Agosto de 2001 – Perfil de Desempenho do Educador de Infância**

Rita: conseguiu identificar aspetos relevantes e fundamentar algumas interpretações. Gostaria que tivesse focado mais o seu desempenho e perspetivasse ações futuras.

Inês: Na parte inicial parecia mais um monólogo, pois repetiu alguns aspetos referidos pela Rita e acentuou muito a explanação de alguns conceitos, de forma “desgarrada” da situação. Progressivamente foi articulando mais com a situação observada o que enriqueceu o trabalho.

ANEXO X
4ª Narrativa Colaborativa

4ª Narrativa Colaborativa

Episódio Observado: Atividade "Qual é ela?" – Jogo das profissões

Data: 07/06/2013

Comentário da educadora cooperante	Comentário da Observada	Comentário da Observadora
<p>Maria do Carmo</p> <p>A Inês, durante a atividade, teve uma linha condutora, o que possibilitou um bom desenrolar da atividade. Sendo um jogo em que as crianças tinham algumas pistas para atingir os objetivos, as crianças aderiram logo ao jogo com entusiasmo e empenho. A Inês conseguiu levar a que todas as crianças participassem, incluindo as mais tímidas.</p> <p>Com as pistas que iam sendo dadas, foram capazes de descobrir sem dificuldade a que profissão se referia.</p> <p>Foi um jogo inovador, despertou a curiosidade das crianças, levando-as a pensar também nas profissões que os seus pais exercem. A linguagem utilizada pela Inês foi adequada, num tom de voz meigo e acessível.</p> <p>Sempre que adivinhavam a profissão, ficaram todos contentes e falavam dela e os seus pormenores.</p> <p>Foi uma atividade que contribuiu para um melhor conhecimento do mundo e aumentar o conhecimento de cada criança, para melhor integração na sociedade.</p>	<p>Inês Bastos</p> <p>Na sequência da realização da árvore genealógica de cada criança, a diade procurou aprofundar um pouco mais o tema "Família" e explorar as profissões dos familiares de cada um. Com esse objetivo, no dia 7 de Junho realizamos a atividade "Qual é ela, qual é ela?", um jogo criado pelo par pedagógico para explorar as diversas profissões, as suas potencialidades e os materiais de que cada uma se mune para o seu exercício.</p> <p>A atividade, apesar de constituir um momento mais lúdico, teve dois objetivos principais: estimular o reconhecimento da existência de diferentes profissões e do seu contributo para o desenvolvimento da sociedade; e promover o desenvolvimento da cooperação, da entreajuda e do respeito pelo outro.</p> <p>Para quem integra a área de educação, não é nova a questão de que é extremamente importante a criança conhecer o mundo que a rodeia de forma ser integrada na sociedade e a sentir-se parte dela. É esse conhecimento sobre o que a envolve que lhe permite construir saberes necessários a vida em conjunto e à</p>	<p>Rita Norton</p> <p>Como referiu a Inês, no dia 7 de Junho, último dia da semana, foi desenvolvida uma atividade que assentou na realização de um jogo denominado "Qual é ela, qual é ela?" sobre as profissões. Neste, as crianças exploraram uma caixa surpresa constituída por imagens que forneciam pistas para uma criança comunicar aos outros no sentido de adivinhar qual a profissão.</p> <p>Compreendendo que as orientações curriculares para a educação pré-escolar preconizam o alargamento de saberes básicos que são necessários para a vida social (Vasconcelos, 1997), procurou-se desenvolver uma atividade que permitisse o reconhecimento da existência de diferentes profissões e do seu contributo fundamental para o desenvolvimento da sociedade.</p> <p>O conhecimento do mundo que rodeia a criança é fundamental à construção de saberes básicos associadas à vida em sociedade, sendo as profissões e o seu papel social conceitos que as</p>

	<p>interação com os outros. Tal como esse conhecimento do mundo deve ser proporcionado à criança, também o conhecimento das profissões e seu papel na sociedade, sendo conceitos que deverá adquirir desde o pré-escolar, favorecendo a construção plena da sua cidadania (Vasconcelos, 1997).</p> <p>A sua integração na sociedade passa também pelo exercício de uma profissão no futuro e o respeito e compreensão sobre a utilidade de cada uma, sendo por isso essencial que interajam desde cedo com profissões diversificadas.</p> <p>Uma vez que o jogo contribui de forma significativa para a construção e compreensão de conhecimentos e para a consolidação dos mesmos, procurou-se tomar partido das suas potencialidades e usar esta metodologia para a exploração dos conceitos.</p> <p>Neste jogo, privilegiaram-se as áreas da expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral, e a área de formação pessoal e social.</p> <p>O jogo era constituído por 7 caixas pequenas, cada uma com a imagem de uma profissão colada na parte de dentro da tampa e com 4 imagens alusivas a essa mesma profissão colocadas no interior da caixa. A criança com a caixa tinha de a abrir, ver qual era a profissão representada e, através de pistas, levar os</p>	<p>crianças em idade pré-escolar devem explorar no sentido da construção plena da sua cidadania (Vasconcelos, 1997).</p> <p>Por outro lado, e tendo consciência que as crianças do grupo desenvolvem frequentemente "brincadeiras" onde reproduzem as atitudes e profissões dos pais, promoveu-se uma articulação do interesse manifestado neste conteúdo com a família e a construção da árvore genealógica a decorrer.</p> <p>Desde o dia em que nascem as crianças vivem numa família que dá forma às suas crenças, atitudes e ações, sendo fundamental o educador tentar compreender e respeitar a família de cada criança, encorajando-as a verem-se a si próprios e aos outros como sendo pessoas de valor e membros participantes da sociedade (Hohmann & Weikart, 2009).</p> <p>Por outro lado, a criança desde cedo apresenta interesse pela vida do adulto, surgindo as profissões com frequência nas suas atividades de faz de conta (Fernandes, 2010).</p> <p>Assim, e tendo em conta que a maioria das primeiras escolhas das crianças, nas atividades espontâneas, vão ao encontro das suas vivências</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>colegas a descobrir qual era. As imagens colocadas no interior tinham como objetivo ajudar as crianças nas pistas a dar aos colegas, não tendo necessariamente que utilizar aquelas.</p> <p>De forma a não prolongar por demasiado tempo o jogo e para evitar que se sentissem saturadas, foram realizadas apenas as 7 caixinhas mas é uma atividade possível de ser retomada, havendo a possibilidade de serem construídas mais e se irem acrescentando profissões, de acordo com os seus interesses.</p> <p>Uma vez que o grupo ainda demonstra alguma dificuldade em deixar os colegas responder e esperar pela sua vez de falar, a atividade poderia ter resultado melhor em pequeno grupo, uma vez que, não tendo sido feita dessa forma e tendo em conta estas circunstâncias, teve de ser interrompida algumas vezes para chamar a atenção das crianças e apelar ao respeito pelos colegas. No entanto, de um modo geral, a atividade decorreu de forma esperada e as crianças revelaram bastante interesse na mesma, tendo pedido para continuar o jogo.</p> <p>Esta interação lúdica com as profissões é uma via de estreitar relações com a família, de as próprias crianças conhecerem melhor as profissões dos seus familiares e porque é que cada um é importante e útil</p>	<p>diárias e da sua interação com as pessoas mais próximas, tornou-se preponderante conhecer um pouco mais das raízes e do dia-a-dia da sua família.</p> <p>Neste sentido, a escolha das profissões a utilizar no jogo partiu da observação do grupo e das suas brincadeiras, bem como da análise dos dados biográficos das famílias, recolhidos no início do ano e já conhecidos pelas mestrandas.</p> <p>Pretendendo acompanhar o interesse das crianças e sustentando-se no gosto por elas manifestado em surpresas e desafios, as mestrandas optaram pela construção de caixas surpresa que se constituíram como um excelente meio para manter a motivação e o entusiasmo na atividade.</p> <p>O início da atividade foi também preponderante para despertar a curiosidade das crianças para a atividade: as caixas foram escondidas em diferentes locais da sala levando as crianças a procurar “algo que não pertencia” à mesma.</p> <p>Como a Inês referiu, a atividade foi desenvolvida em grande grupo para que todas as crianças pudessem interagir com as caixas e o jogo. No entanto, sendo mais um recurso disponível na sala, pretende-se não só que o número de</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>naquilo que faz e de que forma pode ajudar os outros no seu dia-a-dia.</p> <p>A abordagem High-Scope presta especial atenção à família, defendendo que a escola se deve assemelhar cada vez mais à casa (Hohmann & Weikart, 2009) e, dado ser essa a metodologia em prática na sala, procurou-se ir de encontro a esse princípio "trazendo" a família e alguns elementos que a caracterizam para a sala de aula.</p>	<p>profissões vá aumentando consoante os interesses e necessidades, mas também permitir uma exploração autónoma e espontânea do jogo no futuro.</p> <p>Importa salientar que a postura da Inês foi essencial para manter a motivação na atividade pois como já referido, existiam apenas sete caixas que, apesar de terem passado de mão em mão no fim, foram manipuladas (durante o jogo) pelas crianças que as encontraram. A Inês revelou uma evolução significativa ao longo da prática pedagógica supervisionada sendo agora capaz de apresentar uma atitude dinâmica e enérgica que tornou possível manter o interesse no jogo.</p> <p>Revelou, de igual modo, uma postura firme e atenta (e sempre amigável) que lhe permitiu orientar a atividade e apelar à concentração das crianças e ao respeito pelos colegas simultaneamente.</p> <p>De um modo geral, a atividade correu de acordo com as expectativas sendo apenas de referir que o tempo de exploração das imagens por toda a turma poderia ter sido menor evitando-se alguma dispersão no fim do jogo.</p> <p>Para terminar, salienta-se que as crianças foram</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Aluna Observada: Inês Bastos
Aluna Observadora: Rita Norton

Narrativa Colaborativa
Jardim-de-Infância da Vilarinha

		capazes de identificar as características de cada profissão em questão, sugerindo ainda novas pistas a colocar nas caixas.
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referências Bibliográficas:

- Hohmann, M.; Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vasconcelos, T. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Fernandes, A. (2010). *Relatório Final de Estágio*. Relatório apresentado à Escola Superior de Educação no âmbito de Prática de Ensino Supervisionado em Educação Pré-Escolar para a Obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Bragança. Bragança: Escola Superior de Educação

ANEXO XI
4^a Narrativa Colaborativa Corrigida

<p>interação com os outros. Tal como esse conhecimento do mundo deve ser proporcionado à criança, também o conhecimento das profissões e seu papel na sociedade, sendo conceitos que deverão adquirir desde o pré-escolar, favorecendo a construção plena da sua cidadania (Vasconcelos, 1997).</p> <p>A sua integração na sociedade passa também pelo exercício de uma profissão no futuro e o respeito e compreensão sobre a utilidade de cada uma, sendo por isso essencial que interajam desde cedo com profissões diversificadas.</p> <p>Uma vez que o jogo contribui de forma significativa para a construção e compreensão de conhecimentos e para a consolidação dos mesmos, procurou-se tomar partido das suas potencialidades e usar esta metodologia para a exploração dos conceitos.</p> <p>Neste jogo, privilegiaram-se as áreas da expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral, e a área de formação pessoal e social.</p> <p>O jogo era constituído por 7 caixas pequenas, cada uma com a imagem de uma profissão colada na parte de dentro da tampa e com 4 imagens alusivas a essa mesma profissão colocadas no interior da caixa. A criança com a caixa tinha de a abrir, ver qual era a profissão representada e, através de pistas, levar os</p>	<p>crianças em idade pré-escolar devem explorar no sentido da construção plena da sua cidadania (Vasconcelos, 1997).</p> <p>Por outro lado, e tendo consciência que as crianças do grupo desenvolvem frequentemente “brincadeiras” onde reproduzem as atitudes e profissões dos pais, promoveu-se uma articulação do interesse manifestado neste conteúdo com a família e a construção da árvore genealógica a decorrer.</p> <p>Desde o dia em que nascem as crianças vivem numa família que dá forma às suas crenças, atitudes e ações, sendo fundamental o educador tentar compreender e respeitar a família de cada criança, encorajando-as a verem-se a si próprias e aos outros como sendo pessoas de valor e membros participantes da sociedade (Hohmann & Weikart, 2009).</p> <p>Por outro lado, a criança desde cedo apresenta interesse pela vida do adulto, surgindo as profissões com frequência nas suas atividades de faz de conta (Fernandes, 2010).</p> <p>Assim, e tendo em conta que a maioria das primeiras escolhas das crianças, nas atividades espontâneas, vão ao encontro das suas vivências</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>colegas a descobrir qual era. As imagens colocadas no interior tinham como objetivo ajudar as crianças nas pistas a dar aos colegas, não tendo necessariamente que utilizar aquelas.</p> <p>De forma a não prolongar por demasiado tempo o jogo e para evitar que se sentissem saturadas, foram realizadas apenas as 7 caixas mas é uma atividade possível de ser retomada, havendo a possibilidade de serem construídas mais e se irem acrescentando profissões, de acordo com os seus interesses.</p> <p>Uma vez que o grupo ainda demonstra alguma dificuldade em deixar os colegas responder e esperar pela sua vez de falar, a atividade poderia ter resultado melhor em pequeno grupo, uma vez que, não tendo sido feita desta forma e tendo em conta estas circunstâncias, teve de ser interrompida algumas vezes para chamar a atenção das crianças e apelar ao respeito pelos colegas. No entanto, de um modo geral, a atividade decorreu de forma esperada e as crianças revelaram bastante interesse na mesma, tendo pedido para continuar o jogo.</p> <p>Esta interação lúdica com as profissões é uma via de estreitar relações com a família, de as próprias crianças conhecerem melhor as profissões dos seus familiares e porque é que cada um é importante e útil</p>	<p>diárias e da sua interação com as pessoas mais próximas, tornou-se preponderante conhecer um pouco mais das raízes e do dia-a-dia da sua família.</p> <p>Neste sentido, a escolha das profissões a utilizar no jogo partiu da observação do grupo e das suas brincadeiras, bem como da análise dos dados biográficos das famílias, recolhidos no início do ano e já conhecidos pelas mestrandas.</p> <p>Pretendendo acompanhar o interesse das crianças e sustentando-se no gosto manifestado em surpresas e desenhos, as mestrandas optaram pela construção de caixas surpresa que se constituíram como um excelente meio para manter a motivação e o entusiasmo na atividade.</p> <p>O início da atividade foi também preponderante para despertar a curiosidade das crianças para a atividade: as caixas foram escondidas em diferentes locais da sala levando as crianças a procurar "algo que não pertencia" à mesma.</p> <p>Como a Inês referiu, a atividade desenvolveu em grande grupo para que todas as crianças pudessem interagir com as caixas e o jogo. No entanto, sendo mais um recurso disponível na sala, pretende-se não só que o número de</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

[A011] Comentário: muito bem numa perspetiva de progressivamente ir em

[A04] Comentário: fazer outras das

[A05] Comentário: E como vai a

objetivo?

	<p>naquilo que faz e de que forma pode ajudar os outros no seu dia-a-dia.</p> <p>A abordagem High-Scope presta especial atenção à família, defendendo que a escola se deve assemelhar cada vez mais à casa (Hohmann & Weikart, 2009) e, dado ser essa a metodologia em prática na sala, procurou-se ir <u>de encontro</u> a esse princípio "trazendo" a família e alguns elementos que a caracterizam para a sala de aula.</p>	<p>profissões vá aumentando consoante os interesses e necessidades, mas também permitir uma exploração autónoma e espontânea do jogo no futuro.</p> <p>Importa salientar que a postura da Inês foi essencial para manter a motivação na atividade pois como já referido, existiam apenas [A06] Comentário: ao que, apesar de terem passado de mão [A07] Comentário: para fim, foram manipuladas (durante o [A08] Comentário: atividade crianças que as encontraram. A Inês revelou uma evolução significativa ao longo da prática pedagógica supervisionada sendo agora capaz de apresentar uma atitude dinâmica e enérgica que tomou possível manter o interesse no jogo.</p> <p>Revelou, de igual modo, uma postura firme e atenta (e sempre amigável) que lhe permitiu orientar a atividade e apelar à concentração das crianças e ao respeito pelos colegas simultaneamente.</p> <p>De um modo geral, a atividade correu de acordo com as expectativas sendo apenas de referir que o tempo de exploração das imagens por toda a turma poderia ter sido menor evitando-se alguma dispersão no fim do jogo.</p> <p>Para terminar, salienta-se que as crianças foram</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referências Bibliográficas:	capazes de identificar as características de cada profissão em questão, sugerindo ainda novas pistas a colocar nas casilhas.
-----------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- Hohmann, M.; Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vasconcelos, T. (1997). *Orientações Curriculares para o Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Fernandes, A. (2010). *Relatório Final de Estágio. Relatório apresentado à Escola Superior de Educação no âmbito de Prática de Ensino Supervisionado em Educação Pré-Escolar para a Obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar*. Instituto Politécnico de Bragança. Bragança: Escola Superior de Educação

[A012] Comentário: nota alguma tendência para fazer um trabalho mais centrado na exploração de conteúdos... o autor estabelece o que pretende observar e o que pretende observar e o que pretende observar.

ANEXO XII
1ª Planificação Semanal

PLANIFICAÇÃO SEMANAL - DE 25 DE FEVEREIRO A 1 DE MARÇO DE 2013					
<p>Instituição: EBI/JI Vilarinha</p> <p>Equipa Educativa: Educatora: M^a Carmo Almeida Assistente Técnica: Sofia Botelho/Suzana Valente Estragárias: Inês Bastos; Rita Norton</p> <p>Sala: Pré-A</p> <p>Objetivos de Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a capacidade de identificação de diferenças e semelhanças entre tempos diferentes; • Promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita através da capacidade de descrever lugares reais ou imaginários e representá-los através do desenho; • Estimular a capacidade de criar objetos, cenas reais ou imaginadas, em formato tridimensional, utilizando materiais de diferentes texturas, formas e volumes; • Promover o desenvolvimento motor através de jogos, cumprindo as suas regras e realizando as ações características desses jogos: posições de equilíbrio, deslocamento e combinações de diferentes apoios; 					
		<p>Necessidades de desenvolvimento evidenciadas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de identificação e exploração de tempos históricos distintos 		<p>Interesses evidenciados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Através de uma atividade orientada pela educadora, no início do ano, denominada de "Chuva de ideias", as crianças revelaram interesse na temática dos castelos. 	
PLANO DE AÇÃO					
	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
M	¹ Acolhimento	¹ Acolhimento	¹ Acolhimento	¹ Acolhimento	¹ Acolhimento
A	Domínio das expressões – expressão plástica:	Domínio das expressões – expressão motora:	Domínio das expressões – expressão plástica:	Domínio das expressões – Expressão Musical:	Domínio das expressões – expressão plástica:
N	² Construção do domínio histórico – recolha dos pacotes de leite trazidos pelas crianças e breve explicação sobre a atividade a realizar de seguida; atividade plástica de forrar os pacotes de leite orientada pela educadora	¹ Atividade de expressão motora: - aquecimento com o jogo "o rei apanha" -jogo "o rei manda" -relaxamento	¹ Construção do domínio histórico – explicação sobre a utilidade dos pacotes de leite forrados; continuação da forragem dos pacotes de leite e escolha das imagens a utilizar. (RN, IB)	¹¹ Audição e aprendizagem da canção "Afonso nasceu valente" (IB, RN)	¹¹ Finalização da construção do domínio histórico (IB, RN)
H				Higiene Pessoal Lanche da manhã	Higiene Pessoal Lanche da manhã
Á				Higiene Pessoal	Higiene Pessoal
					¹¹ Exploração livre do domínio histórico (IB, RN)
				Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita/área do conhecimento do mundo:	Higiene Pessoal
				¹² Exploração das imagens do domínio: conversa com os alunos sobre o vestuário, os hábitos e as	

	Atividades de jogo espontâneo nas diferentes áreas da sala		power point e exploração da história "D. Afonso Henriques o Conquistador", de Ana Oom. (IB)	habitagens da época e tempo dos castelos (RN)	
	Atualização do material		Higiene Pessoal	Higiene Pessoal	
ALMOÇO					
TAREDE	<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita:</p> <p>«prendizagem e exploração de uma lengalenga (MC)</p> <p>Higiene Pessoal</p> <p>Lanche da tarde</p> <p>Higiene Pessoal</p>	<p>7 Jogo – exploração do sentido da audição através de uma nova abordagem à lengalenga aprendida anteriormente</p> <p>Higiene Pessoal</p> <p>Lanche da tarde</p> <p>Higiene Pessoal</p>	<p>8 Atividade de registo da história "D.Afonso Henriques o Conquistador", de Ana Oom</p> <p>Higiene Pessoal</p> <p>Lanche da tarde</p> <p>Higiene Pessoal</p>	<p>Domínio das expressões – expressão plástica:</p> <p>11 Continuação da construção do domínio histórico – colagem das imagens (IB,RN)</p> <p>Higiene Pessoal</p> <p>Lanche da tarde</p> <p>Higiene Pessoal</p>	<p>10 Exploração orientada do domínio histórico (RN)</p>
<p>Recursos Pedagógicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gestão do Grupo: Individual: 2,3,6,8,10,13,14 Pequeno grupo:15 Grande grupo: 1,4,5,7,9,11, 12,16 • Gestão do Espaço: Área de acolhimento: 1,4,7, 9,11 Mesas de trabalho: 2,8,10,15,16 Todas as áreas: 3 Polivalente: 5,6 • Gestão dos Materiais: 2: pacotes de leite, tesouras, papel autocolante 8: pacotes de leite, tesouras, papel autocolante e imagens 9: computador, projetor, cd de áudio "D.Afonso Henriques o Conquistador", de Ana Oom, leitor de cd 10: Folhas brancas, lápis de cor ou outros materiais de desenho 11: leitor de cd, cd de áudio "D.Afonso Henriques o Conquistador", de Ana Oom 12,13 e 14: imagens escolhidas para a construção do domínio <p>Áreas de conteúdo e domínios predominantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área de expressão e comunicação: - Domínio das expressões motora, plástica e musical; - Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. • Área do conhecimento do Mundo. • Área de Formação Pessoal e Social 					

15 e 16: domínio	
<p>Responsável pela dinamização das Atividades: (B) – Atividade orientada pela estagiária Inês Bastos (RN) – Atividade orientada pela estagiária Rita Norton (MC) – Educadora Maria do Carmo</p>	

ANEXO XIII
1ª Planificação Semanal Corrigida

	Áreas da sala Arrumação do material Higiene Pessoal		Henriques Conquistador", de Ana Oom. (IB) Higiene Pessoal	Higiene Pessoal	
	ALMOÇO				
T	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita:	Jogo - exploração do sentido da audição através de uma nova abordagem à linguagem aprendida anteriormente.	"Atividade de registo da história "D. Afonso Henriques o Conquistador", de Ana Oom.	Domínio das expressões - expressão plástica: "Continuação da construção do domínio histórico - coagem das imagens (B, RN)	"Exploração orientada do domínio histórico (RN)
A	exploração de uma linguagem orientada para educadora Maria do Carmo)	Higiene Pessoal Lanche da tarde	Higiene Pessoal Lanche da tarde	Imagens (B, RN)	Higiene Pessoal Lanche da tarde
R	Higiene Pessoal	Higiene Pessoal	Higiene Pessoal		Higiene Pessoal
D	Higiene Pessoal	Higiene Pessoal	Higiene Pessoal		Higiene Pessoal
E	Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal	Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal	Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal		Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal
Recursos Pedagógicos:	<ul style="list-style-type: none"> Gestão do Grupo: <ul style="list-style-type: none"> Individual: 2,3,6,8,10,13,14 Pequeno grupo: 15 Grande grupo: 1,4,5,7,9,11, 12,16 Gestão do Espaço: <ul style="list-style-type: none"> Área de acolhimento: 1,4,7, 9,11 Mesas de trabalho: 2,8,10,15,16 Todas as áreas: 3 Pólvora: 5,6 Gestão dos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> 2: pacotes de leite, tesouras, papel autocolante 8: pacotes de leite, tesouras, papel autocolante e imagens 9: computador, projetor, cd de áudio, nome do cd? leitor de cd nome do livro? 10: folhas brancas, lápis de cor ou outros materiais de desenho 11: leitor de cd, cd de áudio nome do cd? 12,13 e 14: imagens escolhidas para a construção do domínio 				
	<p>Áreas de conteúdo e domínios predominantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> Domínio das expressões motora, plástica e musical; Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. Área do conhecimento do Mundo. Área de Formação Pessoal e Social <p>A ideia é que estas áreas estejam numeradas ou com algum símbolo que depois esteja junto de cada atividade para se enquadrar a predominância da atividade.</p>				

[MO] Comentário: A

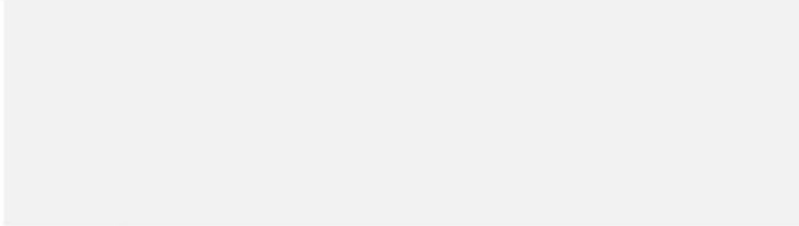
15 e 16. domini

Responsável pela dinamização das Atividades:

(B) – Atividade orientada pela estagiária Inês Bastos

(PN) – Atividade orientada pela estagiária Rita Norton

MC – [Educação Moral do Círculo](#)



ANEXO XIV
Planificação semanal de 3 a 7 de junho

PLANIFICAÇÃO SEMANAL – De 3 A 7 DE JUNHO DE 2013					
<p>Necessidades de desenvolvimento evidenciadas</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de EC – ED/EM: as crianças revelam dificuldade ao nível da expressão corporal (AM); AL,BA,GA,GR,MF,ML,CC). Área de EC – DLOAE: as crianças revelam dificuldade ao nível da expressão oral (AM); AL,BA,FF,GA,GR,MF,ML). Área de EC – EP: as crianças revelam um estreito conhecimento ao nível das diferentes modalidades expressivas – pintura, escultura, entre outros - das obras de arte (AM); AL,BA,FF,GA,GR,MF,ML). <p>Interesses evidenciados:</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de EC – EM: as crianças revelaram interesse na exploração de atividades rítmicas como danças e coreografias (AL; AM; BR; CC; LC; NS; RS; SM; SS; ZS;VC) Áreas de CM e FPS: todas as crianças revelaram interesse em atividades que envolvem direta ou indiretamente as suas famílias. Áreas de FPS e EP: todas as crianças revelaram interesse na participação na preparação da festa final de ano; <p>Resultados de aprendizagem evidenciados</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de EC – EM: todas as crianças foram capazes de realizar os 	<p>Instituição: EB1/JI Vilasinha</p> <p>Equipa Educativa: Educadora: M^a Carmo Almeida Assistente Técnica: Sofia Botelho Estagiárias: Inês Bastos; Rita Norton</p> <p>Sala: Pré-A</p>	<p>Objetivos de Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> Promover o desenvolvimento da coordenação geral, dos deslocamentos, do equilíbrio e da manipulação de objetos; Promover o desenvolvimento da capacidade de expressão pessoal e corporal no espaço e em estruturas rítmicas simples; Promover o desenvolvimento da capacidade de criar e recriar movimentos de acordo com o estímulo musical; Estimular o desenvolvimento da linguagem oral e abordá-la à escrita; Estimular o reconhecimento da identidade pessoal e social da criança, bem como o reconhecimento de laços de pertença a uma família e dos seus graus de parentesco; Estimular o reconhecimento da existência de diferentes profissões e do seu contributo para o desenvolvimento da sociedade; Promover o desenvolvimento da cooperação, da entejada e do respeito pelo outro; Estimular o gosto e a curiosidade por obras de arte; Promover o desenvolvimento da capacidade de identificação das necessidades fisiológicas e evolutivas dos animais, nomeadamente das larvas e das borboletas; 			
	<p>M</p> <p>A</p> <p>N</p> <p>H</p> <p>À</p>	<p>SEGUNDA-FEIRA</p> <p>¹ Acolhimento</p> <p>² Dia da criança: realização de atividades no Parque da Cidade (EM/FPS)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da manhã Higiene pessoal</p> <p>³ Dia da criança: realização de atividades no Parque da Cidade (EM/FPS)</p>	<p>TERÇA-FEIRA</p> <p>¹ Acolhimento</p> <p>⁵ Continuação da construção da árvore genealógica de cada criança (MC) (FPS/CM/DLOAE)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da manhã Higiene pessoal</p> <p>⁶ Atividades de jogo espontâneo nas diferentes áreas da sala</p>	<p>QUARTA-FEIRA</p> <p>¹ Acolhimento</p> <p>⁸ Expressão Motora (MC) Aquecimento: jogo dos animais -as crianças são divididas em dois grupos (o grupo das larvas e o grupo das borboletas): as larvas, a rastejar, devem tentar apanhar as borboletas; se as borboletas forem apanhadas transformam-se em larvas e devem tentar apanhar as restantes borboletas. (RN) Jogo da Glória Humano: as crianças jogam o jogo lançando dado e avançando</p>	<p>QUINTA-FEIRA</p> <p>¹ Acolhimento</p> <p>¹⁰ Exploração da obra Popoilas e Borboletas de Vincent Van Gogh (RN) (EP/CM)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da manhã Higiene Pessoal</p> <p>¹¹ Preparação da festa final – dança do mar (EM/FPS)</p>

<p>movimentos ao nível dos deslocamentos e do equilíbrio;</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Área de EC - EM</u>: as crianças foram capazes de realizar o rolamento à frente autonomamente (BR; CC; DC; GC; IR; LC; NS; RB; RS; SM; SS; ZS; VC); • <u>Área de FPS e CM</u>: todas as crianças foram capazes de reconhecer os seus familiares nas fotografias; • <u>Área de FPS e OM</u>: as crianças foram capazes de identificar e compreender os laços de parentesco entre os seus familiares (AL; AM; BR; CC; FF; GC; IR; LC; MCS; MIMo; NS; RB; RS; SM; SS; ZS; VC) • <u>Área de FPS e área de EC - EP</u>: todas as crianças foram capazes de colaborar na realização do registo das profissões; 	<p>Higiene pessoal</p>	<p>Higiene Pessoal</p>	<p>consoante o número e realizando as habilidades respectivas (IB/RN)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades rítmicas e expressivas: preparação para a festa final – dança do mar (RN); - Relaxamento: as crianças sentam-se em silêncio e respiram fundo, ouvindo a respiração dos colegas. 	<p>Higiene Pessoal</p>	
ALMOÇO					
<p>T</p> <p>A</p> <p>R</p> <p>D</p> <p>E</p>	<p>9 Dia da criança: realização de atividades no Parque da Cidade (EM/FPS)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal</p>	<p>7 Continuação da construção da árvore genealógica de cada criança (MC) (FPS/CM)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal</p>	<p>9 Observação e exploração da evolução dos bichos-da-seda: registo do número de dias no estado de larva e do seu ciclo de vida (IB/RN) (CM/DM)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal</p>	<p>17 Construção do cenário para a festa final de ano (IB/RN) (EP/FPS)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal</p>	<p>15 Realização da avaliação do comportamento e da semana (IB/RN) (FPS/DM/DLOAE)</p> <p>16 Preparação da festa final – dança do mar (IB/RN) (EM/FPS)</p> <p>Higiene Pessoal Lanche da tarde Higiene Pessoal</p>
<p>Recursos Pedagógicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gestão do Grupo: Individual: 5.6.7.15 Grande grupo: 1.2.3.4.8.9.10 Pequeno grupo: 1.1.12.13.14 • Gestão do Espaço: <p>Áreas de conteúdo e domínios predominantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área de expressão e comunicação: - Domínio das expressões motora, plástica, musical e dramática (EM/EP/EM/ED) • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita (DLOAE) • Área do conhecimento do Mundo (CM) • Área de Formação Pessoal e Social (FPS) 					

<p>Área de acolhimento: 1,9,10,13 Mesas de trabalho: 5,7,12 Polivalente: 8,11,14 Exterior: 2,3, 4 Todas as áreas da sala: 6</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gestão dos Materiais: 5 e 7: marcadores de cores, lápis de cor, papel, cola, tesoura, fotografias da família, imagens das profissões. 8: jogo da gibria humano, dado, arcos. 9: Lagarta feita de cartolina, lápis, caixa com os bichos de seda. 10: Imagens da pintura a óleo Popoilos e Borboletas de Vincente Van Gogh; telas brancas; tinta; tesouras; colas; 12: marcadores de cor, lápis de cor, tintas, cola, tesouras, papel de cenário, papel autocollante, tecidos 13: imagens de profissões 15: caixa de avaliação do comportamento e de atividades; 	<p>Instrumentos de observação/avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelha geral de avaliação (anexo A) • Grelha geral de avaliação da semana (anexo B)
<p>Responsável pela dinamização das Atividades: (IB) –Inês Bastos/ (RN) –Rita Norton (MC) –Educatora Maria do Carmo</p>	

ANEXO XV
Planificação Semanal de 11 a 14 de junho

PLANIFICAÇÃO SEMANAL – De 11 A 14 DE JUNHO DE 2013					
Necessidades de desenvolvimento evidenciadas <ul style="list-style-type: none"> Área de FPS e de CM: as crianças revelam dificuldade ao nível da circulação na rua, evidenciada nas deslocções para as visitas de estudo (AM; AP; BA; DC;GA;GR;MCS;MF;ML;MMo; NS; RS; SS) Área de FPS e de CM: as crianças revelam dificuldade no reconhecimento de diferentes tipos de meio de transporte (AM; AL;BA;GA;GR;MF;ML;MCS; MMo; SS). Área de EC – EM: as crianças revelam dificuldade ao nível da orientação espacial nas atividades de dança (AP;DC; GC; MMo; NS; RS; SS; VC) 	Instituição: EB1/JI Vilarinho Sala: Pré-A	Equipa Educativa: Educadora: M ^a Carmo Almeida Assistente Técnica: Sofia Botelho Estagiárias: Inês Bastos; Rita Norton			
		Objetivos de Desenvolvimento: <ul style="list-style-type: none"> Promover o desenvolvimento da coordenação geral, dos deslocamentos, do equilíbrio e da manipulação de objetos; Promover o desenvolvimento da capacidade de expressão pessoal e corporal no espaço e em estruturas rítmicas simples; Promover o desenvolvimento da orientação espacial; Promover o desenvolvimento da capacidade de criar e recriar movimentos de acordo com o estímulo musical; Estimular o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita; Estimular o conhecimento da existência de diferentes tipos de meio de transporte bem como da sua importância no dia-a-dia das crianças e dos adultos; Promover o conhecimento das regras de segurança e dos cuidados a ter nas deslocções a pé ou de carro; Promover o desenvolvimento da cooperação, da ajuda e do respeito pelo outro; Promover o reconhecimento dos castelos explorados anteriormente, nomeadamente o de Santa Maria da Feira, e do modo de vida da sua respectiva época histórica; 	SEGUNDA-FEIRA FERIADO	TERÇA-FEIRA ¹ Acolhimento ² Continuação da construção dos adereços e do cenário para a festa final de ano (MC) Higiene Pessoal Lanche da manhã Higiene Pessoal ³ Atividade de jogo espontâneo nas diferentes áreas da sala	QUARTA-FEIRA ¹ Acolhimento ⁴ Viagem a Santa Maria da Feira – Visita ao Castelo (CM/FPS)
PLANO DE AÇÃO					
Interesses evidenciados: <ul style="list-style-type: none"> Área do EC – EP: as crianças revelaram interesse na construção de aviões de papel (AP;BA;BR;CC;GC;GR;MM; NS;LC; RS; SM; ZS; VC) Área do EC – EM: todas as crianças revelaram interesse na realização de atividades que envolvem movimento e atividades rítmicas; Áreas de FPS e EP: todas as crianças revelaram interesse na participação na preparação da festa final de ano; Resultados de aprendizagem evidenciados					

<p>Poivalente: 7, 8, 11 Exterior: 5,6,9 Todas as áreas da sala: 3</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gestão dos Materiais: 2 e 4: papel de cenário, tintas, pincéis, papel 7: semáforo, arcos, triciclo, banco suco, fita de plástico, colchões, leitor de cd, música "Anda comigo ver os aviões", dos Azeitonas. 8 e 11: arcos, leitor de cd, música da festa final "Aqui no Mar", do filme "A pequena sereia" 10: folhas de papel, sinais de trânsito, colete refletor, imagens dos meios de transporte. 12: Computador, colunas, projetor, tela 	<p>Instrumentos de observação/avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grilha geral de avaliação (anexo A) • Grilha geral de avaliação da semana (anexo B)
<p>Responsável pela dinamização das Atividades: (IB) –Inês Bastos/ (RN) –Rita Norton (MC) –Educatória Maria do Carmo</p>	

ANEXO XVI
História “O Reino do Castelo Encantado”

O Reino do Castelo Encantado

Era uma vez, num reino muito distante, uma família de mágicos que transformaram uma casa num castelo onde viviam princesas, príncipes, rainhas e reis. Um dia, um dos reis e uma rainha casaram-se. A esse casamento foram muitas pessoas e divertiram-se muito a dançar. Depois de dançar, como tinham muita fome, foram comer.

A certa altura, apareceu uma feiticeira má que transformou o cavalo dos reis num corvo. O corvo voou em direção ao rei e à rainha assustando-os. Assustados, os reis fugiram para uma casa. Foi nessa casa que nasceu a princesa mas viviam todos com muito medo porque aquela era a casa da feiticeira.

Decidido a ajudar a família de reis, o corvo disse-lhes, um dia:

- Se querem livrar-se da feiticeira, dirijam-se à porta secreta e digam a senha “ABC” que ela se abrirá.

Sem pensar muito, os reis pegaram na princesa e foram procurar a porta. Procuraram muito até que finalmente encontraram. Muito nervosos tentaram abri-la mas enganaram-se na senha e disseram-na ao contrário por isso a porta não se abriu.

A dada altura apareceram dois irmãos cavaleiros e um príncipe que com muito esforço, lançaram a espada até conseguirem abrir a porta que caiu e se desfez. Admirados, entraram e encontraram uma borboleta num jardim. Esse jardim tinha um labirinto cheio de bonitas flores. Os reis decidiram apanhar algumas para levar consigo mas acabaram por se perder. Tiveram sorte porque apareceu a borboleta que os guiou para a saída, que tinha uma porta que os levava ao castelo.

Qual não foi o seu espanto quando lá chegaram e viram o seu lindo castelo a arder. Durante o tempo em que os reis estiveram fora, os inimigos do reino, dando pela falta do corvo, decidiram ir procurá-lo ao castelo. Não o encontraram e para se vingarem incendiaram o castelo.

Ao verem esta desgraça, os reis decidiram chamar o cavaleiro para os ajudar a apagar o fogo. O cavaleiro chegou muito rápido e veio a tempo de evitar que o castelo ardesse muito.

Quando tudo ficou bem, o rei decidiu que estava na altura de voltarem à sua vida normal e voltou às suas batalhas enquanto a rainha ficava no castelo a cuidar da princesa.

Enquanto cuidava da princesa, a rainha teve uma ideia para reconstruir o castelo e pediu a outros mágicos para a ajudarem. Todos juntos construíram por magia um novo castelo e conseguiram desfazer a magia da feiticeira, transformando o corvo de novo em cavalo.

ANEXO XVII
Questionário aos Pais sobre os Hábitos de Leitura

Questionário

Nota explicativa:

No âmbito do Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, estamos neste momento a desenvolver a nossa Prática Pedagógica no contexto educativo do seu educando. Somos um grupo de formandas da Escola Superior de Educação a terminar um ciclo de estudos que nos habilitará para a docência nestes dois níveis educativos.

Tendo em vista o enriquecimento e uma orientação mais significativa da nossa ação educativa, pretendemos dar destaque à promoção da Educação Literária. Nesse sentido, é para nós importante conhecer e compreender os hábitos de leitura dos seus educandos, sendo a sua colaboração, neste inquérito, de grande importância. Pedimos por isso que as suas respostas às questões que se seguem, sejam sinceras e fieis à realidade.

Deste modo, e cumprindo o rigor de natureza científica de tratamento da informação recolhida, será salvaguardado o sigilo das respostas, servindo a mesma apenas para os fins a que se destina.

Agradecemos desde já a sua colaboração.

Nome do Encarregado de Educação: _____

Nome do Educando: _____

Data: _____

Nota: Ao longo do questionário deve seleccionar a opção que na sua opinião é mais adequada.

1. Tem hábitos de leitura regulares?

Sim

Não

(Se respondeu negativamente, passe para a pergunta 7.)

2. Que motivação está por trás da leitura?

Recreativa

Pesquisa Bibliográfica

Profissional

Outro: _____

3. Qual o tipo de leitura a que dá preferência?

Jornais

Revistas

Leitura Técnica

Romance

Romance Histórico

Policial

Banda Desenhada

Ficção Científica

Biografias

Fantástico

Enciclopédias

Outros: _____

5. Com base em que critério(s) escolhe as obras que lê recreativamente?

Pelo autor

Pela capa e/ou

Por sugestão

Pelo filme

Pelo título

sinopse

Pelas críticas

Outros: _____

6. Costuma promover hábitos de leitura no seu educando?

Sim Se sim, porquê? _____

Não Se não, porquê? _____

7. Como costuma obter os livros?

Compra de obras literárias

Outros: _____

Visita a Biblioteca

8. Conhece o Plano Nacional de Leitura (PNL)?

Sim Se sim, como tomou conhecimento? _____

Não

9. Com base em que critérios escolhe as obras que disponibiliza ao seu educando?

Não se aplica Por sugestão Outro: _____

Pelo autor Pelo tema

Pertence ao PNL Pela capa e/ou resumo

10. Qual o género literário a que dá preferência na sua escolha?

Narrativo

Lírico (Poesia)

Dramático (Peça de teatro)

11. De que forma(s) acompanha as leituras do seu educando?

Lê para ele

Lê com ele

Não se aplica

12. Conhece a iniciativa "mochila vai e vem"?

Sim

Não

13. Costuma acompanhar a leitura dos livros que o seu educando leva para casa na mochila

"vai e vem"?

Sim

Não

Se sim, como? _____

14. Qual a sua opinião sobre esta iniciativa?

É irrelevante

É relevante mas insuficiente

É relevante e suficiente

Comentários/Observações:

ANEXO XVIII

Folha de Registo da experiência “Oceano numa garrafa”

QUESTÃO - PROBLEMA

O QUE VAMOS FAZER O QUE VAMOS PRECISAR

O QUE VAI ACONTECER E PORQUÊ

Vamos registar o resultado da nossa experiência!



O NOSSO RESULTADO

ANEXO XIX

Folha de Registo da experiência “Porque é que as folhas caem?”

QUESTÃO - PROBLEMA

O QUE VAMOS FAZER O QUE VAMOS PRECISAR

O QUE VAI ACONTECER E PORQUÊ

Vamos registrar o resultado da nossa experiência!

O NOSSO RESULTADO

O QUE APRENDI

ANEXO XX

Quadro síntese do empenhamento do adulto

QUALIDADES ENVOLVENTES PONTO 5	QUADRO SÍNTESE DO EMPENHAMENTO DO ADULTO					QUALIDADES NÃO-ENVOLVENTES PONTO 1
	Atitudes de total empenhamento	Atitudes predominantes de empenhamento com traços de não empenhamento	Atitudes nem de empenhamento nem de falta de empenhamento	Atitudes predominantes de falta de empenhamento com traços de empenhamento	Atitudes de Total falta de empenhamento	
SENSIBILIDADE	PONTO 5	PONTO 4	PONTO 3	PONTO 2	PONTO 1	SENSIBILIDADE
<p>Adulto:</p> <ul style="list-style-type: none"> tem um tom de voz encorajador faz gestos encorajadores e estabelece contacto visual com a criança é carinhoso e afectuoso respeita e valoriza a criança encoraja e elogia demonstra empatia com as necessidades e preocupações da cr. ouve a criança e responde-lhe fomenta a confiança da criança 						<p>Adulto:</p> <ul style="list-style-type: none"> tem um tom de voz rispido é frio e distante não liga à criança, não a respeita critica e rejeita a criança não demonstra empatia com as necessidades e preocupações da criança não ouve a criança e não lhe responde fala a outros sobre a criança como se esta estivesse ausente
<p>ESTIMULAÇÃO</p> <p>Intervenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> tem energia e vida é adequada corresponde às capacidades e Interesses da criança motiva a criança é diversificada e clara estimula o diálogo, a actividade ou o pensamento partilha e valoriza as actividades da cr. não verbal 						<p>ESTIMULAÇÃO</p> <p>Intervenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> feita de modo rotineiro falta de energia e entusiasmo não motiva a criança não corresponde aos interesses e às percepções da criança é pobre e falta-lhe clareza é confusa não é adequada corta o diálogo, a actividade e o pensamento
<p>AUTONOMIA</p> <p>Adulto:</p> <ul style="list-style-type: none"> permite que a cr. escolha e apoia a sua escolha dá oportunidades à cr. Para fazer experiências encoraja a criança a dar as suas ideias e a assumir responsabilidades respeita as opiniões da cr. sobre a qualidade dos trabalhos que realizou encoraja a cr. a resolver os conflitos, a elaborar e a aplicar regras 						<p>AUTONOMIA</p> <p>Adulto:</p> <ul style="list-style-type: none"> não permite à criança escolher e experimentar não encoraja a criança a dar ideias não dá responsabilidades à criança não permite que a criança dê opiniões sobre a Qualidade dos trabalhos que realizou é autoritário e impositivo aplica com rigidez as regras e não permite negociação

ANEXO XXI
Ficha de Avaliação Geral do Grupo

Ficha 1g

Fase 1 – Avaliação geral do grupo

Data:

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de implicação						Comentários
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?	
Nomes *													
1.													
2.													
3.													
4.													
5.													
6.													
7.													
8.													
9.													
10.													
11.													
12.													
13.													
14.													
15.													
16.													
17.													
18.													
19.													
20.													
21.													
22.													
23.													
24.													
25.													

* Colorir ou assinalar os nomes das crianças, na coluna da esquerda, de acordo com código seguinte:

- **Vermelho:** assinala as crianças que suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação (níveis baixos)
- **Laranja:** assinala as crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas
- **Verde:** assinala as crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência no jardim de infância (níveis altos)

Seguir para ficha 2g e/ou 2i

ANEXO XXII
Avaliação Geral do Grupo do mês de março

Avaliação geral do grupo

Data: 15/03/2013

Crianças		Nível geral de bem-estar					Nível geral de implicação					Comentários		
		1	2	3	4	5	?	1	2	3	4		5	?
Nomes *														
1.	AM				X					X				Só participa quando solicitado
2.	AP				X						X			-
3.	BA				X				X					Não participa. Dificuldade na expressão oral.
4.	BR					X						X		-
5.	CC					X						X		-
6.	DC				X						X			-
7.	FF		X					X						Falta muito o que não permite uma integração no grupo e nas atividades
8.	GC					X						X		-
9.	GR				X				X					Fez 3 anos no início do ano letivo
10.	GA			X						X				Parece "ausentar-se" de repente das atividades
11.	IR				X						X			Muito tímida
12.	LC					X						X		-
13.	MM	X								X				Chora com regularidade, mesmo quando está a participar nas atividades
14.	ML			X				X						Não participa autonomamente nem quando solicitada. Muito insegura.
15.	MS				X					X				Dificuldades na expressão oral e motricidade fina (muito trapalhosa)
16.	MF				X				X					3 anos. Envolve-se pouco nas atividades.
17.	MM				X					X				-
18.	NS					X						X		-
19.	RB					X						X		-
20.	RS					X						X		-
21.	SS					X					X			Só chega depois do lanche
22.	SM					X						X		-
23.	VC					X						X		-
24.	ZS					X						X		-
25.	AL				X					X				Raramente participa autonomamente. Só quando solicitada

Quadro adaptado de Portugal & Leavers (2010)

LEGENDA:

- Vermelho: crianças que suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação (níveis baixos)
- Laranja: crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas
- Verde: crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância (níveis altos)

Inês Bastos/Rita Norton

ANEXO XXIII
Avaliação Geral do grupo do mês de abril

Avaliação geral do grupo

Data: 30/04/2013

Crianças	Nível geral de bem-estar					Nível geral de implicação					Comentários
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
Nomes *											
1. AM				X				X			Só participa quando solicitado.
2. AP					X				X		Muito participativo. Revela alguma dificuldade em lidar com a frustração.
3. BA				X		X					Não participa. Dificuldade na expressão oral.
4. BR					X					X	Muito participativa.
5. CC					X					X	Muito participativa e ativa. Alguma dificuldade em ficar quieta na almofada.
6. DC					X				X		Participativo e interessado.
7. FF		X				X					Continua a falar constantemente. Chora quando chega (não acontecia anteriormente).
8. GC					X					X	Muito participativo. Alguma dificuldade em deixar os outros falar e em esperar pela sua vez.
9. GR				X			X				Melhorias ao nível do envolvimento nas atividades. Dificuldade na compreensão de determinados conceitos (imaturidade).
10. GA			X					X			Parece "susentar-se" de repente das atividades. Observou-se alguns comportamentos desajustados (mentiras).
11. IR				X					X		Muito tímida mas participativa.
12. LC					X					X	Muito participativa mas revela alguma dificuldade em esperar pela sua vez de falar.
13. MM	X							X			Chora com regularidade, mesmo quando está a participar nas atividades.
14. ML			X			X					Não participa autonomamente nem quando questionada. Muito inseguro.
15. NCC				X				X			Dificuldades na expressão oral e motricidade fina (muito trapejona).
16. NP				X			X				Melhoria na participação apesar de ainda ser reduzida.
17. NMC				X				X			Pouco participativa.
18. NS					X					X	Muito participativa e segura.
19. RB					X					X	Muito participativa e respeitadora das regras. Tem revelado alguma insegurança emocional (problemas familiares).
20. RS					X					X	Muito participativo mas revela alguma dificuldade em respeitar as regras.
21. SS					X				X		Só chega depois do lanche.
22. SM					X					X	Muito participativa. Alguma dificuldade em deixar os outros falar e em esperar pela sua vez.
23. VC					X					X	Muito participativo mas revela alguma dificuldade em respeitar as regras.
24. ZS					X					X	Muito participativa e segura.
25. AL				X					X		Participa quando solicitada mas não autonomamente.

Quadro adaptado de Portugal & Laevers (2010)

LEGENDA:

- Vermelho: crianças que suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação (níveis baixos)
- Laranja: crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas
- Verde: crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância (níveis altos)

Inês Bastos/Rita Norton

ANEXO XXIV
Avaliação Geral do Grupo do mês de maio

Avaliação geral do grupo

Data: 31/05/2013

Crianças	Nomes *	Nível geral de bem-estar					Nível geral de implicação					Comentários
		DE	DM	LOAE	CM	FPS	DE	DM	LOAE	CM	FPS	
1.	AM	4	4	3	4	4	3	3	3	4	3	Só participa quando solicitado; Revelou alguns comportamentos desajustados.
2.	AP	5	4	5	5	5	5	4	5	4	4	Muito participativo. Revela grande satisfação nas atividades de expressões.
3.	BA	3	3	3	4	4	2	2	3	3	3	Evolução ao nível da participação. Dificuldade na expressão oral.
4.	BR	5	4	5	5	5	5	4	5	5	4	Apesar de muito participativa e motivada, a BR revelou alguns comportamentos desajustados que levaram a alguma desconcentração.
5.	CC	5	5	5	5	4	5	5	5	5	4	Muito participativa e ativa. Revelou, no entanto, alguma tendência para o conflito em atividades coletivas.
6.	DC	5	5	5	5	5	4	5	4	5	4	Revelou-se bastante desconcentrado e com tendência para "brincadeiras" conflituosas.
7.	FF	2	2	2	2	2	2	3	1	2	2	Continua a faltar constantemente. Revelou algum desconforto na realização de atividades coletivas.
8.	GC	5	5	5	5	5	5	4	5	5	4	Vocabulário alargado. Alguns dificuldade em deixar os outros falar e em esperar pela sua vez. Tendência para "brincadeiras" conflituosas.
9.	GR	4	4	3	4	3	2	2	2	3	3	Melhorias ao nível do envolvimento nas atividades. Alguns dificuldade na partilha de objetos/briquetes.
10.	GA	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	Observou-se um aumento de ansiedade que se reflete em atitudes de choro. Revela dificuldade na memorização de factos.
11.	IR	4	3	3	4	4	4	3	3	4	4	Apesar da timidez ainda estrita presente, revelou melhorias ao nível da participação e interação com o adulto ou par.
12.	LC	5	4	5	5	4	5	4	5	5	4	Melhorias ao nível do respeito pelas regras de participação. Boa capacidade de memorização de canções, histórias e factos.
13.	MM	3	2	2	3	2	3	4	3	4	3	Revelou melhorias ao nível do bem-estar, chorando com menos regularidade, e participando mais vezes e com mais entusiasmo.
14.	ML	3	3	2	3	2	3	2	2	2	2	Mantém a sua insegurança. Após alguma insistência por parte do adulto, tem revelado melhorias ao nível de implicação atividades.
15.	MOS	4	4	3	4	3	3	3	3	3	3	Ainda revela dificuldades na expressão oral. Melhorias na motricidade fina. Alguns agressividade nas relações interpessoais.
16.	MP	3	4	3	4	4	2	2	2	3	3	Apesar de ter melhorado a sua implicação nas atividades, necessita de muito apoio por parte do adulto.
17.	MMO	5	3	3	5	4	4	3	3	3	4	Mantém-se pouco participativa e desconcentrada.
18.	NS	5	5	5	5	5	5	4	5	5	4	Muito confiante e segura. Tem revelado alguns comportamentos egoístas e uma certa tendência para os conflitos.
19.	RB	4	5	4	5	4	5	5	4	5	4	Muito participativa e respeitadora das regras. Tem revelado alguma insegurança emocional, nomeadamente em relação aos pares.
20.	RS	5	5	5	5	4	4	5	5	5	3	Muito participativo. Revela desejo de dominar as atividades, desrespeitando as regras e o Outro. Chora quando contrariado.
21.	SS	5	5	5	5	4	5	5	5	4	3	Só chega depois do lanche, faltando por vezes o que dificulta a avaliação.
22.	SM	5	4	4	5	5	5	5	5	5	4	Muito participativa. Revelou evolução ao nível do respeito pelo Outro e pelas regras de convivência.
23.	VC	5	5	5	5	4	5	5	5	5	3	Muito participativo. Revela desejo de dominar as atividades, desrespeitando as regras e o Outro.
24.	ZB	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	Muito confiante, segura e cumpridora das regras.
25.	AL	5	4	4	4	5	4	4	4	4	5	Melhoria ao nível da participação e da LOAE.

Quadro adaptado de Portugal & Laevers (2010)

LEGENDA NÍVEIS

- Vermelho: crianças que suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação (níveis baixos)
- Laranja: crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas
- Verde: crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância (níveis altos)

LEGENDA ÁREAS E DOMÍNIOS: DE: domínio das expressões; DM: domínio da matemática; LOAE: domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; CM: área do conhecimento do mundo; FPS: área de formação pessoal e social

Inês Bastos/Rita Norton

